

BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO
LETRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 1938

ANNO VIII

N.º 1

ESCREVEM NESTE NUMERO :

ADEMAR VIDAL — AFFONSO BANHOS
ARTHUR COELHO — AURELIO GOMES DE OLIVEIRA
EDGAR CAVALHEIRO — IVAN RIBEIRO
JOSE' BEZERRA GOMES — JOSE' MARIA SENNA
LINDOLFO COLLOR — MARIO BORGES DA FONSECA
MARQUES REBELLO — SERGIO SOARES

NESTE NUMERO :

Secções de:

CINEMA, DISCOS
e THEATRO

Paginas jornalisticas
de OLAVO BILAC

NESTE NUMERO :

"O NEGRINHO
DO PASTOREIO"

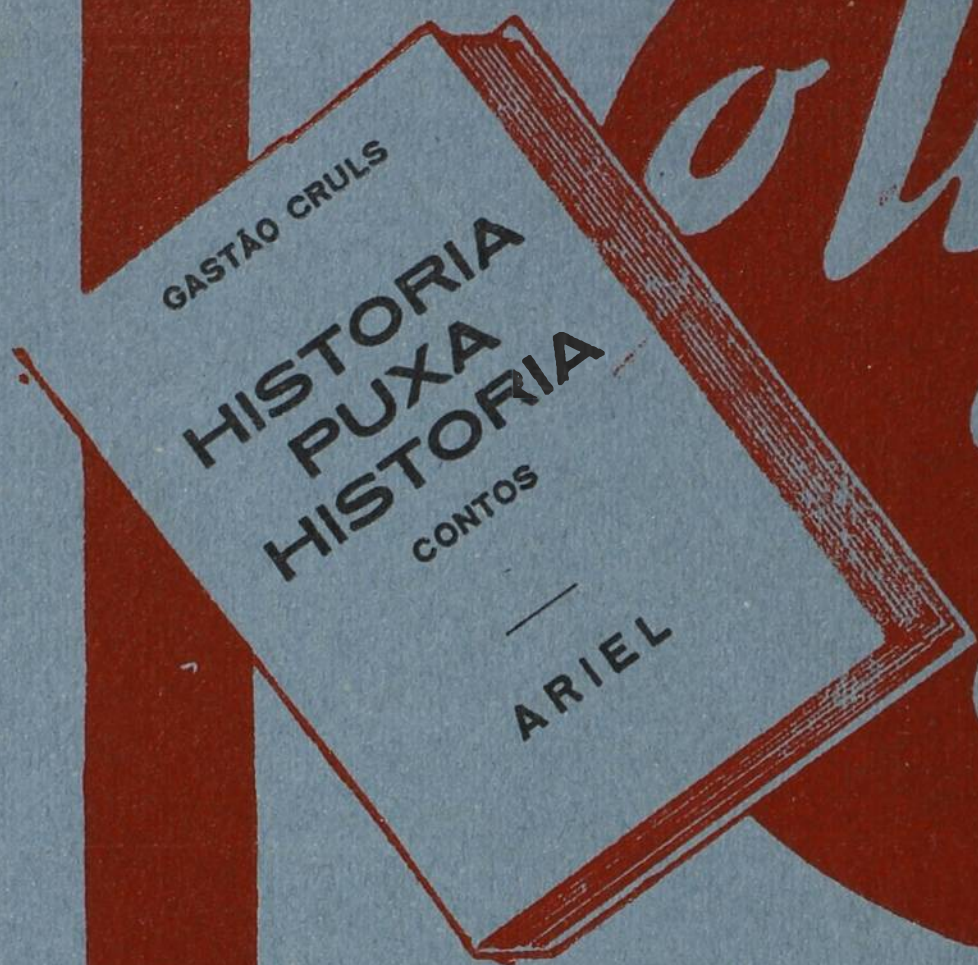
Lenda gaúcha de
J. SIMÕES LOPES NETO

"HISTORIA DE
GALLINHEIRO"

Conto inédito de
JORGE MILTON



PREÇO PARA TODO O BRASIL : 2\$000



*o livro
do
dia!*

ACABA DE APPARECER
O NOVO VOLUME DE CONTOS DE
Gastão Cruls:

Historia Puxa Historia

Summario:

CONTAS BRABAS — MÃE D'AGUA — ARREPEN-
DIMENTO — MEU SOSIA — CARTA DE OUTRO NAIPE
A PATATIVA — CIRCUITO DA GAVEA — INICIAÇÃO
O ESPELHO — DO OUTRO LADO — FAUNA EXOTICA
FIM DE VIAGEM



SEQUANA

O MELHOR LIVRO
FRANCEZ DO MEZ

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade francesa de edições, de renome universal, SEQUANA.

COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Champeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidencia de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'O *Economista*, director da *Revue Française du Bresil*; Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio*; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Lettras, ex-reitor da Universidade do Districto Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de lettras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

CONDIÇÕES GERAES DE ASSIGNATURAS

As assignaturas são pagas no acto da subscrição

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT B

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranche-fil et signet soie.

Rs. 300\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

ABONNEMENT C

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X— Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au choix).

Rs. 380\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT D

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à:

ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro, 162-1.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM).....

ADRESSE.....

VILLE..... ETAT.....

declare souscrire à.....abonnement..... SEQUANA

(Barrer les indications inutiles)

A à 160\$000 broché C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu rouge

B à 300\$000 relié plein cuir D à 500\$000 relié grand luxe fauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres.....

Je vous envoie ci-joint par chèque, par mandat-postal, par lettre chargée,

p. porteur, la somme de.....\$.....montant de.....abonnement.....

Signature.....

EDIÇÕES "ARIEL"

IMPORTANTE: Os assignantes do BOLETIM DE ARIEL, gosarão de um desconto de 20% sobre o preço destes livros quando os mesmos forem adquiridos directamente no nosso escriptorio, e de 10% quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte.

ENSAIOS

A. da Silva Mello — Problemas do Ensino Medico e de Educação	10\$000
Edson Lins — Historia e Critica da Poesia Brasileira ..	10\$000
Stendhal — Do Amor (Trad. de Marques Rebello e Corrêa de Sá)	15\$000
Estudos Afro-Brasileiros	12\$000
F. Contreiras Rodrigues — Traços da Economia Social e Politica do Brasil Colonial	12\$000
Paulo Prado — Paulistica — Historia de São Paulo 2. ^a edição augmentada	6\$000
Agrippino Grieco — Estrangeiros	8\$000
" " — S. Francisco de Assis e a Poesia Christã	8\$000
" " — Evolução da Prosa Brasileira....	10\$000
Gilberto Amado — Espirito do nosso Tempo — 2. ^a ed.	5\$000
" " — Dias e horas de vibraçao.....	5\$000
" " — A Dansa Sobre o Abysmo	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — A Vulgarização do Saber	7\$000
V. de Miranda Reis — Ensaio de Synthese Sociologica — 2. ^a edição augmentada	8\$000
Renato Kehl — Como Escolher um bom Marido — 2. ^a edição	4\$000
Octavio de Faria — Destino do Socialismo	10\$000
Luc Durtain — Imagens do Brasil e do Pampa — (Trad. de Ronald de Carvalho) 2. ^a edição	6\$000

ROMANCES E NOVELLAS

Gastão Cruls — Vertigem — 2. ^a edição	6\$000
Gastão Cruls — A Amazonia Misteriosa — 4. ^a edição	6\$000
Iago Joé — Bagunça	6\$000
Cornelio Penna — Fronteira	6\$000
Graciliano Ramos — S. Bernardo	6\$000
Lucia Miguel Pereira — Em Surdina	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — Almas Sem Abrigo ..	7\$000
Flavio de Carvalho — Os Ossos do Mundo	7\$000
Victor Axel — Germana	5\$000

ROMANCES DE AVENTURA

Georges Simenon — O mysterio de um morto	5\$000
" " — O cão amarelo	5\$000
" " — Um crime na Hollanda	5\$000

CONTOS

Gastão Cruls — Historia puxa Historia	8\$000
Rodrigo M. F. de Andrade — Velorios	6\$000
Roquette Pinto — Samambaia	6\$000
Marques Rebello — Tres Caminhos	5\$000
Gastão Cruls — Coivara	7\$000

TRADUCÇÕES DE GASTÃO CRULS

René-Albert Guzman — Ciume — 5. ^a edição	6\$000
J. Kessel — Luxuria — 4. ^o Milheiro	6\$000
T. S. Matthews — A Caminho da Força	6\$000

POESIA

D. Milano — Antologia de Poetas Modernos	6\$000
Maria Eugenia Celso — Fantasias e Matutadas	6\$000
Murilo Mendes — Historia do Brasil — Philosophia humoristica	5\$000

COLLECÇÃO "CRIMES CELEBRES"

Evaristo de Moraes — O Caso Pontes Visgueiro	6\$000
Vida e Morte de Maria Lafarge, a envenenadora	5\$000

JURISPRUDENCIA

José Julio Soares — Sociedades Cooperativas — 4. ^a edição — br.	15\$000
Traiano de Miranda Valverde — Sociedades Anonimas 1 vo l.— br.	50\$000
Traiano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1. ^a Parte, Vol. I — br.	30\$000
Traiano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1. ^a Parte, Vol. II — br.	25\$000
Traiano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 2. ^a , 3. ^a e 4. ^a Parte, Vol. III br.	30\$000

PEDAGOGIA

Baptista de Castro — Vocabulario Tupy-Guarany	7\$000
Celsina de Faria Rocha e Bueno de Andrade — Tests	10\$000

LITTERATURA INFANTIL

Paulo Guanabara — A Origem do Mundo — (1. ^o vol. da collecção: "Historias do Tio João")	8\$000
---	--------

PEDIATRIA

Dr. Suikire Carneiro — Roteiro das Mães (Alimentação da Creança) — 1. ^o vol.	6\$000
---	--------

CHIROMANCIA

Arhus Sab. — A mão e Seus Segredos — 3. ^a edição augmentada	10\$000
---	---------

NARRAÇÕES

Ranulpho Prata — Lampeão	6\$000
-----------------------------------	--------

CULINARIA

Maria de Lourdes — Arte de cosinhar (Petiscos e Petisqueiras) — 1.350 receitas — 2. ^a edição — vol. cart.	14\$000
--	---------

ECONOMIA E FINANÇAS

Kurt V. Eichborn — Ouro ou Dinheiro? e O Enigma do Dinheiro	3\$000
Alfredo Manes — Observações Economicas e Juridicas Sobre o Seguro	10\$000

COLLECTANEA

Boletim de Ariel — Anno I — Out. 1931-Set. 1932 — 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno II — Out. 1932-Set. 1933 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno III Out. 1933 — Set. 1934 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno IV — Out. 1934-Set. 1935 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno V Out. 1935-Set. 1936 — 1 vol., encad.	45\$000

BOLETIM DE ARIEL

EXPEDIENTE

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

GERENTE:

João Teixeira Soares Netto

SECRETARIO:

Donatello Grieco

ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

Simples	18\$000
Registrada	28\$000

EXTERIOR

Simples	22\$000
Registrada	24\$000

Numero avulso	2\$000
Numero atrasado	3\$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo Dtrimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE AIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINAES

SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

Na França — Sra. Picard-Loewy — Paris

Em Portugal — Sr. Osorio de Oliveira — Lisboa

No Rio Grande do Sul — Sr. Paulo Arinos — P. Alegre

Em S. Paulo — Dr. Wladimir Malheiros — S. Paulo

Em Minas Geraes — Dr. Guilhermino Cesar — Bello Horizonte

Em Pernambuco — Dr. Aderbal Jurema — Recife

Na Bahia — Dr. Aydano Couto Ferraz — Bahia

Em Alagôas — Dr. Raul Lima — Maceió

Na Parahyba do Norte — Dr. Adhemar Vidal — João Pessoa

No Ceará — Sr. Affonso Banhos — Fortaleza

No Pará — Dr. Gastão Vieira — Belém

No Amazonas — Dr. Araujo Lima — Manáos.

Direcção, Redacção e Publicidade:

ARIEL, EDITORA LIMITADA

Rua 7 de Setembro, 162-1.º

Tel. 22-1406

End. Tel. "Ariel"

RIO DE JANEIRO - BRASIL

VANTAGENS

CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO
"BOLETIM DE ARIEL"

CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás letras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20% sobre os preços dos livros editados por «Ariel, Editora Ltda.», quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10% quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo «EDIÇÕES ARIEL», na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encomendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

«BOLETIM DE ARIEL» ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEM, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encomendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs.
para que seja remettida uma assignatura annual do
Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do
mez de

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Cóрте este coupon e envie a ARIEL, EDITORA LTDA.
— Rua 7 de Setembro, 162 - 1.º. — Rio de Janeiro.

N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta
com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLETIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz desde que esta possua o serviço de «vales postaes» em sua Agencia do Correio.
- B — Os livros serão remetidos em qualquer quantidade.
- C — As encommendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encommenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encommenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registo correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são minimas. Nas encommendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encommenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encommendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. esdique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

À ARIEL EDITORA, LTDA.

Rua 7 de Setembro, 162-1.º andar — RIO DE JANEIRO

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

.....

.....

.....

.....

.....

(Nome e endereço completo, bem legíveis)

.....

.....

.....



BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS

ARTES

SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

A PARABOLA DOS CAVALLOS

O homem, a quem o povo já se acostumara a chamar de Propheta, vinha caminhando despreocupadamente pelas aléas acimentadas do Central Park. Era um domingo mormaçoso de Julho e havia muita gente solta no bonito logradouro publico, que põe uma mancha verde no coração empedrado de Nova York.

Bandos de crianças algazarreavam ao sol ou sob as arvores, em cujas cópas pintarroxos e pardaes descansavam á sésta. Empinando-se por cima dos arvoredos, viam-se os arranhacéus que ladeam o parque, ninho de inverno da gente rica, dona de autos e casas de campo, que se não soccorre do calor — como a gente vulgar — nas praças e jardins...

Mal o homem apontára numa volta da estrada, correu um sussurro entre os que ali se achavam — abancados, uns, outros refestelados na relva:

— Olhem, ahi vem: é o Propheta!

Ia-se tornando popular o extranho personagem. Quando elle primeiro appareceu no parque, sem que ninguem soubesse de onde vinha, houve uma gazeta da tarde que o incorporou numa noticia, ornada de um retrato: alto, de physionomia séria, nariz regular e uma espessa barba grisalha a lhe emmoldurar o rosto. Outros jornaes, por espirito de imitação, estamparam novas reportagens, com photographias e algumas especulações mais ou menos duvidosas sobre o desconhecido. Como trajasse roupa encardida de linho, vivesse sem chapéu, de guedelha solta ao vento, houve quem dissesse que o homem era hindu. Outro repórter, não menos idiota que os primeiros, aventurou-se a dizer que o forasteiro talvez fôsse espião nazista disfarçado em «propheta»...

Não pegou a primeira parte da maledicencia jornalística, no tocante á espionagem; mas, sim, a segunda, e em pouco quasi todo o mundo apontava o desconhecido como um mago, propheta, ou algum santo peregrino, que tivesse importante mensagem a communicar ao povo...

Dahi, pois, que quando o homem apparecesse, já todos o indicassem por meio daquella alcunha respeitosa: — ahi vem o Propheta!

Ora, como fizesse calor intenso e o cimento das estradinhas que cruzam o parque estivesse quente de mais, mesmo para os pés de um santo, não tardou em que o advena, seguido por tres ou quatro «discipulos» — como já appeliavam aquelles que haviam captado a sua amizade e por toda a parte o acompanhavam — se achegasse á sombra de uma arvore, sentando-se calmamente entre os que ali descansavam.

Decorreram uns momentos de relativo silencio, em que o Propheta, olhar absorto á distância, parecia medir a altura dos arranhacéus que perfuravam a grimpada esmeraldina das arvores, attitude que o povo aproveitou para agrupar-se em redor d'elle, sem entretanto ousar fazer-lhe nenhuma pergunta.

Foi então, quando um dos discipulos, acercando-se do homem, falou-lhe com toda a reverencia:

— Mestre, communica-nos algumas das tuas verdades.

Esboçando um sorriso que o sombrio da barba não deixava de todo transparecer, o mago pôz-se a contemplar serenamente os circumstantes, e depois perguntou:

— De que verdade quereis que vos fale? Todas as coisas guardam sob as apparencias enganadoras um fundo real... A verdade é uma só. E' a base, a essencia incorruptivel de tudo quando existe...

— Fala! supplicaram-lhe alguns. A verdade será tudo o que tu digas.

Então, confiando a barba por uns instantes, como convinha a um sabio ou iniciado, falou o Propheta nestes termos:

— Em certo paiz distante, havia um homem muito rico e poderoso. Era um grande barão feudal, cujos latifundios se espalhavam por uma extensão immensa de terras. Vivia elle em um palacio magnifico, de paredes revestidas de porcelana, adornado interiormente de obras de lavôr artistico, trazidas de todas as partes do mundo ou trabalhadas ali mesmo, por seus proprios artifices, pois o senhor destes vastos dominios era um fervoroso patrono das artes e dispunha de tantos famulos e servos que ninguem alcançava contal-os...

Aqui o mago susteve por um momento a narração, e depois de contemplar o povo, certificando-se de que todos o ouviam, proseguiu:

— Embora o senhor de tanta terra e riqueza possuisse vastos parques de caça e tivesse nos seus valles e planicies numerosos rebanhos de gado de toda a sorte, dentre tantos animaes eram os cavallos que lhe mereciam a maior estima. Considerava-os os mais nobres na escala dos irracionaes. Era uma estima antiquissima, secular, pois já os seus mais remotos antepassados tinham gozado da fama de possuir as mais custosas e completas cavallariças da terra. Não é que os cavallos tivessem para elle nenhum valor sagrado, como as vaccas para os hindus; apreciava-os pelo garbo do porte, por seu valor nas batalhas, pelos inestimaveis serviços que desde as mais recuadas éras esses solipedes têm prestado ao homem. Amplos e numerosos eram os seus estabulos, cheios de equinos de todas as raças. Havia-os de tiro, médias cavalgadas de carga, árdegos e custosos ginetes de sella... Cavallos, cavallos, muitissimos cavallos possuia o poderoso senhor...

Todos os dias, numa cerimonia que provinha de seculos, chegavam os servos encarregados das cavallariças, e distribuiam as rações em partes iguaes — o fêno, o milho, e balaies de cenouras cortadas em rodela... Enquanto isto — e o facto se repetia systematicamente em todos os estabulos — um religioso da seita dos Chetungs, que acreditam na perfectibilidade dos seres pela unica acção dos ensinamentos abstractos — lia de um livro, para os animaes, uns veneraveis preceitos de moral, que na sua linguagem mysteriosa queria dizer qual a cada um a porção necessaria á saciação da fome... Isto vinha se repetindo ha seculos, pois era já uma antiga tradição, mas os cavallos, pelo menos muitos delles, não pareciam dar pelas vantagens da sagrada prédica...

No principio, parece que os animaes de tiro, talvez por estarem esfalfados do trabalho, de animo abatido pelo chicote, quizeram obedecer a regra indicada. Os outros, porém, que só de tempo em tempo levavam o senhor de passeio, e, mais descansados, mais fogosos, julgavam-se mesmo com alguns privilegios á ração, cahiram aos couces e dentadas sobre as alimarias de serviço, obrigando-as a esperar que elles — privilegiados — se fartassem. Se sobrasse algo da ração, comeriam; se não, que esperassem pela proxima vez...

— Que injustiça! exclamou um dos presentes. E o barão, dono das cavallariças, não dizia nada?

— Não vos disse que se tratava de uma tradição? — observou interrogativamente o Propheta. O homem herdára de seus maiores a terra, com todas as riquezas e toaos os costumes, inclusive esse ceremonial que os sacerdotes repetiam com a maior devoção, quatro e cinco vezes por dia, sempre com a melhor das intenções e a mais alta aspiração moral, — pratica que os cavallos privilegiados destruiam com a mais desbragada comelância...

Um dia, porém, passando por aquellas terras um illustre viajante — especie de Marco Polo que andava a correr mundo — coube-lhe a alta honraria de ser hospedado pelo senhor de tão amplos dominios. Depois de, á sua mesa, haver comido do melhor e bebido do mais fino, terminada a refeição, convi-

dou-o o nobre senhor a ir as suas cavallariças, cuja fama era notoria.

Chegaram precisamente á hora em que se distribuia a ração aos animaes, e espantado ficou o estrangeiro de vêr e ouvir a prédica dos sacerdotes, finda a qual se seguiu a mesma e secular subjugação dos cavallos mais timidos e cansados pelos outros, mais fogosos e mais nutridos...

— E diz-me o senhor que isto se repete ha seculos — perguntou o viajante — sem que ninguém recorresse a outras medidas além dessas prédicas, numa linguagem que elles não entendem?

— Sim, é como vês, cidadão do mundo! — respondeu-lhe o senhor feudal.

— Não ha cordas aqui? perguntou o visitante.

— Cordas! Venham cordas! berrou o amo aos seus servos.

Trazidas as cordas, mandou o estrangeiro que as cortassem em pedaços de igual tamanho, atando com elles todos os cavallos — bons e máus; os pacatos e aquelles que ás patadas não permittiam que os outros comessem. Isso feito, mandou o cavalheiro que trouxessem nova ração, a qual foi posta em justas porções ao maximo de distancia que a corda permittia a cada cavallo.

— E nada de prédicas! — observou o homem. Vejamos o que acontece...

Oh, milagre! Cada cavallo comeu apenas o que lhe tocava, e nada mais. A corda ao pescoço não permittia aos esfaimados e couceiros alcançar a ração dos outros...

— Get going, you swine! berrou um reforçado policia fazendo dispersar o grupo a peso de cacetete no lombo... Metto-os na cadeia, emporcalhadores de parque!...

Fugiram todós a bom correr. Até o Propheta abriu do chambre, por debaixo das moitas, e desapareceu como por encanto.

Mais tarde, um dos ouvintes conseguiu alcançar um dos discipulos:

— Olha cá. Explica-me essa parabola do Mestre... Que queria dizer com aquillo?

— Pois não entendeste, homem de poucas luzes? As terras do barão feudal representam este mundo. A sua indiferença ante a inefficacia do ritual antigo é tambem um symbolo do que acontece em toda a parte. Os cavallos são a humanidade; os mais fortes e fogosos, como succede entre os homens, comem o seu e o do vizinho...

— E as cordas, que significam? — perguntou o homenzinho de olhos esboghados.

— As cordas... Bem, as cordas... E' o unico que deixo á tua estulticie. Vê se adivinhas o que ellas significam!

ARTHUR COELHO

— Idade, sexo e tempo, é o ultimo trabalho do sr. Alceu Amoroso Lima, mais conhecido através do pseudonymo glorioso de Tristão de Athayde. Edição da Livraria José Olympio.

— Do sr. Origenes Lessa é *O feijão e o sonho*, bello romance que importa na melhor definição de um talento ainda até hoje não tão fortemente revelado a si mesmo e aos leitores.

— No livro do sr. Lacerda Nogueira intitulado *A mais antiga escola normal do Brasil*, está em jogo um optimo estabelecimento de ensino de Nictheroy. Valioso documentario.

Paginas jornalisticas de Olavo Bilac

O sr. Antonio Simões dos Reis, que é um infatigavel pesquisador de problemas e mysterios bibliographicos, tem offerecido ao BOLETIM DE ARIEL uma série de paginas esquecidas de autores brasileiros, entre ellas algumas de Euclides da Cunha e Capistrano de Abreu. Publicamos neste numero, ainda graças a uma offerta de Antonio Simões dos Reis, duas noticias de Jornal, de autoria de Olavo Bilac, estampadas na *Tribuna*, do Rio de Janeiro, sob o pseudonymo de Simão.

«Deus nobis haec otia fecit...» — Já se foi o tempo em que se podia dizer isso impunemente. Hoje o ocio não é um presente de Deus: é uma dadiua do Demonio. Quem ama o ocio vae para o xadrez. Convencido, com razão, de que o trabalho deve ser obrigatorio, o nosso novo e illustre chefe de policia acaba de recommendar a todos os delegados circumscripcionaes que, na fórmula do codigo, obriguem os ociosos á assignatura do termo de bem viver. Diz-se mesmo que S. Exa. vae mandar pintar em todas as esquinas, em lettras gordas, o hymno celebre de Castilho:

Trabalhae, meus irmãos, que o trabalho...

Louvado seja Deus!

Que será de vós, ó meus irmãos em preguiça? que será de vós, empregados publicos? Que será de vós, estudantes? Que será de vós, deputados? Que será de quantos neste valle de lagrimas, amam a sinecura, o papo para o ar, o manso cochilo, o delicioso devaneio? Estamos todos bem arranjados!

No salão d'O Paiz tem estado em exposição uma Torre Eiffel. A proposito disso, andam dois cavalheiros disputando. Nos «a pedidos» do *Jornal do Commercio* apparecem artigos indignados, discutindo este ponto grave: quem foi que primeiro fez a Torre Eiffel? foi o sr. Olavo Freire ou foi o sr. Villa Verde?

Não resisto á tentação de pôr em pratos limpos toda essa trapalhada. Quem primeiro fez a Torre Eiffel não foi o sr. Olavo Freire, nem foi o sr. Villa Verde: quem primeiro fez a Torre Eiffel, foi... Eiffel. *Pas plus difficile que ça.*

Na «secção livre» de um jornal, um sr. pharmaceutico Escobar, annunciando certo remedio, escreveu hoje: «Mas, si fordes acomettidos da syphilis, do rheumatismo e de molestias graves da pelle, vós ou qualquer de vossos camaradas ou familia, não podereis fazer grandes plantios de cereaes, em estado de enfermidade e depauperados. O que deveis fazer?»

Eu não faço nada, não senhor! Eu não gosto dessas brincadeiras commigo! Familia é coisa séria: o sr. pharmaceutico tenha a bondade de respeitar a gente!

SIMÃO («A Tribuna», 18-11-1899).

Uma «Varia» de hoje: «Tivemos hontem a visita da Exma. Sra. D..., formada em direito pela Faculdade de Recife. Não podendo, segundo nos disse, advogar, vae ella dedicar-se ao magisterio. «E' pena que essa distincta senhora não se houvesse formado na Escola Normal: naturalmente dedicar-se-ia á advocacia.

Do ultimo Relatorio da Estatistica Geral: «Em 1890, *haviam* unicamente em todo o Brasil um milhão e novecentos e vinte e dois mil cidadãos, sabendo escrever. E' de crer que essa proporção, etc.á Pois agora, *hão* um de menos!

A proposito dos furtos praticados no Hotel Continental, anda a policia farejando uma quadrilha de gatunos assejados. Uma folha de hoje chega mesmo a noticiar o caso com uma amabilidade captivante:

«Ao que nos consta, chegou ha pouco a esta cidade uma quadrilha de gatunos, cujos membros, elegantes rapazes, acham-se hospedados em diversos hoteis».

Ahi está! Quando o gatuno é sujo, malcriado, esfarrapado e desmoralizado — cáem-lhe em cima a imprensa e a policia com uma inclemencia feroz. Quando o gatuno, bem educado e elegante, sabe comprehender os deveres da boa sociedade e hospeda-se em um hotel em vez de se hospedar nos degaus da Igreja de São Francisco — com a mesma feroz inclemencia o desancam a policia e a imprensa.

Afinal de contas, o que é que esta gente quer?

Inaugurou-se no palacio do Governo o busto do ex-presidente da Republica. Como não tenho entrada nas altas regiões, não pude ir examinal-o: e esperei que algum jornal me dissesse se o trabalho é bom ou mau. Esperei em vão. Só uma folha emittiu juizo critico sobre elle, e essa mesma diz, ao mesmo tempo, que o busto presta e não presta. Em todo caso, fiquei sabendo que «a roupa não tem a necessaria leveza». Pudera! Si ella é de bronze!...

Em Campos, o Camara Abelardo manda fazer a matança de boi; mas o Camara Abreu comparece e suspende a matança. O boi, melancolicamente, posto entre Abreu e Abelardo, sacode a cabeça e parodia Bocage, mugindo:

*Ai! que importa Abelardo? Abreu que importa
O boi é que vem sempre a ser comido...*

Eco da «Boemia».

X acorda e é logo procurado por quatro credores: — o alfaiate, o senhorio, o sapateiro e o chapeleiro. X cofia o bigode e declara:

— Perdão, meus amigos! o regimen agora é outro! Deliberei só receber de hoje em diante um credor por dia. Eu e o presidente da Republica não admittimos mais despachos collectivos!

SIMÃO (19-11-1899).

NO ACAMPAMENTO

A' margem esquerda do S. Gonçalo, sobre o angulo formado pelo sangradouro e o rio Piratiny, numa grande planicie verde, salpicada de espaço a espaço pelas manchas escuras dos capões, acampava a força de Bento Gonçalves. Desde uma semana a brigada interrompera a marcha e estacionára ali, á espreita dos movimentos de Silva Tavares. Mal reposto da ultima derrota, já buscava o ardego chefe imperialista novas escaramuças com os republicanos. Não havia entre os reaccionarios candilho menos afortunado nem mais recalcitrante no empenho de ser batido. Alcinhavam-no «o armazem dos farrapos», tão certo resultava de cada encontro com suas forças recolherem estes proveitosa copia de armas, munições, viveres, vestimentas. Agora, deslocava-se elle em marchas forçadas pelas campanhas do sul, procurando envolver pelo noroeste a villa de Pelotas, afim de auxiliar a acção que a esquadilha de Mariath pretendia levar contra a bateria estabelecida no Passo dos Negros.

Longe vinha ainda o sol, e o acampamento já parecia um inquieto formigueiro humano, rumoroso e trepidante. Para além da linha extrema das barracas, ardiam em semi-circulo as fogueiras dos postos avançados. Redobrada se fazia a preocupação de mantel-as bem accesas, para que o clarão das labaredas afugentasse os tigres attrahidos pelo cheiro de carniça das xarqueadas, e cujos rugidos lugubres cortavam, correspondendo-se de uma á outra margem do rio, o silencio das noites frias.

Raros os retardatarios que esperassem o toque de alvorada para iniciar as fainas do dia. Dos ranchos collectivos, construidos de páo a pique e cobertos de folhagem, das tendas de pannos encardidos pelo sol e pelas chuvas ou armadas com ponchos, e ainda dos simples leitos de campanha, estendidos em chão apropriado a carona, o lombilho, os pellegos, surgiam e levantavam-se, refeitos por algumas horas de somno, os cavallarianos que o proprio chefe do Estado commandava. Rostos bronzeados pelas intemperies, emmoldurados de grandes barbas ou physiognomias ainda glabras de adolescentes; mestiços, indios, tambem numerosos negros, escravos de officiaes republicanos ou fugidos das senzalas de senhores imperialistas; «castelhanos», profissionaes de «montoneiras», formavam, nesse acampamento de columna em marcha, um scenario dos mais variados typos, das mais differentes procedencias ethnicas e sociaes. Pertencia o maior numero delles á categoria dos voluntarios, que se engajavam sem fazer jús a soldos nem gratificações, resalvado o direito de cuidarem das suas occupações, sempre que necessario. Apenas terminado o trabalho, voltariam a incorporar-se de novo, mais afeitos já á vida das guerrilhas do que aos mistéres das estancias.

A' luz incerta da madrugada e dos brazeiros que se atiçavam, a indumentaria dos soldados da Republica era uma agitada polychromia, em contraste com o ar cinzento, embaçado de neblina e de fumaça. Os antigos soldados de linha, fardados de zuarte e tecidos côr de oliva desbotados pelo tempo,

képis do mesmo panno ou chapéus de abas largas presos sob o mento pelos «barbicachos» de couro, á primeira vista se distinguíam dos voluntarios, na sua maioria vestidos de bombachas escuras guarnecidas de botões e calçando botas com enormes esporas, as «chilenas» ou «choronas», que de tão pesadas se acreditaria lhes houvessem, de diffcultar os movimentos. Os indios de longas tranças, muitos delles com aros doirados nas orelhas, cobertos pelo «xiripá» e por uma camisa que seria ao mesmo tempo casaco ou blusa, tinham os pés envoltos em tecidos asperos. Raro o homem que não trouxesse o seu «poncho» de panno, um «pala» de vicunha, ou simplesmente algumas tiras de fazenda cosidas, com uma abertura ao centro. Estavam nos lenços os adornos principaes dos guerrilheiros. Havia-os de todos os tons, mas sobressaíam os vermelhos e os brancos, muitos de seda, attestando a bôa classe social dos que faziam garbo em usal-os, atados com o «nó republicano», distinctivo dos «farroupilhas». Viam-se largas guaiacas, fechadas com moedas em lugar de botões, e simples cintas militares, ou mesmo, entre a ralé, pedaços de couro crú, para sustentar as espadas, as pistolas, as adagas, as facas.

Variaveis embora as vestimentas e mesmo as armas dos soldados, estabelecia-se entre elles uma tal ou qual uniformidade pelo uso da lança, que todos traziam á mão. Artisticamente lavradas em ouro e prata, as de alguns officiaes; as do grosso da tropa, terminadas apenas pelas pontas de aço reluzente; outras ainda, méros chuços de madeira, com que faziam prodigios os indios acostumados a maneja-las. Todas, porém, as de ébano finamente trabalhado e os toscos vara-páus, tinham por distinctivo commum a flammula tricolor da Republica.

Fazia-se intensa a azáfama em torno das fogueiras. Negros e indios traziam ás costas, sobre saccos de lona, pedaços das rezes abatidas no momento, para collocar-os nos espetos a cargo dos assadores. Enquanto o churrasco tostasse suspenso sobre os brazeiros, circulavam de mão em mão as cuias de matte. Meia hora depois, de pé, acorados, sentados sobre lombilhos, os soldados comiam a sua ração matutina — o assado do clarear do dia. E tanto que mastigavam ou seguiam chimarreando, commentavam os acontecimentos na columna.

«Hontem á tarde chegaram ao acampamento dois «gringos», contava um official. Vieram de Piratiny, com cartas do governo para o general. Diz-se que saíram do Rio de Janeiro numa embarcação que arvorava a bandeira da Republica, e que fizeram o curso a navios do Imperio. Depois estiveram presos na Argentina, donde parece que saíram fugidos».

O relato causava interesse e circulava de roda em roda, com deturpações e exaggeros. Os navios apresados pelo corsario cresciam de numero, já passavam de seis, já seriam mais de dez. Ampliava-se desmesuradamente a extensão do combate no Rio da Prata.

— «Os italianos sustentaram fogo contra toda a esquadra oriental, e para vencel-os foi necessario despachar contra elles, além dos uruguayos, navios

brasileiros e argentinos, informava alguém que se dizia bem enfrontado nos acontecimentos.

— «Recebeu-os o general com grandes demonstrações de sympathia», referia o ajudante de ordens de um commandante de batalhão, que tivera oportunidade de vel-os, quando apresentados a Bento Gonçalves pelo proprio que os acompanhára de Piratiny.

— «E convidou-os a comerem com elle. Parece que os italianos gostaram do assado. Conversaram os tres por muito tempo e com tanta intimidade como si já fossem velhos conhecidos. Depois, o general mandou preparar-lhes uma barraca ao lado da sua», accrescentava um capitão.

— «Dizem que vão ficar servindo na nossa columna».

— «Mas «gringo» já aprendeu a andar a cavallo?» perguntou um soldado que cortava, no espeto, uma larga tira de carne.

— «Vamos escolher dois baguaes pr'a elles», propunha, ironico, um indio de funda cicatriz no rosto. E um gaúcho moço, de cabello revoltado e longas barbas pretas, sentencioso e grave:

— «Eu vou amarrar chilenas bem grandes nas botinas delles».

E a cada chiste estalavam gargalhadas.

— «Moçada, gritou um major-fiscal que se aproximava, toda gente trate de ensilhar os cavallos. Vamos levantar acampamento, e o general quer passar revista á força em formatura de marcha, ás oito horas!»

E dentro em pouco, ouviam-se os sons agudos das cornetas, dando ao acampamento ordem de preparativos de marcha.

Menos de uma hora depois, arrogantes pelo orgulho da sua causa, magnificos na convicção da sua bravura e destreza nos combates, quasi todos os guerrilheiros já estavam montados; poucos traziam ainda os cavallos pelas redeas, enquanto chupavam um ultimo chimarrão ou accendiam nos tições os compridos cigarros de palha. Qualquer que fosse a sua posição, cuidavam dos «pingos» com os maiores desvelos, toadas as crinas, as colas atadas a meia altura dos quartos. Os que dispunham de recursos usavam lombinhos chapeados de prata, de prata os estribos e os freios de redeas finamente trançadas. Os peões de estancia, os indios, os negros, os cafusos, os mulatos, que quasi montavam em pello, contentavam-se em mostrar os seus «flétes» tratados com esmero igual ao dos patrões. Todos, estancieiros ou piás, tinham os laços de quatro tentos enrodilhados sobre as garupas dos animaes e boleadeiras de ferro retovadas de couro, por baixo dos pellegos ou amarradas á cintura, sobre a guaiaca. Alguns cavallarios de Porto Alegre e de Pelotas não usavam lombinhos, mas uma especie nova de ensilho, a que chamavam «serigóte». A novidade, introduzida recentemente pelos allemães de S. Leopoldo, era sobremaneira encomiada pelos fabricantes. «Das ist sehr gut», diziam.

O sol subia no céu muito azul e escampo de nuvens. Soprava rijo o vento dos lados do mar. Os prenuncios do outomno davam já ás manhãs uma

frescura picante, convidativa aos galopes estrada a fóra.

A brigada estava a postos, á espera do general. De repente, notas agudas de clarim resôam pelo acampamento. Montado em esplendido cavallo, Bento Gonçalves aproxima-se a trote, cercado do estado maior. Todos os soldados, nesse instante, só têm olhos para admirar o seu chefe, o bravo Bento Gonçalves, o presidente da Republica Riograndense. Alto, forte de corpo, elegante na sua postura de cavalleiro eximio, eil-o que se avizinha. Veste com extrema singeleza. O fardamento não o distinguiria do common dos officiaes.

Tem o rosto rigorosamente escanhado, como si prompto para entrar em salões de cerimonia. Sobre a larga fronte, abate-se a aba de um chapéu de campanha. Traz um poncho-pala claro, que, com o andar apressado do cavallo, ondeia ao vento como si fosse uma grande bandeira, conduzindo á victoria os soldados da Republica. Desprende-se da pessoa do chefe um estranho magnetismo que electriza a tropa. Um halo de lenda envolve-lhe o nome. Mais do que um homem, aos olhos da sua gente elle é a personificação de um mito.

«O heróe Bento Gonçalves
é a nossa salvação!»

Grita tomado de vibração irreprimivel, um official. E immediatamente, acclamações freneticas, ensurdecedoras, atrôam os ares. Bento Gonçalves começa a revista ás tropas. E sorri aos soldados num sorriso de communicativa satisfação.

Garibaldi acompanhava a scena com enthusiasmo. A figura do heróe, tantas vezes imaginada nos seus desvaneios romanticos, elle a tinha ali, ao alcance da vista.

Fôra um ambiente assim, cavalheiresco e empolgado pela ideia da liberdade conquistada á força do proprio valor, que elle entresonhára nas suas monotonas viagens do Mediterraneo e na desolante modorra do Rio de Janeiro. Empolgado, communicava suas impressões a Rossetti:

— «Este é realmente o filho querido da natureza, que lhe prodigalisou tudo aquillo que faz do homem um verdadeiro heróe. Vê o garbo com que monta a cavallo. Ninguém lhe daria mais de vinte e cinco annos. Não admira que com taes dotes Bento Gonçalves seja o idolo dos seus considadãos».

Mais tarde, escreverá nas *Memorias*, recordando as inesqueciveis impressões daquelle dia: «Alto della statura e svelto, ei cavalcava un focoso destriero colla facilitá e la destreza d'un giovine conterraneo suo. E si sa: contare i rio-grandensi fra i primi cavalieri del mondo».

Nenhum dos generaes da Republica, nem Antonio de Souza Netto, admiravel cavalleiro, o melhor cavalleiro que Garibaldi viu em toda a sua vida, homem de irradiante sympathia, admirado e estimado de todos; nem a figura romantica de João Manoel de Lima e Silva, oriundo de outro meio, porém mais do que ninguém identificado com o Rio Grande no altruismo, na gloria, nos soffrimentos, no martyrio; nem David Canabarro, o forjador do seu proprio destino, soldado de raça cujas peculiaridades tão

bem reflectiam as idiosincrasias do homem da campanha riograndense; nem João Antonio da Silveira, «a valente espada que brilha em nossa fileira», popular entre os que mais o fossem, pela bravura, pela lealdade, ninguém, nenhum outro exerceu jamais sobre as multidões fascínio comparavel ao de Bento Gonçalves. Este foi, no mais alto gráu, o homem representativo da sua época. Elle soube melhor que todos revelar aos seus contemporaneos a extensão da grandeza moral que haveria de singularizal-os no panorama das gerações riograndenses. Porque, em verdade, grande realmente só é o homem que magnifica os demais, transmittindo-lhes a convicção de que elles também são grandes; e não aquelle que, pelas suas monstruosas dissemelhanças com o meio, offende e amesquinha quantos se vejam constrangidos a contemplal-o, offuscados e contrafeitos, á distancia e de baixo para cima. Requer essa condição.

Não perca o homem superior os requisitos comuns que o prendem ao seu tempo e o integram no seu ambiente, dos quaes elle ha de ser, em tudo e por tudo, a culminancia, a espiritualização, a expressão mais perfeita, a synthese final.

Os acontecimentos posteriores ao 7 de Abril haviam collocado a geração de 35 na alternativa de agir em consequencia delles, affirmando as tendencias republicanas e autonomistas do Rio Grande do Sul, ou de transigir com as imposições cada vez mais regressivas e centralistas do Rio de Janeiro. Na ultima hypothese, ella seria apenas um trecho humano mais ou menos anonymo, desses que se perdem na poeira dos cemiterios, sem nada legarem de si aos tempos que hão de vir. Mas no primeiro caso, a sua memoria se constituiria em baixo-relevo das características essenciaes do nosso povo, e ella seria, como realmente foi, uma grande geração. E apenas se proclama uma verdade por todos presentida, quando se diz que Bento Gonçalves transmittiu á geração de 35 a medida exacta da sua grandeza.

Tudo conspiraria na trajetória desse homem por afastal-o das linhas do seu destino. Filho de pae estrangeiro, o alferes Joaquim Gonçalves da Silva, natural da freguezia de Santa Marinha de Real, bispado de Lamego, e de mãe riograndense, Perpetua da Costa Meirelles, natural da freguezia de Triumpho, mas oriunda, por sua vez, de genitores portuguezes, elle haveria de ser, pela vontade da familia, um respeitavel clérigo, que rezasse missas em alguma obscura parochia da provincia. E quem sabe si, com os seus vivos dotes de intelligencia, não faria brilhante carreira, acabando bispo, talvez, nalguma diocese brasileira ou mesmo no Reino? Mas o jovem Bento Gonçalves declinou de tão alta responsabilidade, que foi transferida a outro filho do casal. Inquieto, bulhento, activo, superlativamente cioso da sua personalidade, só via deante de si uma destinação: o manejo das armas nos tempos de guerra; e nos rapidos periodos de paz, a vida forte dos trabalhadores ruraes. Affirmando, já aos treze annos de idade, a indole destemerosa do seu carácter, mata em duello á espada um negro que lhe faltára ao respeito e tentára agredil-o.

As lutas que a corôa portugueza sustentava sobre as lindes da provincia de S. Pedro, nas terras

da Cisplatina, levaram-no a assentar praça. Dir-se-ia agora que elle estivesse agindo de accordo com o seu destino. Mas, obrigado a combater, na «Campanha de D. Diogo», a favor do realismo lusitano e contra os sentimentos de liberdade que se affirmavam em todos os quadrantes da America, essa guerra longe estaria de entusiasmar-lhe o animo juvenil. Apagada, quasi nulla é a sua acção militar nessa quadra. Terminada a luta, elle se fixa em Melo, no Estado Oriental, onde se casa com Dona Caetana, filha de Narciso Garcia, natural da Espanha, e de Dona Maria Gonzalez, oriunda do Rio Grande.

O meio em que se movia, saturado das façanhas de Artigas, e possivelmente o seu proprio meio familiar, se mostrariam intensamente hostis a tudo quanto fosse brasileiro, ou melhor, portuguez. Mais uma conspiração, ahí, contra o seu destino. Mas elle reage contra o ambiente. E tão decisiva é a reacção que dez annos durante não se conheceu entre os brasileiros na Cisplatina guerrilheiro mais audaz nem mais afortunado. «Capitão de guerrilhas» ou de milicias em 1817, já se via em 1824 promovido a tenente-coronel e nomeado commandante de regimento; e no anno seguinte, depois da batalha de Sarandy, a coronel. Tinha, então, trinta e seis annos de idade. Difficil se imaginar carreira mais fulgurante. O expatriado que casára em familia estrangeira encontrára nos proprios obstaculos oppostos á sua vocação os elementos que lhe fizessem resaltar a força do carácter. Foi um dos heróes, annos depois, na batalha do Passo do Rosario. E si Barbacena se houvesse inspirado nos seus avisos, outro teria sido o resultado do grande encontro.

Transferido da força auxiliar das milicias para as linhas regulares do exercito e nomeado coronel do estado-maior, passou a commandar um regimento de cavallaria da 1.^a linha, em Jaguarão. E teve, mais tarde, a chefia militar daquella fronteira e o commando superior da guarda nacional na provincia. Saído do Rio Grande como ignorado e bisonho furriel, voltava á terra dos seus sonhos como official superior do exercito de Sua Magestade. Longe de desnacionalizal-o, a vida entre gente estranha só contribuiu para realçar-lhe os attributos de amor ao rincão natal.

Mas, fóra de duvida também que as encarnicadas lutas da Cisplatina, encerradas pelo reconhecimento da independencia uruguaya, haviam deixado da sua experiencia profundas raizes de convicções democráticas. Elle não formava, por certo, entre os seccionistas, não desejava a independencia do Rio Grande nem se alistaria, desde logo, entre os obcecados pela ideia republicana. Mas observava e sentia que a administração imperial na provincia era um desastre; e não concordava, filho de portuguez, com o predominio dos elementos lusitanos, retrogrados e saudosistas, em todos os ressortes da sua actividade politica.

Na phase preparatoria do grande drama, é Bento Gonçalves o ponto para o qual de instincto convergem os olhares de todos os patriotas, não conformados com a situação de presa fiscal e para-choque militar que o centro distribúe ao Continente, material e politicamente desdenhado, tanto pela regencia

quanto pelo primeiro reinado. Toma parte activa nas conspirações. O seu prestigio pessoal além da raia indica-o como a pessoa mais adequada para as primeiras sondagens estrategicas junto aos caudilhos orientaes, de cujos auxilios tanto se valeriam os futuros insurgentes como os defensores do throno bragantino. Mas firma-se de immediato e bem nitida a linha de divisão politica entre os conspiradores riograndenses e os chefes uruguayos. «Nós devemos tomar do general Lavalleja os elementos subalternos de que póde dispôr, porém, não dar-lhe ingerencia em nossos assumptos», escreve Marciano Pereira a Bento Gonçalves. E para prova da absoluta concordancia do futuro presidente da Republica de Piratiny com tal aviso, annotaria Antonio Diaz, na *Historia politica y militar de las Republicas del Plata*: — Bento Gonçalves, como brasileiro, no pensó jamás en otra politica que la que dirigia al punto exclusivamente brasileiro y republicano».

A denuncia offerecida pelo marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, de estar o commandante da fronteira de Jaguarão em secretos entendimentos com Lavalleja, determina sua chamada á Capital do Imperio, em 1833. Pareceria ter chegado o momento da sua desgraça. Mas, o nobre espirito de João Manoel atira-se resolutio á defesa do amigo e companheiro de causa. Sem perda de tempo, viaja por terra ao Rio de Janeiro. O regente Lima e Silva, conhecedor das manobras reaccionarias de Barreto Pinto, mantem Bento Gonçalves no seu posto de commando, confere-lhe uma pensão annual pelos relevantes serviços prestados á patria e nomeia Fernandes Braga presidente da provincia.

Dentro em pouco, o desavisado Braga se transforma em juguete nas mãos dos regressistas. Longe de confraternizar com os patriotas, aos quaes devêra, em ultima analyse, a sua nomeação, levanta contra Bento Gonçalves e seus companheiros a accusação de estarem conspirando com o fim de desmembrar a provincia do Imperio para incorporal-a á Republica Oriental. A sua «fala» á Assembléa é um modelo de insensatez: — Consta-me que João Antonio de Lavalleja ainda não deixou o nosso territorio e que juntamente com o seu mentor, o indigno padre José Antonio Caldas, trabalha de mãos dadas com diferentes ambiciosos para perturbar o socego da provincia e levar avante seus planos de separação do Imperio e federação com a Cisplatina».

A allusão a Bento Gonçalves é transparente. O inepto libello provoca immediata reacção na Assembléa. Que Fernando Braga exhibisse em plenario os elementos em que se fundára para articular tão grave denuncia. E o presidente, acutilado pela altiva exigencia dos representantes do povo, vê-se na contingencia de confessar que não possuía provas officiaes, mas déra credito a cartas particulares, impossiveis de exhibidas em publico.

Quando a Assembléa encerrava os trabalhos, em Junho de 1835, já não havia duvidas no espirito de quantos soubessem comprehender os signaes dos tempos: a provincia estava em vespéras de sublevar-se, e o chefe da revolução não poderia ser outro sinão o coronel Bento Gonçalves da Silva.

Esses acontecimentos e os subsequentes ao 20

de Setembro valeram á figura central do movimento um prestigio, uma resonancia, um volume espirital não equalados por nenhum outro homem no Rio Grande do Sul da sua época. Elle déra aos contemporaneos a definição das suas responsabilidades politicas, mostrára-lhes o sentido do seu destino historico, assignalára-lhes a sua projecção sobre os tempos porvindouros. Era um authentic heróe aos olhos da sua gente. Feito á semelhança della, surgindo dos proprios soffrimentos do meio, plasmado o seu espirito com a substancia dos mesmos ideaes do seu povo, era como que a carne da sua carne, o sangue do seu sangue. Nelle o Rio Grande heróico do magno decenio encontraria a sua imagem espiritalisada no heroismo, nos sacrificios e na gloria.

LINDOLFO COLOR

(Excerpto do volume «Garibaldi e a Guerra dos Farrapos», a apparecer).

— Bastante suggestivo o «perfil de um lisboeta» traçado pelo sr. Joaquim Paço d'Arcos nas paginas do romance *Anna Paula*. Ha ahi um assumpto, um estylo, um romancista.

— *Montevideo antiguo* continúa a reviver nas descripções de Isidoro de Maria, intelligentemente seleccionadas e estampadas pela Sociedad Amigos del Libro Rioplatense.

— Com prefacio do sr. Attilio Vivacqua e illustrações do sr. Santa Rosa, appareceu a *Escada da Vida*, do sr. Benjamin Silva, sympathico poeta, ainda capaz de sonetear com emoção e finura.

— Um joven que se preocupa com os problemas de sociologia e economia é o sr. Humberto Bastos, de quem a Casa Raimalho, de Maceió, nos remette o excellent volume *Assucar & Algodão*.

— Autor d'*As loucuras do Dr. Mingote*, bastante louvadas pela critica, o sr. Martim Gomes apresenta-nos agora *A flor da tuna*, em edição da Livraria do Globo, de Porto Alegre.

Acaba de apparecer em Edição ARIEL

um novo livro de
GASTÃO CRULS

HISTORIA PUXA HISTORIA

(CONTOS)

com o seguinte sumario:

Contas brabas — Mãe d'Agua — Arrependimento
Meu sosia — Carta de outro naipe — A patativa
Circuito da Gavea — Iniciação — O espelho
Do outro lado — Fauna exotica — Fim de viagem

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

RUA DO OUVIDOR, 94

RIO

DO ROMANCE

(Considerações sobre o genero e sobre alguns autores)

Nada exigir do leitor, ou melhor, transigir sempre com as exigencias de um publico mal orientado; assignalar com minucia as reacções mais incaracteristicas; sublinhar personagens psicologicamente irrepresentativas, quando não racialmente desajustadas (transplantação de factos e de impulsos estrangeiros em beneficio duma possibilidade de pamphleto, ou para obedecer a disposições de «moda»); dizer mais do que suggerir, eis os caracteres mais evidentes desta especie de «technica didactica» que marca o rythmo de desenvolvimento de muitos romances consagrados. Si não se trata, no caso, de um «envenenamento de tendencia» exercido pelo romancista contra o publico, é indiscutivel que houve um exaggero no apreço devido á voz do leitor: ha um limite entre transigencia e cumplicidade, entre attitudo de «bom senso litterario» e commercialismo nefasto. Adeptos duma superficialidade de vida, duma extrema simplificação das reacções humanas (digo simplificação, e não simplicidade. Os aspectos que alguns romances nos mostram trazem os claros signaes de despojamento intencional), accusam de requinte e de inhumanidade os que a sua concepção immediata e simploria de vida, oppõem uma humanidade mais una, e portanto mais «complexa». Não é o papel do romancista historiar e catalogar as necessidades simplesmente organicas, e meros phenomenos de irritabilidade cellulares são manifestações exclusivamente animaes —; cabe ao romancista o estudo da «pessoa humana». Não podemos subornar a pessoa humana a um commodo formulario — para apreender parte da sua natureza temos que acceitar o mysterio.

Contra o romance que affirma apenas a parte «automatica» da vida, surgiu uma reacção. E' bem verdade que a attitudo de defesa que os «populistas» tiveram que tomar, leva, algumas vezes, a nota de extremismo — mas este constitue um caracter fixo em toda compensação psychologica, em toda volta ao equilibrio deve haver a actuação duma força igual e contrária. Mas este espirito novo que affirma a sua rebeldia não limitando o romance a uma esphera temperamental ou regional, e abrindo caminho na densa massa de hostilidades, é realmente uma volta ao essencial, é um «clima» que se oppõe a todas as deturpações, a todas as commodidades advindas da transigencia.

Tratarei, neste artigo, de *Sob o olhar malicioso dos tropicos*, livro escripto não nesta atmospha de inquietação e de angustia em que nasceram *Fronteira*, de Cornelio Pena, *A luz no sub-solo*, de Lucio Cardoso, *Mundões Mortos*, de Octavio de Faria, *O Amanuense Belmiro* de Cyro dos Anjos, mas pertencente, pelas suas especiaes qualidades, á mesma linhagem.

No sentido de «equilibrio», o livro de Barretto Filho tem os signaes de um verdadeiro romance. No narrador, ha um estheta que não cessa de se agitar. Os seus requintes de sensibilidade (a vida devia ser uma obra de arte...) nada têm de pejorativamente litterario; são antes o symptoma mais caracteristico, a definição temperamental do «pathos» de André Lins. A procura da verdade, a vivissima inquietação em face do problema do Immoral, as reacções dolorosas de um amor desviado do seu curso predestinado, a perversão a que chega o ser parcial de André Lins, a dosagem ascendente de seus tormentos, a lenta progressão das torturas intimas, e aquella loucura final em que André Lins se precipita contra as limitações, em busca do immutavel na Eternidade, são relampagos que agitam incessantemente a paizagem convulsa desse legitimo romance.

André Lins é uma criatura excessivamente investigadora. Seu habito de submeter as menores acções ao crivo da intelligencia, a tendencia ao monismo, ao puramente essencial da vida, haveriam, logicamente, de produzir um ser exotico, carregado de electricidade negativa. Em *Concha*, André Lins encontra uma força de igual nome, e a repulsa se processa logo. Em *Frida*, elle acha uma zona neutra, em que os processos exuberantes de seu espirito são impossiveis, e a aura infinitamente quieta de Frida constitue uma suffocante atmospha moral para as suas pesquisas. Na pequena Marabá, fundamentalmente «receptiva», elle inicialmente encontra uma consonancia perfeita, mas o seu gôsto pela esculptura espiritual, a sua inexperiencia amorosa, levam-no a uma modelagem absurda: conduzem-no ao crime de plasmar na substancia moral, uma imagem perfeitamente igual á sua, e que, no entanto, elle sabe que não é a «normal», que não é o complemento de si proprio. E por essa identificação, por causa dessa experiencia esthetica sacrilega, elle perde a tranquillidade delineada, contraria o destino, disvirtuando aquillo que lhe iria caber, e como castigo do seu

O mais moderno Livro de Cozinha

MARIA DE LOURDES

ARTE DE COZINHAR

(Petiscos e Petisqueiras)

1350 Receitas Diversas

A' venda em todas as livrarias do Brasil

Volume Cartonado: 14\$000

PEDIDOS Á

Civilização Brasileira S/A

Rua do Ouvidor, 94

RIO DE JANEIRO

crime contra o divino, recebe a pena duma eterna insatisfação, mesmo dentro dos moldes que elle se impõe, mesmo mergulhado nas aguas que elle julga propicias ao seu desenvolvimento. Interessante aquelle detalhe subtilissimo do retrato que antecipa a floreação inquietante da Marabásinha! E a desillusão de André Lins ao notar o desenvolvimento physico, a curva de eclosão caprichosa que a Natureza salienta mais na mulher do que no homem, é o desalento de um esculptor que visse a realização total duma estatua querida processar-se independentemente d'elle. André Lins colloca-se bem proximo da Marabásinha, e do seu interior poderoso partem effluvios que vão despertando na apathia plastica da menina-e-moça, as mesmas preferencias, os mesmos desgostos, as mesmas reacções do homem que lhe tinha sido destinado, e que ella mesmo, depois, repelle, por um processo psychologico de equilibrio; porque, em verdade, o que rege o amor não são as leis de afinidade ou de igualdade, são os principios fundamentaes dos contrastes inevitaveis. A adaptação, a adhesão dum ser a outro, deve ser feita aos poucos, e nunca integralmente, porque apenas as dissemelhanças é que unem duradouramente, pela tendencia que cada um tem de se completar em outro ser. A Marabásinha é como uma bellissima flor de papel que o sol enchesse de seiva, de estremecimentos e de anseios, mas que depois de ganhar vida, passasse a soffrer um phototropismo negativo que a fosse afastando, insensivel e involuntariamente, do seu protector.

As posteriores tentativas de André Lins são feitas no sentido de destruir em si proprio as faculdades, as predilecções, os tropismos que elle tinha comunicado á Marabásinha, na esperança sempre renovada de poder reatar, com possibilidade de successo e de duração, aquella ligação que, inicialmente tinha sido para elle um campo de espetaculação esthetica, e posteriormente, um motivo de attribuição amorosa.

Como o aprendiz de feiticeiro, elle não consegue paralyzar a tempestade que elle mesmo desencadeou, e ahi está equacionado e resolvido o drama de André Lins: a impotencia da intelligencia em face de leis desconhecidas, do mundo emocional, leva-o aos limites extremos do desespero.

Em Clara, elle julga achar a companheira de uma nova vida. Mas a perversão experimental de sua intelligencia deixou nelle sulcos profundos, e elle se lança, vertiginosamente, á procura do amor moral, e na noite em que começa a sentir «desejo» da esposa, em que se apaixona pela «belleza» esplendida e meiga de Clara, é elle próprio, André Lins, quem se lança pelas estradas tormentosas da loucura, numa volta velocissima ás suas aspirações iniciaes. E' a intelligencia que se vinga, transformando a aurora em crupusculo, lançando-o numa treva extra-humana, quando elle transpunha a fronteira duma satisfação total. E o nome de tres syllabas, de sonoridades verdes e tropicaes, que resta do total incêndio da sua personalidade, é a prova de que André Lins, naquella infindavel jornada, nada tinha feito senão se aproximar cada vez mais do principio irreductivel da sua desventura, e toda a sua longuissima caminhada tinha como orbita uma simples circumferencia que elle percorreu com rapidez crescente até ser lançado no vácuo. O final de *Sob o olhar malicioso dos tropicos*

nos dá a ideia de como deve ter sido grande o desespero de Moysés, contemplando apenas a Terra da Promissão. Sendo que no caso de André Lins a dôr é mais dilacerante, mais dissolvente, mais espantosa, porque é elle próprio que se impede de penetrar no bellissimo territorio.

«Incapaz de conter o elan prodigioso, cedeu á volupia daquella allucinação, e se deixou arremessar, como um dardo faiscante, através uma treva clarissima, acompanhado de uma legião de seres luminosos e vivos, e sabendo que fugia ao centro de sua consciencia, tinha a certeza singular de que se perdia dentro de si mesmo.

Depois, essa noção obscureceu-se tambem. Na fuga vertiginosa, uma saudade funda, dolorosa, de si, misturava-se, ainda como uma volupia, aquella dissolução maravilhosa.

Essa saudade o acompanhou muito longe, banhada num luar verde, até os confins do ether, até os extremos da vida.

Depois, nem soube mais onde estava, e nem se lembrou mais de si mesmo...»

IVAN RIBEIRO.

— Quem quizer passar algumas horas sem entediar-se percorra o volume *Anecdotes y recuerdos*, do sr. Alberto Blancas, diplomata que escreve como um delicioso conversador que é.

— Um grande romancista integrado em seu meio e em seu tempo: eis o magnifico *Eça de Queiroz e o seculo XIX*, do sr. Vianna Moog. Critica creadora porque altamente comprehensiva.

— Esplendida traducção a de uma das melhores narrações de Aldous Huxley, devida á pena do sr. V. de Miranda Reis. *Sem olhos em Gaza* está num portuguez que não redunde nunca em empobrecimento do original inglez.

— Devemos ao sr. Juvenal Jacintho o haver transportado, com o escrupulo, ao nosso idioma o trabalho, em que Lion Feuchtwangler evoca a estranha figura d'O judeu Süss.

— Benjamin Constant, Miguel Lemos e Teixeira Mendes são os *Tres abolicionistas esquecidos* de que trata, com erudição e entusiasmo, o sr. Ivan Monteiro de Barros Lins.

OBRAS

— DE —

MATHEUS DE ALBUQUERQUE

(Novas edições uniformes em papel vergê)

ANNOS DE APRENDIZAGEM

I SENSações E REFLEXões . . . 8\$000

TRILOGIA DE AMOROSAS

I DORA (ou o desejo de amar) . . . 7\$000

II MARGARA (a que o amor salvou) 8\$000

III NAIR (a que o amor perdeu) . . 8\$000

MUSA TACITA

I A JUVENTUDE DE ANSELMO

TORRES 8\$000

PEDIDOS A

ARIEL, EDITORA LTDA.

RUA SETE DE SETEMBRO, 162 — 1.º and.
Rio de Janeiro

Algumas notas sobre Romances e Romancistas

O romance brasileiro teve um período brilhante. Muito entusiasmo por parte dos editores, do publico e, principalmente, dos escriptores. Falou-se de 10.000 exemplares, em primeira, segunda e até sexta edição. Reclame ou verdade, o facto é que o milheiro subira bastante.

Mas não foi somente com relação ás tiragens que se fez barulho. Nunca se viu, tambem, tanta vocação para critico. Todo o leitor se julgou com o direito de vir, publicamente, dizer o que tinha achado deste ou daquelle romance. E' verdade que no meio desses «admiradores espontaneos» escondia-se, muitas vezes, o proprio autor, o que fez alguns puritanos soltarem exclamações de pasmo. Simples questão de pontos de vista. Por mim, não condemno o facto, mas sim a maneira com que elle tem sido praticado. D'Annunzio, Shaw e outros exemplos illustres, não se cansaram em auto-elogios?

O diabo é que os nossos romancistas são de uma falta de espirito incrível. De espirito e de intelligencia. O cabotinismo quando praticado com talento, é perdovel. Mas esse capitulo offerece, entre nós, surpresas notaveis.

Cada vez que leio qualquer dessas chronicas assignadas por alguns dos chamados «grandes» romancistas, lembro logo de varios casos ocorridos apóz a revolução de 30. Nossos jornalistas, até então viciados no mais livre e desregrado exercicio das suas actividades, viram-se, de um momento para outro, frente a uma censura rigorosissima. Aconteceu que certos cavalheiros, bem intencionados com certeza, mas absolutamente inaptos para as funcções a que se viram guindados, não admittiam criticas aos seus actos e attitudes. Os jornaes só podiam noticiar as homenagens que aos mesmos eram prestañas, diariamente, numa insistencia que provocou logo a mais viva repulsa, e o afastamento do publico que não mais se interessou pelos jornaes, transformados em repositórios da mais baixa bajulação e do mais rasteiro servilismo. O geito era descobrir novas maneiras de interessar o esquivo leitor. Descobriram uma, interessantissima, que trazia ainda a grande vantagem de «matar dois coelhos de uma só cajadada». Entrevistaram os improvisados estadistas ou financistas, sobre questões acima das suas respectivas competencias. Questões complexas, a exigirem especialistas, eram abordadas em perguntas cheias de malicia: — «Que pensa V. Excia. sobre o café?» «Não tem V. Excia. nenhum plano capaz de solver as dividas do Paiz?» «Como encara V. Excia. a questão social?». E assim por diante. Com quatro ou cinco entrevistas «liquidavam», pelo ridiculo, o capitão de policia ou o corrector de qualquer coisa, então estacionado numa secretaria qualquer e até mesmo em palacios governamentais. Quando perceberam o «truc» era tarde.

E' o que, de certa fôrma, está acontecendo com certos grandes «nomes» do romance brasileiro. Emquanto escreviam seus romances, ainda bem. Uns gostavam, outros detestavam, mas todos reconheciam, quando não talento, pelo menos certa habilidade. Eram legiveis apesar de tudo. Não tem acontecido o mesmo com as chronicas constantemente publicadas

nos nossos grandes jornaes ou revistas especializadas. São absolutamente cretinas. De mil não se salva uma. Palpites os mais errados, são dados com uma candura, uma ingenuidade de causar pena. Falam do que não entendem, mettendo os pés pela mão. Depois a incultura dessa gente. "Não lêem nada. Pouco sabem.

Claro que as excepções, como sempre, existem. Sua funcção não é outra senão a de confirmar a regra. A maioria, porém, é de uma burrice lamentavel. De um romancista, informa pessoa intima, ter plena certeza que ainda não conseguiu ir até o fim de um volume. Contenta-se com jornaes e revistas. O peor é que se julga um portento. E talvez retruque que Loti declarou no discurso de posse, na Academia Franceza, que nunca lêra um livro. E' possivel. Mas quem lerá Pierre Loti, hoje em dia?

Essa pergunta faz lembrar um pequeno trecho de Schopenhauer, trecho onde o philosopho divide os escriptores em tres categorias, a saber: «em estrellas cadentes, planetas e estrellas fixas». Os primeiros, acrescenta Schopenhauer, «dão a impressão de fogos de artificios, desses que ao vêr, a gente exclama deslumbrado: «Que bello!» Momentos depois, porém, nada mais resta. Já os seguintes possuem outra vida. Brilham, ás vezes, até mais dos que as estrellas fixas. Pudéra! se elles estão mais proximos! E' por esse motivo que pessoas menos visadas, os confundem com aquelles. Possuindo sómente luz de emprestimo e actuando sómente sobre os companheiros de caminhada, tambem passam logo, cedendo rapidamente o logar ao que primeiro chegar. Numa volta de alguns poucos annos, fazem o seu circulo e perdem o brilho. Não é outro o seu destino. Sómente os da terceira categoria são immutaveis. Estão fixos no firmamento, possuem luz propria e actuam tanto em uma epoca como noutra. Sejam quaes forem nossos pontos de vista, elles têm sempre o mesmo aspecto, pois não pertencem, como os outros, a uma nação, mais sim ao mundo. E, por causa da altura em que estão, é que sua luz leva quasi sempre tantos annos para ser visivel aqui na terra».

Nossos romancistas, com raras excepções, ficam nas duas primeiras categorias. Brilham um momento e desaparecem. Um grande numero são porém planetas. Como calha admiravelmente aquella «luz de emprestimo!» E como parece ter sido escripta por um estudioso do romance brasileiro, uma phrase como essa «volta de alguns poucos annos», etc. E' desolador, mas que remedio? Como não constatar um facto que salta aos olhos? Quem não vê, por exemplo nessa avalanche de volumes, a ausencia primordial de «luz propria», de cultura e, sobretudo, de intelligencia? E' bastante verificar a absoluta unilateralidade com que encaram, não só os problemas sociaes ou sexuaes (ainda estão em Freud), como os philosophicos, etc. Sabem ver, muitas vezes de uma maneira digna de elogios, certos angulos de um problema. Nunca, porém, o problema em toda a sua complexidade. Se passarmos aos recursos técnicos e verificarmos como exploram (melhor diria, extragam) certos materiaes, então é que o pessimismo sobre a

durabilidade dos mesmos, se transforma na mais arraigada convicção.

Ainda agora, andando pelo terceiro volume onde Thomaz Mann conta a historia de José e seus irmãos, trazendo até nós, todo esse mundo encantado e poetico das figuras biblicas, é que com mais intensidade e clareza tenho percebido como se pôde aproveitar um assumpto e como os nossos romancistas têm estragado um sem numero de historias admiraveis. No entanto, nestes livros de Thomaz Mann, o leitor está quasi afastado de ir descobrir «novidades», na narrativa. Sabe que Jacob se casará com Lia, em lugar de Rachel. Sabe tambem que Rachel será mãe de José e que este será vendido pelos seus irmãos, etc. Uma perfeita exegese da Biblia. Por que então esse ancilar, essa commoção paralyzadora de todo e qualquer movimento, esse arrepio que nos percorre de ponta a ponta? Força do romancista, sem duvida. Disse força, e poderia muito bem accrescentar, audacia e cultura, coisas que sempre faltam aos nossos escriptores. Não enfrentam as situações cara a cara. Aham sempre um geitinho de contornarem as difficuldades. Isso poderá ser habilidade, nunca potencia, espirito creador. Qual delles, por exemplo, enfrentaria como Thomaz Mann o faz, depois da venda de José, o desespero de Jacob?

O leitor que subentendesse o soffrimento todo que se apossaria delle. Mesmo porque o facto estava de tal maneira preparado que pouco ou nada mais restava para ser dito. Pelo menos apparentemente. Mas, quando o romancista nos põe frente a frente com o desespero de Jacob e pacientemente analisa toda a angustia de um pae que acaba de perter o filho predilecto, o melhor é não dizer nada. Para quem leu os *Boodenbrooks* ou *A montanha magica*, isso não deveria constituir, propriamente, uma surpresa. Mesmo nesta obra temos outros exemplos que não autorizariam qualquer duvida sobre a capacidade do romancista. O segundo parto de Rachel poderia ser citado. Ultrapassando o primeiro, que foi o do nascimento de José, attinge a um virtuosismo que não só impressiona, mas assombra, achata o leitor, tirando-lhe todas as velleidades criticas. A causa disso? Uma das razões está em que nada é espontaneo, mas construido. Ressalta o essencial, sem prejuizo porém do secundario. Não deixa ponto algum em branco. Sabe que uma obra de arte não exige sómente sentimento, mas sobretudo cultura. Não estou dizendo novidade alguma. No entanto, entre nós, os romancistas raramente usam a segunda qualidade. Ha muita espontaneidade nos romances que diariamente apparecem, escasseiam os trabalhos onde a presença do artista seja uma realidade. Do artista, entenda-se no bom sentimento do vocabulo. Dahi parte, com certeza, o nenhum sucesso dos nossos livros no estrangeiro. Diversas tentativas foram feitas, sem resultados positivos. Dahi tambem o cansaço dos leitores que, depois de quatro ou cinco annos de intensa procura de romances nacionaes, volta agora, meio desilludido, para as traducções estrangeiras.

Todas essas considerações, um tanto sem unidade, arbitrias mesmo, que venho fazendo sobre o romance e os romancistas, confesso, sinceramente, não fazel-as sem uma profunda tristeza. Porque eu gosto da nossa litteratura. Gasto a vista nessas edições

carissimas de José Olympio. Tenho mesmo escripto sobre muitos delles, consumindo não pequeno numero de adjectivos. Não que esteja arrependido dessas notas feitas, quasi sempre, sob a impressão immediata da leitura. Absolutamente. Sempre fui sincero nas expansões como nas restrições. E, ao commentar qualquer desses livros, tambem nunca deixei de me alhear completamente do que se estava fazendo lá por fóra, onde as condições de vida do escriptor são outras, como outras são as recompensas, repercussão, etc. Mesmo reconhecendo essas coisas pergunto: já não será tempo de cuidarmos melhor daquillo que produzimos? De substituímos a quantidade pela qualidade? Por que escrever um livro por anno? Financeiramente falando nem com um volume por semestre o escriptor poderia arranjar o sufficiente para a sua subsistencia. Ainda que escrevesse mais uma ou duas duzias de chronicas por mez (essas incríveis e incolores chronicas de que falei no inicio), conseguiria garantir o seu pão de cada dia. Viver da penna, entre nós, por emquanto sómente o jornalismo activo o permite. E, nada mais terrível para um creador do que a banca monotona de um jornal. Não seria pois preferível uma bagagem de quatro ou cinco volumes, legíveis daqui a vinte, trinta, ou cem annos, a cincoenta volumes que dentro de uns dois ou tres annos ninguem mais lerá? Mesmo entre nós é facil apontarmos exemplos. O mais typico será, com certeza, Machado de Assis que sómente se aventurou ao romance depois de uma longa estadia pela poesia, chronica, conto, theatro, etc. Tinha quarenta annos quando publicou *Braz Cubas*. Coelho Netto que com essa idade já não podia carregar o peso dos seus livros está actualmente no mais completo esquecimento.

Se eu estivesse em idade de dar conselhos recomendaria aos nossos romancistas que lessem mais um pouco, estudassem os grandes mestres, não para imitarem ou pasticharem o que elles fazem, mas sim para verem o que se pôde fazer no genero, quaes os recursos que se pôde usar e até que ponto certos trucs são permittidos. Inventem novas technicas, descubram maneiras inéditas de apresentarem um problema, mas em qualquer dos casos não esqueçam nunca que tanto dentro de uma technica nova como de uma velha, as difficuldades devem ser encaradas frente a frente, e os problemas precisam de uma solução ampla e, tanto quanto possivel completa. Convem, tambem, não esquecerem a phrase de Thomaz Mann de que «o creador é aquelle cuja vida é um symbolo». E como elle tenham tambem a certeza de que basta falar de si para falar do seu tempo e dos seus contemporaneos, porque, sem essa certeza, ninguem deveria se abalançar a produzir.

EDGARD CAVALHEIRO

— Declamador notavel, o sr. Carlo Prina tambem se affirma um exegeta das letras ao evocar *D'Annunzio e a critica*. São paginas de um velho perlustrador dos escriptos do mestre.

— Partidarios e adversarios do marechal Floriano Peixoto não deixarão de interessar-se pelos volumes *d'O Governo Provisorio e a Revolução de 1893*, do almirante Custodio José de Mello, que vêm de ser lançados pela Companhia Editora Nacional.

« A TUNICA INCONSUBTIL »

Muita coisa já se tem escripto sobre a poesia moderna. Uns dizem que a poesia está em crise, outros, mais pessimistas, que ella morreu de verdade. Outros são mais confiantes; acham que, embora atravessemos um periodo de transição, a poesia continua bem viva.

O povo em geral, a grande massa, não toma conhecimento dos novos rumos, das experiencias, das phases de transformação por que está passando a poesia moderna. O povo continua a ler o seu Castro Alves, o seu Casimiro de Abreu, o seu Olavo Bilac. Quando alguém lhe fala nos «modernos» torce o nariz ou ri ironicamente dizendo: «Isto não é poesia, isto é tolice...» e continua a ler as «Vozes d'Africa» ou os sonetos parnasianos.

Por que razão o povo não gosta de poesia moderna? Por não estar á sua altura? Por não comprehendê-la, achando-a absurda? Não creio. O mais provavel é que o povo, tendo querido entrar em contacto com o movimento modernista, logo do inicio ficou desilludido, topando isso que se poderá chamar de «bagaço» do modernismo e que até alguns annos atraz era abundantissimo. Como todo movimento litterario que visa uma reacção contra antigas formulas e systemas, o modernismo não se soube manter na justa medida em que deveria ter ficado. Da celebre Semana de Arte Moderna nasceu o culto desenfreado de tudo quanto era «verde-amarello». Houve, por assim dizer, um retorno ao indianismo — tão amado dos nossos românticos — e a tudo quanto era autochtone. Chegou-se a crear um submovimento, o «anthropophagismo» encarregado de eliminar tudo quanto fosse alienigena. A poesia tomou então uma tendencia absolutamente regionalista, espacial. Ahi começaram a pullular os pequenos poetas, os que exploravam a nova escola porque ella offerecia as vantagens formidaveis do verso branco, da arhythmia, das liberdades poeticas emfim. Com estes poetas de ultima hora, surgiram as blagues, as piadinhas, as «boutades», tudo, excepto verdadeira poesia, no que essa palavra tem de mais elevado. E isto foi o bastante para que o povo se desilludisse completamente do movimento modernista. Depois do regionalismo, veio a poesia social, a poesia proletaria, com fins politicos, explorando themas revolucionarios, quando a verdadeira poesia nunca deve estar a serviço de idéas politicas directas e tendo ella mesma um immanente sentido revolucionario, muito acima porém da chamada poesia esquerdista.

E' innegavel que nestas phases houve bons poetas, verdadeiros e sinceros poetas que se distinguiram pela originalidade de suas producções, sem chegarem ao excesso. Exemplo disso é a *Evocação do Recife* de Manoel Bandeira, onde o regionalismo do thema não impede que haja lyrismo e do bom; e tambem o celebre *Negra Fulô* de Jorge de Lima, que, em verdade, resume toda a historia do systema escravocrata do nordeste. Mas são excepções. A maioria da nossa producção poetica daquellas phases foi bem fraca.

E' justo que se reconheça o papel que teve Augusto Frederico Schmidt. Este poeta publica em

1928 (em plena phase, portanto, do regionalismo poetico) o seu *Canto do Brasileiro* onde começa declarando: «Não quero mais o Brasil, não quero mais geographia, nem pittoresco. Quero é perder-me no mundo para fugir do mundo». Era o primeiro grito em prôl de uma poesia mais universal, mais inespacial, por assim dizer, e tambem mais profunda. Aliás a respeito de Schmidt e sua posição na moderna poesia, o Sr. Octavio de Faria escreveu um excellentes ensaio (*Dois Poetas — Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes*), no qual vem perfeitamente analysada a obra do poeta do *Canto da Noite*.

Além de Schmidt convem lembrar dois nomes que igualmente se sobressahiram pela tendencia universal que conservaram em meio ao mais desenfreado verde-amarellismo: Tasso da Silveira e Francisco Karam. O proprio Manoel Bandeira, que Mario de Andrade qualificou de «São João Baptista do Modernismo» nunca foi absolutamente regionalista.

E depois? Depois tivemos uma experiencia de poesia surrealista: os *Poemas* de Murilo Mendes, publicados em 1930. Considero este livro um dos mais interessantes e mais fortes que se têm publicado no Brasil, muito embora muitos de seus poemas tenham tendencia puramente social e até partidaria.

Finalmente em 1935 apparece alguma coisa de interessantissimo em nossa poesia: *Tempo e Eternidade*. Era um salto prodigioso, um avanço estupendo, que deixava poeira em muito livro considerado excellentes. Mas era tambem a volta, o retorno á verdadeira poesia, á poesia eterna que não tem origem no tempo ou no espaço, porque não teve principio e não terá fim.

Nego que essa poesia «em Christo» tenha origem na poesia biblica. Ella será uma continuação, issosim. Na sua essencia ella é identica, absolutamente identica á poesia que ha nos *Psalmos* ou no *Cantico dos Canticos* ou no *Livro de Esther*. O lyrismo mystico dos poetas biblicos não é ponto de partida de nenhum sentido poetico novo porque a poesia que se integra em Christo é anterior a tudo, exepcto ao proprio Christo, pois Elle é que a origina. Essa poesia que vem de Christo e retorna a Christo é eterna, inteiramente intemporal e inespacial. Sem duvida é a poesia mais elevada que possa existir, e ao mesmo tempo ao alcance de todos, sem distincção de especie alguma.

Jorge de Lima e Murilo Mendes fizeram poesia para todos os homens. Puzeram ao alcance de todas as intelligencias o que ha de mais grandioso: a unificação em Christo. Foi em appello, um convite aos homens de boa vontade. Mas não ficaram nisso. Murilo continua trabalhando e esse prodigioso Jorge de Lima acaba de nos apresentar sua nova collectanea de poemas em *A Tunica Inconsubtil*.

Esse poeta nunca apresenta um livro que seja uma continuação de outro anterior. Elle está sempre em permanente transformação, superando-se a si proprio continuamente. Tenho a impressão perfeita de um desses atletas que vivem batendo seus proprios «records» e que estão sempre em ascensão. E' assim que *A Tunica Inconsubtil* só tem de commum com

Tempo e Eternidade o sentido poetico christão. No mais, inteiramente diverso. Sente-se que o poeta subiu ainda mais alto, conseguindo libertar-se de uma preocupação que talvez insensivelmente existisse em *Tempo e Eternidade* e fazer poemas sob uma mesma orientação. Assim é que em *A Tunica Inconsubtil* os poemas não formam um todo homogêneo, o que sempre torna um livro de poesias um pouco monótono. Lado a lado do poema que é uma oração, uma prece como, entre outros *Sabedoria* e essa maravilhosa *Ode da Comunhão dos Santos* e do poema-prophecia como *As Trombetas* e *As Palavras Resuscitarão* vemos o poema que é uma fuga, uma evasão: *Convite para a Ilha*. Uns são essencialistas, concisos: *No Tempo dos Reis* ou *Dae a Deus o que é de Deus*; outros têm figuras bellissimas, extraordinariamente suggestivas como *Perturbação nas Ilhas de Paschoa*, *Os Treze dias a caminho do Deserto* ou *Sabereis que corri atrás da estrella*. O lyrismo é intensissimo em quasi todos os poemas de *A Tunica Inconsubtil*. Em *Lampada Marinha* por exemplo, poema triste, de uma dôr mesclada de resignação, numa combinação maravilhosa. Um dos mais bellos poemas do livro, *Duas Meninas de Tranças Pretas* reúne em si todos os sentimentos poeticos conhecidos. Assim vejamos. Primeiramente lyrismo:

*Eram duas meninas de tranças pretas.
Veiu uma febre levou as duas.
Foram as duas para o cemiterio:
ambas ficaram na mesma cova.
Por sobre as pedras da sepultura
brotou bonina, brotou bonina,
nasceram plantas, nasceram mais plantas,
flores do matto, cannas da varzea:
a sepultura virou canteiro.*

*vieram insectos beijar as flores
e um bello dia veiu um poeta
pegar insectos para sua amada.
A borboleta mais rara que ha
naquellas ilhas de Karakantá
é côr de amaranto com olhos azues.*

Aliás, lyrismo e muito forte ha em todo o poema. Transcrevi somente os trechos onde elle apparece em mais evidencia. Em segundo lugar, a evasão para regiões desconhecidas e longiquas:

*Os peixes levaram estas sementes
até as ilhas de Karakantá
O sonho do poeta o vento levou,
levou para um astro desconhecido.*

Em terceiro lugar um sensualismo delicado mas bem evidente:

*Então uma deusa pegou o arco-iris
e fez um pente para se pentear.
E tanto se penteou a deusa do astro
que deu a luz a duas meninas.*

Finalmente o mysticismo que transparece insensivelmente de todo o poema, uma das mais bellas

e mais felizes creações de Jorge de Lima. E o *Convite para a Ilha* de que já falei? E o *Uma ou outra recordação do Poeta*? E *O Poeta Jacob*? São outras tantas maravilhas de incomparavel belleza e inimenso poder suggestivo. Ha poemas, neste livro de Jorge de Lima, que a gente tem vontade de pôr num quadrinho na parede para ler a toda hora. Ler uma vez só é impossivel. E' preciso ler a todo instante.

Ainda em confronto com *Tempo e Eternidade* é interessante notar que Jorge de Lima em *A Tunica Inconsubtil* revela um sentimento christão muito mais profundo em relação á humanidade. Se em *Tempo e Eternidade* é o christão Jorge de Lima que louva o seu Deus, que se deslumbra deante d'Elle e suas obras, em *A Tunica Inconsubtil* é ainda o christão Jorge de Lima que mostra e avisa aos homens, que intercede, que está prompto a se sacrificar para que os outros conheçam a Verdade. E' a perfeita comprehensão do «amae-vos uns aos outros». E' a legitima integração no sentimento de humanidade christã. Não é mais o poeta sozinho com Deus. E' o poeta diante de Deus e deante dos homens, seus irmãos. E' o poeta servindo de interceptor, de mensageiro, de propheta.

Foi lendo *A Tunica Inconsubtil* que me veio a impressão de Jorge de Lima como poeta épico christão. Não se trata de uma epopéa de feitos, de victorias, de batalhas, mas sim de uma epopéa unica, a maior de todas as epopéas que tenham existido: a do sangue de Christo derramado pelos homens, e servindo Elle proprio de vehiculo para a Redempção desses homens. Assim é que Jorge de Lima abre o seu livre com um magnifico poema do Christão em que começa logo dizendo:

*Porque o sangue de Christo
jorrou sobre os meus olhos,
a minha visão é universal
e tem dimensões que ninguem sabe.*

Na verdade todo este poema do Christão é uma epopéa, a maravilhosa epopéa do christão, homem universal, ébrio de Deus, a quem nada é impossivel; do christão «uno com todas as creaturas, com todos os seres, com todas as coisas»; do christão que é tudo e que é nada, que é poderoso e humilimo, porque tem «a intelligencia transfigurada em Christo». E' a epopéa extraordinaria do christão que cahe e que se levanta, que pecca mas é perdoado e sahe sempre vencendo de todas as lutas que trava porque está integrado em Christo que é o grande Victorioso.

Jorge de Lima não podia ter feito outro poema que tão bem definisse logo de começo o que é o seu livro. Insisto ainda em estabelecer uma comparação entre a *Tunica Inconsubtil* e *Tempo e Eternidade*. Se neste livro, Jorge de Lima e Murilo Mendes estabelecem a poesia em Christo, indicando tacidamente aos homens onde está o verdadeiro caminho, convidando-os enfim a se elevarem e se afastarem um pouco do materialismo que parece ser o caracteristico de nossa civilização, em *A Tunica Inconsubtil* as indicações e os convites tornam-se mais categoricos, por assim dizer, dando a impressão de

Significação de «Valeurs»

Cada artista sente necessidade, certo dia, de dar o passo definitivo que o levará á comprehensão da realidade, porque o artista não age sobre ella, mas a *recebe* e a deforma. Terá Suarès, como artista, attingido esse clima existencial da arte?

Suarès era tido como um desses espectadores e *deformadores*, mesmo quando o olhar clarividente se voltava á intimidade de personalidades como Ibsen, Pascal e Dostoievski, (*Trois Hommes*) quer dizer, um daquelles «*charmeurs*» que possuem todas as possibilidades do encanto, nunca a violencia das respostas ao instante da cultura.

La Bruyère não deixou por certo de ser um *critico* também, quando habilmente respondeu á sua propria intuição da vida, mas La Bruyère não poderia nunca possuir a incisão peremptoria daquelle pensamento que deve palmilhar o caminho delineado pelo que poderia ser as appetencias culturaes. André Suarès pertence á estirpe dos La Bruyère e justamente por possuir aquella comprehensão intima das distancias, a serenidade, a tentativa de reanimar a sinceridade Suarès renuncia ao esthetismo — prejuizo logico da funcção deformativa da arte.

A actualidade humana, digamos, a actualidade sensivel e vital, o Suarès de «Valeurs» revela como uma das necessidades instantes da comprehensão humana do destino dessa humanidade como ser *passivel* de toda as recorrências e

especialmente daquella recorrência estatica — *sorbonnardizante*, capaz de reduzir o homem a eschemas, nunca a objecto capaz de tornar-se também sujeito.

Esse horror ao estatico, que se encontra no André Suarès de «Valeurs» é a sua melhor opposição a Valéry, e ainda a demonstração do passo mais lucido que elle acaba de dar para a integração do seu proprio pensamento no *ethos* da actualidade da cultura.

A «separação» que Suarès exerceu no *Trois Hommes* estava dizendo algo de sua incapacidade para vislumbrar no homem o resultado, a consequencia de um destino historico, — esquecendo a Historia ou a comprehendendo de cabeça para baixo. Não é que *Valeurs* não nos satisfaça. Ha algo *passional* em *Valeurs* mas André Suarès não está bastante proximo da realidade — digamos em outros termos — do *moderno*. Realmente o temperamento e a cultura do auctor de *Valeurs* não poderiam esquecer totalmente a Historia, e por isso algo redime André Suarès do esthetismo nefasto, da preocupação desesperada pela intelligencia, da sua incredulidade do presente — deste «tempo do desprezo».

André Suarès tem a vantagem de não ser eschematico e de tentar circumscrever o thema a um esboço necessario, de procurar reanimar-se integralmente, dando azas ao espirito são suggestionado pelo classico.

Ser anti-moderno é esconder as verdades mais instantes sob as deformações mais absurdas, entre as quaes está a deformação esthetica — afim de que estas satisfaçam, desfigurando. Contra esse anti-modernismo é claro o pensamento de Suarès, cujos habitos meditativos procuram reagir contra o formalismo *sorbonnardico*. Já houve momento em que o estatico e o dinamico se defrontaram tão violentamente como opposições essenciaes e que se possa comparar ao nosso momento?

André Suarès disse certa vez que o desprezo pela metaphysica era o desprezo do pensamento. Metaphysica é *comprehensão*. Dahi a tentativa, talvez, de uma comprehensão da Historia do homem como humanização tentada por esse lucido pensador dos nossos dias.

AFFONSO BANHOS.

— Applauda-se a iniciativa do governo mandando editar artisticamente a bella interpretação dos versos italianos de Scalvini, o libretista do *Guarany*, interpretação feita em nosso idioma pelo brilhante poeta que é C. Paula Barros.

— Destina-se a acirrar polemicas o volume do sr. Hermes da Fonseca Filho sobre *Pinheiro Machado*. E' trabalho de paixão por vezes unilateral, mas partido de alguém que leu bastante e sempre foi avesso a farfalhosas exhibições de cabotino.

— O sr. Garcia Junior presenteia-nos, nos episodios das *Divisas e bordados*, com um attrahente anecdotario da nossa marinha de guerra. São lances pittorescos que, de resto, não excluem uma bella vibração civica em se tratando de exaltar os grandes marujos do Brasil.

que quem os formula está completamente identificado com a Verdade.

A Tunica Inconsuibil é um dos livros mais universaes que tenho lido até agora. Elle póde e deve ser lido por todos, sem distincções de credo, de cultura ou de classe porque é um livro que se dirige a todos, e feito para todos. E o povo em geral, a grande massa, como disse no principio, encontrará nelle, estou certo, a grande, a legitima poesia moderna, de que andava afastado desde que travára conhecimento com os poeminhas regionalistas e anedocticos. Porque *A Tunica Inconsuibil* é um livro humanissimo como a Biblia, interceptora entre Deus e os homens.

SERGIO SOARES

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49
São Paulo

Rua da Bahia n. 1502
Bello Horizonte



BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO . BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

OUTUBRO 1937

ANNO VII

SETEMBRO 1938

INDICE DE AUTORES E TITULOS

A

- Abelardo Jurema — *O Livro de Gonçalves Fernandes*, 86.
Adalgiza Nery — *Eu me maldigo*, 7; *Poema do Silencio*, 204.
Ademar Vidal — *Vaporzinho-Malandragem*, 76; «Nordeste», 116; *Alguns Romances*, 156; *O Lyrismo dos Negros*, 249; *A Liberdade na Musica*, 288.
Affonso Arinos de Mello Franco — *O Enterro de Mestre Aurelio*, 33.
Affonso Banhos — *Lettras do Ceará*, 144; *Decadencia de Paul Valéry*, 345.
Agrippino Grieco — *Litteratura de Sensação*, 10.
A. J. de Sampaio — «*Aguas Emendadas*» e «*Aguas dos Divisores*», 42.
Alberto de Paula Rodrigues — *Uma tarde em Napoles com Aluizio Azevedo*, 188.
Alfonso Hernandez Catá — *Barnices para el alma*, 337.
Almeida Cousin — *O Tempo correu para traz*, 120.
Almir de Andrade — *Tres Romances*, 237; *O que passa e o que fica na litteratura*, 276.
Antonio Ferreira — *Profissão de Fé*, 343.
Antonio Simões dos Reis — «*Canudos*» versus «*Os Sertões*», 350.
Araujo Lima — *Civilizabilidade dos Indios*, 273.
Argeu Guimarães — *Um Livro sobre a Finlândia*, 78.
Arthur Coelho — «*Sweet Home*», 305.
Arthur Ramos — «*Mythos*» africanos, 8; *Manuel Querino*, 124; «*Dahomey*», 316.
Aurelio Gomes de Oliveira — *Cinema*, 25, 63, 94, 126, 148, 182, 205, 243, 298, 363; *Shakespeare para nunca mais acabar*, 101; *ABC de João e Maria*, 167.
Aydano do Couto Ferraz — *O «Castro Alves» de Edison Carneiro*, 18; «*As Culturas Negras no Novo Mundo*», 228; *Poema da India*, 240.

B

- Barbosa Lima — *O Cavallo de D. Tenorio*, 300.

Benjamin de Garay — *Duas palavras do traductor*, 200; «*A Amazonia Misteriosa*», 264.

C

- Carlos Drummond de Andrade — *Morte de Federico Garcia Lorca*, 34.
Carlos Parreira — *Aspectos da Litteratura Brasileira*, 36, 104; *Perfil de uma novellista*, 222.
Carvalho Ribas — *O Homem de Ouro*, 107.
Cid Franco — «*O Joguete*», 22.
Cleto Seabra Velloso — «*Bases da Alienação Racional*», 278.
Clovis Amorim — *O Romance, a Vida e a Ficção*, 328.
Clovis Ramallete — *Eça Romancista*, 102.
Correia de Sá — *Musica*, 31, 55, 87, 151, 176, 213, 239, 271, 329; *Discos Seleccionados*, 59, 88, 127, 148, 178, 266, 296.

D

- Danilo Bastos — *A proposito do Romance*, 162; *A proposito de um personagem*, 321.
Dante Costa — *A «Brasiliana»*, 98; «*O Marquez de Olinda e seu tempo*», 232; *Os Igaraúnas*, 306.
Dias da Costa — *ABC de João e Maria*, 138; *Pinheiro Viegas*, 166.
Domingos Ribeiro Filho — *A Horda*, 24; *Apologos do Jéca*, 106; *Apologos ao Léo*, 254, 326, 354; *Fabulas ao Léo*, 292.
Donatello Grieco — *David, Pintor de Napoleão*, 322.

E

- Edgard Cavalheiro — *Navios Iluminados*, 168; *Entre o Conto e o Romance*, 219; *Paulo Gonçalves*, 258; *Em São Paulo tambem ha poesia*, 290; *Sud Mennucci*, 312; *De «Parque Antigo» a «Vovô Morungaba»*, 346.
Edison Carneiro — *Perfil de Renan*, 231.
Edison Lins — «*Historia da Terra e da Humanidade*», 71.
E. Pinto Monteiro — *A Centena*, 61.

F

- Fidelino de Figueiredo — *Do limite da responsabilidade dos povos*, 68, 108.
Francisco Venancio Filho — *Saudação a Georges Dumas*, 44; *A mathematica na educação secundaria*, 111; *Technica Educativa*, 236.
Frederico M. Schmidt — *Terra de Lenda*, 29.

G

- Gastão Cruls — *Casimiro de Abreu*, 4; *Ainda Fawcett*, 163.
Gastão Vieira — *A Questão Shakespeare*, 251.
Geraldo Moretz-Sohn — *Agora e depois*, 111.
Gerardo Mello Mourão — *Canto do Fim e do Principio*, 176.
Guy de Hollanda — «*Mucambos do Nordeste*», 38; *A situação presente dos estudos de Historia no Brasil*, 118.

H

- Hamilton Nogueira — *Linha de sombra*, 157.
Helio Lima Carlos — *Falando de poetas*, 112.
Henrique Carstens — *Silencio triste*, 251.
Henri Tronchon — *Trois Livres de l'Année*, 233.
Homero Senna — *Um pensador de idéas claras*, 240.
Humberto Bastos — *A «Vida de Dom Pedro II»*, 230; *Litteratura e Economia*, 294; *Um depoimento sobre a Amazonia*, 357.

I

- Indá Soares Casanova — *Montherlant e Carlos Madeira*, 263.
Ivan Lins — *O Epitaphio de Thomaz Morus*, 17.
Ivanny Ribeiro — *Se tu vieres para mim um dia*, 324.
Ivan Ribeiro — *O Phenomenô Mineiro e «O Amanuense Belmiro»*, 87.

J

- Jack Sampaio — *De Lingua Ingleza*, 2, 218.
 J. Alves Correia (Padre) — *Uma synthese historica das missões portuguezas*, 100.
 Jayme Cardoso — *Os Romancistas da Sombra*, 3.
 Jayme Sisnando — *Lettras Brasileiras*, 255.
 J. Fernando Carneiro — *Sergipanas e Francezas*, 110.
 João Alphonsus — *Lembrança de Ascanio Lopes*, 5.
 João Cordeiro — *Polú*, 257.
 João de Barros — *Cultura Brasileira*, 161.
 João Dornas Filho — *A Escravidão Negra*, 255.
 João Pacheco — *O Narciso em Equação*, 90.
 J. O. Nogueira Leiria — *Sem Rumo*, 54.
 Jorge Amado — *João Ribeiro*, 217; *Elogio do que sabe ser amigo*, 293.
 Jorge de Lima — *Ode ao trabalho*, 11; *A Reforma*, 20; *Poema do Christão*, 35; *Metamorphoses*, 74; *Viagem, Descobrimientos e Grandes Riscos do Poeta no Mar*, 99; *Ave*, 145; *Uma ou outra reminiscencia do poeta*, 265.
 José Lins do Rego — *Pedra Bonita*, 196.
 Josué de Castro — *A Gloria no Circo*, 208.
 Josué Montello — *A realidade das personagens de «Suburbio»*, 43.

L

- Luc Durtain — *Conquistas do Mundo*, 307.
 Lucia Miguel Pereira — *A Autobiographia de Chesterton*, 1; *Sparkenbroke*, 65; *Vidas Seccas*, 221; *A Casa Verde*, 313.
 Lucilo Varejão — *Maxambombas e Maracatús*, 329.
 Luiz Cedro — *A proposito de uma these de direito*, 114.
 Luiz Cruls — *Reminiscencias*, 284; *A Amazonia*, 348.
 Luiz da Camara Cascudo — *O Mystério de Shakespeare*, 129; *Don Julio Picuña Cifuentes*, 244.
 Luiz Gurgel do Amaral — *Um trambolhão na escala hierarchica*, 153.

M

- Marguerite Picard-Loëwy — *Escola Normal Superior*, 6.

Mario Alessandrini — *Terra do Brasil*, 136.

Mario Borges da Fonseca — *Carta ao sr. Edison Lins*, 140; *Litteratura Portuguesa Contemporanea*, 164; *Sobre a complexidade de Augusto dos Anjos*, 252; *Litteratura Portuguesa*, 320.

Mario Sette — *A Illusão do Cego*, 268.

Mario Vilalva — *Um ensaista cubano*, 16; *Apostasia*, 49; *A Poesia de uma estreante*, 139.

Marques Rebello — *Gravações Populares*, 23, 88, 178, 242, 266, 328; 367.

Martins Fontes — *O Bode Azul*, 51.

Mauricio von Wellisch — *Depoimentos estrangeiros sobre o Brasil novo*, 14.

Miroel Silveira — *Meu Pae*, 58; *O Natal de Réchoussat (Trad.)*, 66; *Meu Filho*, 244.

Moysés Gykavate — *Um grande livro*, 170.

Murilo Mendes — *Poesia Universal*, 220.

N

Nelio Reis — *O Rio corre para o Mar*, 356.

Nelson Tabajara de Oliveira — *Début*, 46; *Encarnacion*, 141.

Newton Belleza — *Capitulo de Romance*, 81; *Carta sobre Poesia*, 262.

Newton Sampaio — *O Sr. Jorge de Lima*, 75; *O sr. Cristão*, 145; *Um morto que não é um grande vivo*, 169.

Norton de Mattos — *Antonio Feijó*, 310.

O

Oliveira e Franklin — *A proposito de um livro sobre Alimentação*, 325.

Omer Mont'Alegre — *Amor*, 180; *Tiro-e-queda*, 366.

Origenes Lessa — *A aventura de Cid Franco*, 82.

Osorio Borba — *Assú e Pedra Bonita*, 339.

Osorio de Oliveira — *Carlos Parreira*, 36; *Quatro Poemas de Thomaz Kim*, 279.

Osorio Dutra — *Haikais*, 21, 295; *Espeelho de tres faces*, 132; *Reflexões do meu caderno de notas*, 358; *Dois Poemas*, 167.

Oswald de Andrade — *Natal no Arranha-Ceo*, 235.

P

Pedro Gouveia Filho — *A função das bibliothecas escolares*, 45.

Peregrino Junior — *Romances de hoje*, 97; *Cobra Norato*, 155; *Um tratado de Physiologia*, 187; *Livros Brasileiros sobre Alimentação*, 351.

R

Raul de Polillo — *A Litteratura, o Feijão e o Sonho*, 309.

Raymundo Moraes — *João Cabelludo e o Promotor*, 52; *O portuguez do Brasil*, 160; *Rio sem Historia*, 340.

Renato Almeida — *Ronald de Carvalho*, 40; *Castro Alves*, 186; *A Liga das Nações e a Cooperação Intellectual*, 314.

Renato Mendonça — *O Penedo*, 12; *O Poeta Social do Brasil*, 50; *A America para os Americanos*, 190.

Roberto Alvim Correia — *O Ultimo Premio Goncourt*, 115.

Ruy Coutinho — *A Monocultura e a Dieta no Nordeste*, 79.

S

Salazar Regueira — *«Embryão»*, 352.

Sergio Soares — *Poema do Arco-Iris*, 162; *Poema de Isadora Duncan*, 202; *O Vidraceiro Mão (Trad.)*, 204; *Poema da Nostalgia*, 257; *O Estrangeiro (Trad.)*, 259; *Tentação*, 293.

V

Vinicio da Veiga — *Madame Robertson*, 72; *Meio século de psychanalyse e o prisioneiro de Vienna*, 280; *O Theatro na America*, 355.

Viriato Correia — *O Pau Brasil*, 171.

W

Waldemar Cavalcanti — *Themas Afro-Brasileiros*, 318.

Wilson Rodrigues — *O Poeta*, 131; *Poema*, 229; *Kaleidoscopio*, 250; *A Historia Incommum*, 289.

Z

Zuleika Lintz — *«Sereniãsde»*, 137.

INDICE DE ASSUMPTOS E PRINCIPAES ALLUSÕES

A

Abreu (Casimiro de), 4, 309; Academia Paulista de Letras, 99; Accioli (João), 19; Affonso Celso (Conde de), 219; Africa, 113; Agassiz, 166; Alain, 113; Alazard (Jean), 336; Albuquerque (Matheus de), 238; Alcantara Machado, 242; Alexandre (Arsene), 183; Alimentação, 79, 278, 325, 351; Almeida Cousin, 62; Almeida (Renato), 329; Alméras (Henry d'), 343; Alphonsus (João), 289; Alves Camara (Antonio), 62; Amado Genolino, 64; Amado (Jorge), 97, 117, 156, 364; Amaro (Austen), 318; Amazonia, 29, 125, 166, 175, 216, 273, 295, 303, 340, 348, 357; Amiguet (Ph.), 105; Andrade Filho (Luiz), 368; Andrade (Oswald de), 48; Anfreville (D. d'), 189; Anjos (Augusto dos), 252; Anjos (Cyro dos), 85, 97, 123, 156, 237; «Annaes do Itamaraty», 173; «Anuario Brasileiro de Litteratura», 303; Annunzio (Gabriele d'), 192; Anselmo (Manuel), 95; Araujo Jorge (Embaixador), 41; Araujo Lima, 125; Archer (Maria), 291; Aristoteles, 107; Armandy (André), 136; Aron (Robert), 139; «Aspectos», 39; Athayde (Tristão de), 145, 334; Audoux (Marguerite), 113; (Aveline (Claude), 143; Azevedo (Aluizio), 188; Azevedo Amaral, 236; Azevedo (Arthur), 48; Azevedo (Fernando de), 99.

B

Bachelin (H.), 202; Bacon, 184; Bailly (A.), 136; Baldus (Herbert), 56; Bandeira (Manuel), 133; Barcellos Penna, 357; Barraud (Georges), 123; Barreda (E. M.), 67; Barros Ferreira, 289; Barroso (Sebastião M.), 169; Bastos (Abgvar), 9; Bastos (Rachel, 222); Battifol (L.), 199; Baudelaire, 39, 96; Bayet (M.), 152; Beccaria, 39; Béguin (Albert), 17; Benoit (François), 152; Béraud (Henri), 96; Bernanos (G.), 3; Berthelot, 123; Bertrandfosse (Maurice de), 67; Bezerra (Alcides), 324; Biart (Lucien), 9; Bibliotheca da Pleiade, 199; Bibliotheca de Novellistas Brasileiros, 272, 304; Bibliothecas de Paris, 136; Bibliothecas Escolares, 45; Bierrenbach (Cesar), 138; Boissy (G.), 126; Boiteux (Almirante H.), 70; Bojer (Johan), 3; «Boletim da União Pan-Americana», 255; «Boletim de Ariel», 336; «Boletim do Centro de Estudos Historicos», 39; Bonnerot (J.), 113; Bopp (Raul), 76, 155; Bordeaux (Henry), 146; Borges dos Reis (Solon), 49; Boshard (J. M.), 136; Boulanger (J. B.), 139; Bourdon (M.), 137; Boutet de Monvel (R.), 113; «Brasilianna», 98; Brasillach (Robert), 111, 151; Braun (Pe. Bertoldo), 23; Bréhier (E.), 201; Bruges, 250; Brughetti (Romualdo), 19; Brunhoff (Jean de), 111; Brunet (Gabriel), 17, 210; Buarque de Hollanda (Sergio), 233; Bueno de Azevedo Filho, 154; Burnand (Tony), 142; Buschmann (W.), 368.

C

Cabral do Nascimento (João), 227; Camara Cascudo (Luiz da), 170, 232, 239, 251; Camargo Guarnieri (Rossini), 290, 353; Campos (Humberto de), 169; Canadá, 96; Carneiro (Edison), 18, 138; Carneiro Leão (A.), 233; Carré (H.), 271; Carvalho (Beni), 74; Carvalho (Flavio de), 56; Carvalho (Jader de), 75; Carvalho (Ronald de), 40, 74; Cassiano Ricardo, 75, 239; Castelnau (J.), 199; Castilhos Goycochêa, 223; Castro Alves, 18, 50, 185, 343; Castro (Eugenio de), 133; Castro (Comandante Eugenio de), 302; Celso Augusto, 367; Cézanne, 210; Chadourne (Marc), 137; Chaliapine, 260; Champagne (Elise), 95; Charpentier (John), 96, 144; Chasseriau (Ch. de), 111; Chénier (André), 144; Chéreau (Gaston), 95; Cherbuliez (Victor), 96; Chesterton, 1; Chiacchio (Carlos), 272; China, 187; Chrysantheme, 13; Cinema, 25, 63, 94, 126, 148, 182, 205, 243, 298, 363; Cione (Otto Miguel), 365; Cole (G. D. H.), 218; Collor (Lindolpho), 88; Colombo, 139; Companhia Editora Nacional, 354; Companhia Melhoramentos de São Paulo, 295; Congresso Nacional de Escriutores Americanos, 2; Conrad (Joseph), 157, 170; Constantino (Antonio), 265, 352; Cordeiro (João), 304; Corpechot (Lucien), 149; Correia d'Oliveira (Antonio), 184; Correia (Viriato), 170, 206; Corthis (André), 96; Costa (Dante), 278, 321, 325, 351; Costa (Othon), 296; Costa (Renato), 9; Coulomb (M.), 210; Coutinho (Galeão), 346; Croisset (Francis de), 115; Cruls (Gastão), 28, 264, 357; Cruls (Luiz), 304; Cunha (Euclides da), 200, 203, 350.

D

Dallet (François), 202; Dantas (Garibaldi, 184); Darwin, 61; Davet (Michel), 149; David (Louis), 322; Degas, 259; Descartes, 265, 336; Dias Duarte (Adhemar), 223; Dias (Publio), 32; Dickens, 198; Diderot, 113; Discos, 23, 59, 88, 127, 149, 178, 242, 266, 296, 328, 367; Donato (Mario), 290, 315; Domic (René), 186; Duhamel (Georges), 149; Dumas (Georges), 44; Duncan (Isadora), 192, 204; Durant (Will), 151; Durtain (Luc), 14, 315; Dutra (Osorio), 137.

E

Ebelind (J. B.), 143; Eça de Queiroz, 102; Edições Ponggetti, 336; Ellis Junior (Alfredo), 9; Escola Normal Superior de Paris, 6; «Esphera», 299; Estol (Julio Cesar), 227; Estudos Afro-Brasileiros, 8, 31, 37, 86, 92, 138, 225, 228, 316, 318.

F

Faria (Octavio de), 75; Fawcett (Coronel), 163; Feijó (Antonio), 310; Fernandes (Sebastião), 75; Ferreira Paes Simão, 75, 238; Ferreira Sobrinho (J.), 152; Figueiredo (Fidelino de), 95, 289; Finlândia, 78; Fischer (Jango), 152; Fiume (Lionello), 15; Focillon (H.), 201; Fontenelle Ribeiro (W.), 67; Fontes (Amando), 97, 110, 156; Fontes (Epicteto), 365; Fosca (F.), 136; Fourrest (G.), 143; Francé (R.), 96; Franco (Cid), 82, 290; Francovich (Guillermo), 184; Freud, 280; Freyre (Gilberto), 23, 30, 38, 79, 88, 92, 100, 116, 118, 214, 238. Frões Abreu (S.), 170, 173; Fumo, 242.

G

Gallieni (General), 152; Gambetta, 128; Garay (Benjamin de), 203, 272; Garcia Calderon (Ventura), 113; Garcia Lorca (Federico), 34; Garcia Mellid (A.), 332; Garrat (G. T.), 218; Gévers (Marie), 137; Giono (.), 201; Giotto, 336; Góes (Eurico de), 75; Goethe, 136; Golland Trindade (Frei Henrique), 74; Gomes (Eugenio), 9; Gonçalves Dias, 15; Gonçalves Fernandes, 86, 96; Gonçalves (Paulo), 258; Goya, 136; Graf (D. Thomaz), 138; Graves (Robert), 2; Gravina (Alfredo Dante), Grévin (E.), 137; Grieco (Agrippino), 64, 174, 293, 344; Guimarães Filho (Luiz), 239; Gurgel do Amaral (Luiz), 296; Gymnastica Infantil, 265.

H

Hamon (M.), 202; Hanke (Lewis), 107; Hauser (Henri), 131; Hayward (F.), 114; Hello, 128; Hemingway (Ernest), 2, 218; Hémon (M.), 136; Henriot (Emile), 155; Herissay (I.), Hermant (Abel), 95; Hernandez Catá (Alfonso), 338; Herisson (Robert), 312; Herskovits (Melville), 316; Hérubel (Marcel), 96; Historia, 251; Homero, 15; Hourticq (L.), 143; «Humanidade», 74; Huyard (E.), 139, 199.

I

Instituto Cayrú, 357; Intercambio Intellectual Luso-Brasileiro, 93, 150, 214, 368; Ipuche (Pedro Leandro), 154.

J

Jaguaribe de Mattos (Coronel), 42; James (Francis), 114; Jamot (Paul), 304; Jerome K. — Jerome, 95; Jobim (Danton), 240, 243; Jolinon (Joseph), 151; Joussain (A.), 201; Judaismo, 136, 170, 221.

K

Kehl (Renato), 295; Kemp (Emilio), 265; Kim (Thomaz), 279; Kleist (H. von), 113; Kohler (André), 259; Kolb (Marthe), 128.

L

La Fontaine, 136; Lagerlof (Selma), 152; Las Casas (Alvaro de), 45, 152; Launay (P. J.), 111; Leblond (Marius et Ary), 191; Le Braz (Anatole), 193; Legrand (I.), 202; Lehmann (Rosamonde), 218; Leite (Aureliano), 353; Leite (Pe. Dr. Serafim), 61; Lemos Picanço (Macario de), 15; Lemos Torres (Alvaro), 161; Lenz (J.), 41; Lessa (Origenes), 22, 219, 309; Levaux (Léopold), 128; Licart (Albert), 95; Lifar (Serge), 191; Liga das Nações, 314, 329; Lima Figueiredo, 111; Lima (Jorge de), 71, 75, 101, 220, 262; Lima (José Augusto de), 361; Lins do Rego (José), 97, 156, 174, 236, 237, 339, 364; Lins (Edison), 62, 140; Lins (Edmundo), 296; Litteratura Brasileira, 36, 104, 255, 365; Litteratura Cearense, 144; Litteratura Portuguesa, 164, 206, 320, 347; Litteratura Urugaya, 19; Livraria do Globo, 107, 345; Livraria José Olympio, 354; Lobo (Helio), 21; Lopes (Ascanio), 5; Lopes Moreira (P.), 56; Lopes (Napoleão), 349; Louzada (Affonso), 363; Luiz XI, 271; Luiz XIII, 143.

M

Macdonald (Ph.), 88; Macedo Soares (José Carlos de), 184; Machado de Assis, 296; Madeira (Carlos), 236, 263; Magog (H. J.), 55; Marcuse (Ludwig), 304; Maria Stuart, 199; Maricourt (Barão André de), 67; Marques da Cruz, 77; Marques Rebello, 128, 138, 167, 365; Marques dos Santos (Francisco), 67, 126; Marteau (Jean), 144; Martin du Gard (Roger), 128; Martinon (Suzanne), 210; Martins (Cyro), 54; Martins (Cyro), 54; Martins d'Alvarez, 11, 144; Martins (Franz), 11, 144, 363; Martius, 221; Mary (A.), 191; Massis (Henri), 115; Matta Machado Fo. (Aires da), 349; Maclair (Camille), 259; Maurois (André), 136; Maurras (Charles), 143; Mello e Souza (J. B.), 291; Mello Franco (Affonso Arinos de), 132, 233; Mello (Irene), 184; Mello Leitão, 131; Mello Netto (Archimedes), 365; Mello (Olbianio de), 99; Memento Bibliographico, 32, 64, 96, 128, 152, 184, 216, 248, 272, 304, 336, 338; Mendonça (Renato), 160; Mennucci (Sud), 309, 312; Mesquita (José de), 368; Mestre Aurelio, 33; Michon (G.), 128; Miranda (Agenor Augusto de), 236; Mitchell (Margaret), 2; Moacyr (Primitivo), 134; «Moçambique», 315; Molière, 117; Monfreid (Henry de), 67, 202; Monteil (Coronel), 146; Monteiro de Barros Lins (Ivan), 368; Monteiro (Exuperio), 64, 365; Montfort (E.), 136; Montherlant (H. de), 263; Moraes (Raymundo de), 272, 306, 338; Morato (Francisco), 184; Morgan (Charles), 65, 218; Morley (Christopher), 2; Morus (Thomaz), 17; Mossé (Benjamin), 230; Musica, 31, 55, 151, 176, 213; 239, 271, 288, 329; Musset (René), 131.

N

Nabuco (Joaquim), 272; Napoleão I, 139, 322; Napoleão III, 203; Negromonte (Pe. A.), 338; Nerval (Gérard de), 17; Neves Baptista (Mario), 114; Neves (Domingos), 296; Neynes, 235; Nogueira (Hamilton), 170; Nollac (Pierre de), 111; Norte Editora, 366; Nunes (Carlos Alberto), 272.

O

Oliveira (Alvarus de), 159; Oliveira (Felippe d'), 173; Oliveira Ribeiro Netto, 131; Osorio de Almeida (Miguel), 187; Osorio de Oliveira (José), 133, 146, 333; Ozorio (Manuel), 304.

P

Pailleron (Marie-Louise), 203; Paixão (Oswaldo), 31; Papy (L.), 191; Paranhos (Haroldo), 7; Passos (John dos), 196; Paullier (Washington), 170; Paulo Gustavo, 152; Pedagogia, 111, 236; Pedro II, 230, 239; Peisson (.), 3; Peixoto (Afranio), 184; Penedo (Barão de), 12, 190; Pereira (Alfred), 114; Pereira da Silva (Gastão), 165; Peregrino Junior, 175; Pernambucano (Ulysses), 335; Pessoa (Fernando), 215, 311, 315, 338, 355; Petit de Murat (U.), 248; Peyre (Albert), 115; Peyre (Joseph), 332; Pillement (G.), 202; Pilotto (Valfrido), 275; Pinheiro (Aurelio), 367; Pinheiro Viegas, 166, 235, 293; Pires (Pandiá), 296; Pirotto (Armando), 144; Plessis (Frédéric), 259; Plisnier (Charles), 115, 216; Ponchon (Raoul),

111, 186; Ponson du Terrail, 10; Ponte das Quatro Estatuas, 118; Pourrat (H.), 131; Prata (Ranulpho), 152, 168; Premio Goncourt, 118; Prévost (Jean), 162; Puchkine, 67.

Q

Queiroz (Rachel de), 365; Queiroz Velloso, 128; Querino (Manuel), 134.

R

Rabello (Sylvio), 309; Raizmann (Isaac), 170; Ramos (Arthur), 37, 92, 118, 228; Ramos (Graciliano), 221, 237, 248, 321, 365; Ramos (Guerreiro), 93; Rangel (Alberto), 107; Reale (Miguel), 61; Rebello Gonçalves, 128; Rebordão (Herculano), 354; Reforma, 20; Reis (Nelio), 43, 51, 97, 156; Remos (J. J.), 16; Renan, 231; Reuze (André), 203; «Revista do Gremio Euclides da Cunha», 151; «Revista do Serviço de Patrimonio Historico e Artistico Nacional», 203; Reynal (Beatrix), 41; Rezende Martins (Geraldo de), 110; Ribeiro (Hamilton), 79; Riberio (Yvan), 112, 368; Ribeiro (João), 217; Ribeiro (Leonidio), 117; Richelieu, 19; Rimbaud, 128; Robert (L. de), 11; Robespierre, 12; Rocha Diniz (Osorio da), 98; Rodrigo Octavio Filho, 272; Rodrigues (Nina), 239; Rodrigues (Sylvio), 227; Romance, 162, 328; Rostand (Maurice), 123; Rouveyre (André), 143.

S

Sabóia de Medeiros (Fernando), 296; Sainte-Beuve, 113; Salão de Maio, 257; Salguero (Luis Gil), 37; Salminem (S.), 136; Sanches (B.), 242; Sanches (Nosor), 103; Sand (George), 281; Sant'Elmo (Ruy), 272; Saraiva (Simas), 275; Scheffer (Ary), 128; Schmidt (Affonso), 231; Seidl (Roberto), 48; Serraine (Florival), 336; Sette (Mario), 329, 362; Setubal (Paulo), 61, 64; Shakespeare, 101, 129, 251; Silveira (Tasso da), 128; Silveira (Valdomiro), 28; Simenon (Georges), 315; Simonsen (Roberto), 125, 184; Sinclair (Upton), 98, 293; Sisnando (Jayme), 181; Soares de Souza (Gabriel), 315; Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, 55; «Sol Nascente», 113; Souto de Casa, 32; Souto Maior (Mario), 61, 227; Souza Carneiro, 8; Souza Leão Filho (Joaquim de), 170; Stamato (Yonne), 139; Suetonio, 39; Sussekind de Mendonça (Carlos), 242.

T

Talon (José), 146; Tavares Bastos, 96, 166, 236; Tavares Franco, 336; Teixeira (Luiz), 95; Terbo (Clovirio), 23; Thauraud (Irmãos), 136; Theatro, 206, 355; Thiollier (René), 368; Tronchon (Henri), 230, 355; Truc (Gonzague), 123; Tynaire (Marcelle), 114.

U

Universidade do Districto Federal, 9.

V

Valéry (Paul), 345; Vargas (Getulio), 304; Vasconcellos (Eduardo P. C.), 99; Vasconcellos (Salomão de), 55; Veiga (Vinicio da), 165, 268; Verissimo (Erico), 55, 365; Vianna Filho (Luiz), 236; Vianna (Helio), 272; Vicuña Cifuentes (Julio), 224; Vieira da Silva, 99; Vieira (Hermes), 367; Vieira (Pe. Antonio), 181; Vignes Rouges (Jean des), 96; Vilhena de Moraes, 99; Vioux (Marcelle), 115; Vivan (Madeleine), 210; Vollard (A.), 201.

W

Werneck Sodré (Nelson), 294, 368; Wertheimer (Oskar von), 37.

Z

Zamenhof, 242.

Aproximação cultural Luso-Brasileira

Utopia era uma certa ilha que Thomas Morus inventou, etc...

Utopia é também o pensar que as varias actividades officiaes no sentido de pormover a aproximação das litteraturas portugueza e brasileira têm realizado obra que se veja. A ponte cultural que se suppõe lançada sobre o Atlantico é uma especie da famosa ponte do Rio a Nictheroy: tem arranha-céus, cinemas, lojas, restaurantes, jardins... mas não existe.

De alguns annos para cá, intellectuaes de Portugal e Brasil cruzam os mares, são recebidos com pompa e flores nos caes e nas respectivas Academias de um e outro paiz, promovem-se sessões solennes, criam-se Institutos, Missões e Comissões; e os publicos portuguez e brasileiro, graças a esses esforços officiaes, pouco mais ficam sabendo das culturas brasileira e portugueza além de que o Professor Fulano recebeu o titulo de doutor honoris-causa da Universidade de Tal, que o illustre academico Sr. Cicrano foi homenageado pela Academia de Algures, e que uns e outros reafirmaram ser seu desejo do coração e da alma estreitar ainda mais os laços já existentes, etc...

Sabe alguém dizer-me qual é a utilidade dum discurso pronunciado pelo Sr. Afranio Peixoto sobre Camões, perante o Sr. Julio Dantas e os outros immortaes que este preside? E' natural que o Sr. Afranio conheça o épico lusitano com a mesma intimidade — ou pouco maior ou menor — que o Sr. Dantas e os seus companheiros; assim sendo, dos que ouvem o discurso ninguem lucra coisa alguma, ou apenas a regulamentar hora de prazer espiritual... O mesmo acontece com um discurso feito, por exemplo, pelo Sr. João de Barros, sobre Olavo Bilac, perante os immortaes academicos brasileiros. Mas quem indiscutivelmente não lucra coisissima alguma, é toda a massa do publico que não tem assento entre as quatro paredes da Academia. Isto é, a tal hora de prazer espiritual não é marcada nos relogios daquelles a quem, precisamente, ella deveria ser offerecida para que as palavras dos discursantes não fossem palavras deitadas ao vento.

Ora quasi toda as manifesta-

ções officiaes do desejo de approximar as culturas portuguezas e brasileira tem florescido e murchado da mesma forma: um erudito do Brasil que repete a meia duzia de eruditos portuguezes o que elles estão cansados de saber sobre os seus Luizes de Camões, e um erudito portuguez de saber sobre os seus Olavos Bilacs.

Nunca vi coisa mais particularista e inutil do que as missões officiaes que se destinam a divulgar nas duas patrias irmãs o conhecimento das suas respectivas culturas. O publico, todos os que não são intellectuaes, nem professores nem academicos, parece não ter nada que ver com essas missões; o que é fora de duvida, é não ser em favor do publico que ellas se organizam. São um pouco como todas as missões diplomaticas de que os povos (os verdadeiros interessados) não chegam a saber muito mais que o numero de condecorações que ornamentaram a casaca de cada um dos seus membros, e as phrases de amizade reciproca trocadas na gare do caminho de ferro.

O principal alvo que devem visar as taes actividades officiaes é o publico, o vulgar e banal publico: o que não recebe convites para a sessão da Academia em que se dissertará sobre assumptos de aproximação cultural, e que também não encontra nas livrarias com que saber por onde se pega para fazer semelhantes aproximações. O mal de tudo está num pequeno engano: geralmente, quando se fala de aproximação cultural luso-brasileira, imagina-se (supponhamos) o poeta Jorge de Lima sendo apresentado ao poeta Alberto de Serpa, e os dois almoçando e passeando juntos. Quando, afinal, a aproximação está em dar aos leitores portuguezes os livros de Jorge de Lima e aos brasileiros os de Alberto de Serpa.

Emquanto se tiver que procurar livros portuguezes no Brasil e brasileiros em Portugal, como quem procura agulha em palheiro, todos os esforços de aproximação não serão mais do que gestos de cortezia inutil dum lado e doutro dum vasto abysmo.

O primeiro elemento de aproximação de culturas é o *livro*, e

não a mesa da sala nobre das Academias e dos banquetes.

Dê-se ao publico portuguez a facilidade de lêr tudo o que se escreve no Brasil, e ao brasileiro tudo o que se escreve em Portugal, e não haverá mais precisão de quebrar a cabeça com planos de aproximações.

E' claro, a existencia dum Instituto de Alta Cultura Luso-Brasileira, duma Comissão de Intercambio, as viagens transatlanticas dos Srs. João de Barros e Afranio Peixoto, Gilberto Freyre e Fidelino de Figueiredo, e outros e outros, são coisas uteis. Mas são secundarias, e sobretudo, depende a sua utilidade de certas phases de preparação que se tem descurado. Esses Institutos, etc., são uma especie de curso superior que não tenha a precedel-o o curso gymnasial. E' restringir o direito de matricula — como alumnos — aos que já são professores.

São os não sei quantos milhões de portuguezes e brasileiros alphabets de todas as classes, que precisam e querem conhecer as culturas de Portugal e Brasil, e não só os pequenos grupos de privilegiados cenaculos academicos. Esses já as conhecem, ainda que mais não seja, por dever de officio; tudo o mais que lhes disserem é repetição ou materia prima para um longo e disfarçado bocejo.

Para terminar: não é aristocraticamente, vestindo casacas e fazendo discursos amaveis, que se fará a aproximação cultural luso-brasileira; é muito democraticamente, espalhando o *livro*, e limitando-se os aristocratas das lettras a aconselhar e guiar o mais simplesmente possivel, o povo leitor nos seus primeiros passos.

Nesta nossa época de ódios e assassinatos, se há dois povos que possam e devem amar-se verdadeiramente (isto é, sem Tratados de Amizade) são Portugal e Brasil. E para que melhor se amem, é preciso que melhor se conheçam.

E não se queira que Portugal e Brasil se amem á maneira dos amores das Santas Allianças politicas. Para tirar Oceanos do meio de nós, brasileiros e portuguezes, só mesmo os dois povos dando-se as mãos singelamente.

Só mesmo tratando-se por *tu*, e não por *V. Excia.*

MARIO BORGES DA FONSECA.

LIVROS DE POESIA

Em artigo publicado no *O Jornal* escreveu o sr. Cassiano Ricardo que «S. Paulo não tem poesia». No momento mesmo em que lia tal notícia me chegavam ás mãos três livros de versos dos paulistas Guilherme de Almeida, Oneyda Alvarenga e Rossine Camargo Guarnieri, respectivamente denominados de *Acaso*, *A menina bôba* e *Porto Inseguro*. O primeiro é obra de um poeta já muito conhecido do publico brasileiro e traz nas suas paginas coisas em verdade interessantes: um lyrismo abundante que chega a quasi transbordar. Em tudo o sr. Guilherme de Almeida vê motivo para fazer versos com aquella delicadeza e leveza que todos reconhecem como condição preponderante de sua sensibilidade. *Acaso* se apresenta materialmente infame, numa edição indigna do poeta, trazendo uma capa que só se vendo, em cujo centro se destaca uma cesta de flôres negras. O que nella se encontram são umas coisas que o poeta não só escreveu como traduziu com o geito muito proprio de seu espirito. Por exemplo aquelle poema de Rudyard Kipling «Si eu fosse enforcado», não poderia merecer uma traducção mais intensa e perfeita na sensibilidade. «Si eu fosse enforcado» no mais alto morro, eu sei que um amor me veria em socorro; si eu fosse afogado no mar mais profundo, eu sei que uma lagrima iria até o fundo; si eu fosse maldito de corpo e alma, um dia, eu sei que uma prece me redimiria. Tu, minha mãe! O' tu, minha mãe!» Uma parte de *Acaso* é toda dedicada a traducções.

O Sr. Guilherme de Almeida fez uma escolha segundo o seu criterio e nessa escolha a gente vae surprender tambem Elizabeth Barrett Browning, Goethe, Tagore, Langston Hughes, um japonês, um anonymo, etc. E o poeta está todo dentro disto que elle traduziu do monge Mansei, perplexo deante da vida. «A que comparar a vida? Ao barco que vae passando? Ao rastro que deixa o barco? A' espuma que o rastro deixa? Ainda sobre o mesmo assumpto, a vida sempre desconhecida, o autor escreveu este poema. «E foste para mim uma desconhecida!» Tantos

annos vivi longe da tua imagem, ignorando o perfume, o gosto, a côr selvagem da tua alma de flôr, do teu corpo de fruta. E a frescura de amor que a sombra diminuta do teu vulto menino espalha pelo chão! Tantos annos vivi! — Vivi? Tive a illusão de viver... Porque, sendo a minha propria vida, tu foste para mim uma desconhecida». E assim está cheio o *Acaso*.

O outro livro, *A menina bôba*, se apresenta muito bem, é dedicado a Mario de Andrade e Manuel Bandeira. Os poemas de Oneyda Alvarenga têm qualquer coisa de estranho. Comunicam um sabor gostoso. «Vontade de me diluir, de me fluidificar, de entrar na essencia de todas as coisas, de me perder aos pedaços por todos os caminhos, pelos caminhos que vão dar a todas as vidas. Loucura de viver mais, de viver tudo, de viver completamente. A minha vida só não basta para mim! Eu quero ser o mundo!» A poetisa revela uma anciosidade extraordinaria num tumulto de desejos individualistas. «Eu não paro no amor, eu não posso ainda amar o amor que fica». Um minuto perdido e muda-se o destino, afrouxa o impeto que arrasta na carreira. E a hora é para mim das energias, das conquistas, não das abdições e das renunciás. Ainda estou no momento exaltado das buscas, das inquietudes, dos desejos, com ansias desvairadas de vôos victoriosos, de me afundar no azul, de tirar de mim mesma meu mundo, minha vida, minha gloria».

O sentido de humanidade grita nessa creatura de uma grande beleza de alma. Em tudo elle se manifesta berrando. «Não posso sentir pena de ninguem sem que me dê um desejo maternal de acalentar-o, de passar-lhe as mãos pelos cabellos, de lhe dizer uma porção de coisas sem sentido... «A exaltação de Oneyda Alvarenga tem uma notavel força de sinceridade. Em tudo esta se manifesta. Vê-se que se trata de uma creatura sem o espartilho dos preconceitos que tanto afeiam certas mulheres de espirito. «Transformar esta inutil virgindade numa maternidade luminosa. Passar a alguém esta exaltação para que não morra

a alegria sobre a terra, esta alegria de ser vida que se sente viver, que enche os olhos com todas as imagens e aperta todos os seres nos seus braços». E assim é todo o livro dessa menina que só é bôba porque sonha com as coisas que a vida tem de mais rutilante na sua eternidade. Não foi sem justas razões que Mario de Andrade me escreveu: «aqui lhe mando uma poetisa nas asas do canto vibratil do melhor tropicalismo e do mais puro lyrismo».

Finalmente temos *Porto Inseguro* de Rossine Camargo Guarnieri que se pode lêr na certeza de não surprender enfado ou coisa semelhante. Pelo contrario. Experimenta-se uma vontade de ir ao fim, na ancia de sentir cada vez mais o poeta. Este deve ser muito moço porque não esconde a força de vivacidade e curiosidade e revolta que somente o espirito joven distilla deante dos quadros desta vida. Não é que os mais velhos não sejam capazes de fazel-os. E diga-se de passagem que por vezes até com mais intensidade de sentimentos. Mas o facto é que a gente sente que Guarnieri e Oneyda são uns vinte annos mais moços do que Guilherme de Almeida. Esse negocio dos annos passando pela sensibilidade pode de facto afinala no sentido de educação, mas sensibilidade só se torna admiravel quando ainda soffre a influencia do que é virgem, do que é puro, do que ainda não experimentou o polimento e, portanto, traz consigo o calor e o entusiasmado da juventude.

Quem quer que leia taes livros garanto que terá a mesma impressão. No primeiro se notam a serenidade e o repouso. Nos dois ultimos a inquietação e a exaltação saltam em todas as suas paginas sem dominio de força pelo que as torna mais bellas e comprehensíveis. Este poema se torna exemplo. «As mulheres da vida offerecem as prendas (mostrando as vantagens: são bôccas, são pernas, são peitos, são mãos... Os homens espíam e passam. No fundo de um antro Maria-perdida acalenta seu filho nos seios redondos e canta cantigas pro filho dormir com a mesma ternura de todas as mães». No

O OVO DE COLOMBO

proprio prefacio Mario de Andrade apreciando os versos de Rossine Camargo Guarnieri, faz umas divagações interessantes, sobre as quaes se assentam os poderes da mocidade e da velhice na produção poetica. «Ah... vão chegar depois aquelles instantes afflictos em que a gente se contorce quietissimo, sem gesto, o espirito é que braceja alarmado, será que a poesia estancou? E' um espinho salgado que penetra, a gente ama a poesia, mas poesia não sai mais. O sal queima onde entra, vem uma saudade angustiada dos tempos em que os poemas saiam aos tres e quatro diariamente das mãos inéditas. Chega-se a detestar a esta mão».

O geito que então se apresenta é mesmo desviar-se para a tradução. Ir procurar motivos nos outros. Amparar-se para não morrer desde que seccaram as fontes naturaes do lyrismo como força selvagem das primeiras horas.

Não tem razão o Sr. Cassiano Ricardo quando assegura que «S. Paulo não tem poesia». A poesia está em S. Paulo que só num mez nos deu tres livros de poemas. O immortal por ventura querera dizer que ella se mudou? Conversa. Mudou-se para onde? Só se foi da sensibilidade dos velhos para a dos moços.

ADEMAR VIDAL

— No ultimo relatório do Gabinete Portuguez de Leitura destacam-se curiosas notas sobre Eduardo Lemos, bemfeitor daquella instituição e homem de commercio que estimou grandemente as letras, sendo amigo de Ramalho Ortigão e promovendo uma esplendida edição d'Os Lusíadas.

— Um nortista que procura disfarçar a ternura em ironia é o sr. Antonio Girão Barroso, divulgado pelo editor Edesio, de Fortaleza. *Alguns poemas* indicam realmente a vinda de um novo poeta.

— A bella revista *Sol Nascente*, do Porto, envia-nos a collectanea de novellas do sr. Affonso Ribeiro, *Illusão na morte*. E' este um escriptor em que se unem talento e temperamento invulgares.

— Transcrevamos um conceito de Mucio Teixeira a proposito do sr. Sampaio Junior, autor dos *Relampagos*: «Os versos deste poeta, fluentes, inteiriços e cheios de sonoridade, são impetuosos no ataque como uma carga de cavallaria riograndense». O sr. Sampaio Junior é jornalista em Espirito Santo do Pinhal e já esteve preso, na capital de S. Paulo, por ter escripto, durante a Grande Guerra, uma ode á Allemanha. Sympathica figura de artista romantico.

No artigo que escrevemos para o numero anterior deste *Boletim* afirmamos categoricamente que o intercambio cultural luso-brasileiro vencerá na hora em que se libertar das dedicações duvidosas que o compromettem.

De então até hoje, e já lá vão alguns mezes, não temos porque mudar de juizo ou de rectificar o nosso criterio, antes pelo contrario, tudo concorre para nos capacitarmos de que a razão continua do nosso lado, de que algo de util sera possivel realizar-se desde que haja boa-vontade, disposição de espirito, honestidade de propositos, elevação e desinteresse no modo de agir e proceder.

A Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro poz em pratica nos ultimos tempos um systema de intercambio que ella não inventou — diga-se de passagem, — mas que vem experimentando e quem sabe? Pode muito bem ser a chave do indecifrável enigma, o «abre-te sésamo» de tão debatido problema, tais têm sido os felizes resultados já colhidos. E' claro que, para corresponder á magnitude do empreendimento, teriamos de ampliar extraordinariamente esse systema, dando-lhe uma organização menos imperfeita, traçando-lhe, em summa, o arcabouço, e isso não é possivel sem recursos.

O que temos feito, porem? Nada de maravilhoso, porque, embora sonhadores — e a obra da nossa collectividade até certo ponto não pode ir alem de um bello sonho de noite de verão — fugimos de erguer castellos no ar e de comprar terrenos na Lua... Somos, como diria Wilde, homens sem importancia, mas que, precisamente por essa condição, difficilmente se deixam deslumbrar. Procuramos a realidade, sem, comtudo, excluirmos de toda a fantasia; polvilhamos os nossos actos com um pouco de imaginação. Sonhamos, sem que os nossos pés percam o contacto com o terreno das realidades.

Mas em que consiste o que a Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro tem feito? Simplesmente nisto: em distribuir graciosamente entre os escriptores, jornalistas, homens publicos, professores, pelos elementos da elite cultural brasileira o *boletim*, pelo qual se prova que em Portugal não faltam os espiritos superiores, que lá não ha, apenas, poetas basbaques, autores de «quadrinhas» e redondilhas para lettreiros de «bond», que possuímos uma equipe mental apreciavel, que não nos faltam os «clercs» de polpa; em offerecer em idénticas condições e por igual forma a essas personalidades os livros, as revistas, os jornaes, os documentarios que se editam em Portugal e no Ultramar, e que, para tal fim, já nos são remetidos generosamente em quantidade sufficiente; e, por ultimo, promovendo a reprodução na imprensa brasileira de artigos que a tanto façam jus.

Os applausos que nos chegam por este trabalho — e que, proclame-se para que se saiba, devemos á cooperação inestimavel do unico portuguez que tem do intercambio luso-brasileiro, no seu conjunto, uma noção real, intelligente e completa: o Dr. Nuno Simões —, autorizam-nos a acreditar que se dispuzessemos de recursos para adquirir um nu-

mero elevado de exemplares das obras mais representativas na esphera da arte, da criação e do pensamento, publicadas em Portugal e no Brasil, — as daqui para serem distribuidas lá, as de lá para distribuirmos aqui —, isto durante alguns annos seguidos, não seria ousado acreditar no triumpho do intercambio cultural luso-brasileiro, por tal modo firmado e alicerçado num conhecimento mutuo dos valores reaes e dos expoentes da cultura e da intelligencia das duas patrias, e secundado por cima com a publicação gratuita ou acessivel de um boletim critico-bibliographico que bem poderia ser o «Boletim de Ariel», em consequencia do seu aprumo, da sua independencia e do seu brilho, e se não puder ser elle proprio, o que seria o ideal, dados os seus predicados, de que é garantia segura uma tradição velha de sete annos, que seja outro que nelle se inspire e lhe siga os exemplos.

Evidentemente que não bastarão estes factores; muitos outros podem e devem concorrer para o bom exito de empreendimento, e que não são dos menos brilhantes, embora de efficacia muito relativa: as visitas reciprocas, as conferencias, etc. Contudo, não deve andar o carro adiante dos bois, nem se deve começar a construção do edificio pelo telhado, e é isto, pouco mais ou menos, o que têm feito até hoje. As palavras, por muito bonitas que sejam, não deixa o vento de levar-as...

De-certo que a iniciativa que apon-tamos, para dar de si maior rendimento, reclamaria a existencia em Portugal de uma collectividade que se attribuisse lá o papel que deste lado competiria á Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, mas uma collectividade que não seja nova, apenas, na sua idade civil, nova por ser de criação recente, mas jovem de espirito e nunca das muitas que já existem com rheumatismo até na alma...

F. DAS DORES GONÇALVES

(Transcripto do «Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro», Nos. 22-23).

— Quanta poesia na prosa do sr. Athos Damasceno Ferreira ao escrever a encantadora novella de arrabalde que baptizou de *Moleque!* Está ahi alguém que nunca se degradará na banalidade.

— As tarefas pedagogicas ainda não tiraram ao sr. Jonathas Serrano o gosto da poesia, da nobre e alta poesia. Prova-o seu ultimo volume de versos. *Esta vida que passa...*, onde ha muita technica e, o que vale bem mais, muita alma.

— Grande livro do tempo é a *Historia da Companhia de Jesus no Brasil*, do Padre Serafim Leite. Obra indispensavel ao esclarecimento do nosso passado religioso e civil.

— Merece leitura attenta o opusculo do sr. Francisco de Sales Oliveira sobre *Portugal e a gloria da Restauração*. Uma calorosa eloquencia encontra-se ahi a serviço da cultura e da verdade historica.

O meu Estado tambem tem homens de letras

Foi no meu tempo de gymnasião em Natal, relendo a lista dos filhos illustres de cada um dos nossos estados, organizada pelo Sr. Prof. Mario da Veiga Cabral, no seu *Compendio de Chorographia do Brasil*, que comecei a notar com tristeza e decepção como o Rio Grande do Norte era pobre em comparação a quasi todos os estados do Norte. Não alludia elle a um nome de um norte-riograndense, no dominio das letras, que se nivelasse aos dos outros estados: Maranhão, Ceará, Pernambuco, Sergipe, Bahia. O Maranhão tinha dado ao Brasil um Gonçalves Dias. O Ceará, um José de Alencar. Pernambuco, um Joaquim Nabuco. Sergipe, um Tobias Barreto. A Bahia, um Ruy Barbosa. Só o meu estado não tinha dado o seu Ruy Barbosa ao paiz...

E percorrendo os historiadores da nossa existencia litteraria, maior foi a minha tristeza e a minha decepção: não havia lugar, na porção dos filhos notaveis do Brasil, para os do Rio Grande do Norte. Conhecia o poeta Othoniel Menezes, «o maior da minha terra», e o seu nome não vinha em nenhuma historia da litteratura brasileira que li. Os historiadores da litteratura nacional não falavam nos homens de letras do meu estado. Só o sr. Afranio Peixoto é que nas suas *Noções de Litteratura Brasileira* registrava dois nomes femininos: o de Auta de Souza e o de Nisia Floresta.

Amando o meu estado e orgulhoso dos grandes filhos do seu povo, enchi-me logo de curiosidade pelas figuras das minhas duas conterraneas. E procurei cercar-me de quem pudesse dar informações sobre ellas. Disseram-me então que Auta de Souza foi uma irmã do Dr Henrique Castriciano, um poeta indiscutivel e um escriptor incontestavel, apesar do seu nome não figurar nas nossas historias litterarias... Morreu não tinha ainda vinte e cinco annos, deixando um livro de versos: *Horto*, de um lyrisimo que, pela sua singularidade e pela sua densidade, suplantava o de todas as suas patricias, fazendo della, Auta de Souza, a maior poetiza brasileira do seu tempo.

E Nisia Floresta foi uma mulher extraordinaria. Com 19 annos, deixou o Rio Grande do Norte, indo para o Recife e depois para o Rio Grande do Sul, onde fundou um grande collegio. Mudou-se, mais tarde, para o Rio, continuando a ensinar. Ella educadora, sendo como era uma mulher do seu tempo, era tambem abolicionista e republicana, prégando abertamente a liberdade de cultos e a federação. Porém é na Europa, para onde embarca um dia, que Nisia se revela a mulher excepcional que foi. Esteve na França, na Allemanha, na Inglaterra, na Italia, na Grecia, viajando tambem pelo Oriente. Deixou das suas impressões sobre a Italia e a Allemanha dois livros interessantes: *Trois ans en Italie* e *Voyage en Allemagne*. Frequentou os mais notaveis cursos de sciencia da Italia, Inglaterra e França, relacionando-se intimamente com Lamartine, Victor Hugo, George Sand, Sanint-Hilaire e correspondendo-se assiduamente com Comte, Mazzini e Garibaldi. Tanto a pena como a palavra eram, para ella, um elemento de propaganda, encarando com elevação de vistas os problemas sociaes e philosophicos da sua epoca. Das coisas do seu paiz, publicou duas obras serias, que bastavam para destacal-a das outras escriptoras suas patricias: *Revolta praieira* e *Le Brésil*.

Mas não foi somente Auta e Nisia que o Rio Grande do Norte deu ás letras brasileiras. Para só referir os nomes mais proximos, começarei pelo grupo de Ferreira Itajubá. Eram uns bohemios que levaram a vida a fazer serenatas e a improvisar versos lindos como o luar que adoravam. Ferreira Itajubá e Gothardo Netto eram os dois maiores poetas do bando. Este ultimo, quasi analphabeto, fez os versos mais cheios de poesia que li sobre os mares, praieiros e jangadeiros, da minha terra. Nasceu poeta e na vida quasi que só fez isso: versos, simples e naturaes, que se repetem pela memoria dos seus conterraneos. Pedro Alexandrino era o homem de saber do grupo, embora tenha sido um autodidata que aprendeu a ler depois do vinte annos. Fez-se por elle mesmo, tendo por guia apenas o

seu talento. Um dia surgiu num concurso para professor da cadeira de portuguez no Atheneu-Norte-Riograndense, apresentando uma these sem precedencia na existencia do velho e secular educandario e conquistou o lugar, onde foi sempre um mestre, um formador de gerações. Sabendo que não é a grammatica que faz a lingua e sim a lingua que faz a grammatica, foi quem primeiro se insurgiu entre nós contra a camisa de força das regras grammaticaes, enveredando pelo caminho que iria conduzir a um João Ribeiro.

A essa geração, ainda tão viva na lembrança dos norte-riograndenses, succede-se uma porção de poetas: Abner de Brito, Segundo Wanderley, Barreto Sobrinho, Jayme dos G. Wanderley, Bezerra Junior e a poetiza Carolina Wanderley. Abre-se espaço, então, para a figura de Armando Seabra que apesar de ter desaparecido muito moço já era um ensaista e um critico de senso e opinião formadas. José Augusto (com os seus estudos de direito constitucional), o velho Antonio de Souza (com os seus romances) e Luiz da Camara Cascudo (com os seus ensaios historicos) são mais tres nomes a se accrescentar. E Peregrino Junior, conhecido e admirado no paiz todo, é riograndense do norte, como é Jorge Fernandes que, como poeta moderno, regionalista é tão grande quanto Jorge de Lima ou Ascenso Ferreira, embora o Sr. Andrade Muricy tenha feito obra chamada *A Nova Litteratura Brasileira*, em que estuda os nossos poetas e prosadores modernistas e não tenha se referido a elle e ao seu delicioso *Livro de Poemas*...

JOSÉ BEZERRA GOMES.

Edição Ariel:

GERMANA

Romance de VICTOR AXEL

NOVIDADE

NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

ELINOR GLYN
RUY BARBOSA
AFFONSO DE E. TAUNAY
VICENTE DE CARVALHO
J. B. VON SPIX e C. F. VON
MARTIUS
ALMIRANTE CUSTODIO JOSÉ
DE MELLO

ALBERTO TORRES
CELIA RABELLO
SEBASTIÃO PAGANO

FRANCISCO BRASILEIRO
MONTEIRO LOBATO

MAJOR FREDERICO RONDON

Porque? 6\$000
Mocidade e Exilio 10\$000
Visitantes do Brasil colonial 9\$000
Poemas e canções 9\$000

Viagem pelo Brasil — 2 vols. 40\$000

O Governo Provisorio e a Revolução de
1893 — 2 vols. 20\$000

O Problema Nacional Brasileiro 10\$000

Cartilha 3\$500

O Conde dos Arcos e a s/revolução de
1817 12\$000

Na serra do Roncador 8\$000

Alice no Paiz das Maravilhas 5\$000

Novos Contos de Grimm 5\$000

» » Andersen 5\$000

Robinson Crusoe 6\$000

Na Rondônia Ocidental 10\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL Sede: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 Recife - Pernambuco
A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal

Livraria José Olympio Editora

Telegrammas

OUVIDOR, 110
23-2389

JOLYMPPIO

1.º MARÇO 13
23-2831

RIO DE JANEIRO

ULTIMAS EDIÇÕES

Getulio Vargas — A NOVA POLITICA DO BRASIL — (5 vols.)

SUBTITULOS:

1.º vol. — Da Aliança Liberal ás realizações do 1.º ano de governo
1930-1931.

2.º vol. — O ano de 1932 — A Revolução e o Norte. — 1933.

3.º vol. — A Realidade Nacional em 1933. — Retrospecto das Rea-
lizações do Governo — 1934.

4.º vol. — Retorno á terra natal — Confraternização Sul-Americana —
A Revolução Comunista. — Novembro de 1934 a Julho
de 1937.

5.º vol. — O Estado Novo — 10 de Novembro de 1937 a 25 de
Julho de 1938.

André Rebouças — DIÁRIO E NOTAS AUTOBIOGRAFICAS. — (Coll.
Documentos Brasileiros).

Manoilescu — O SÉCULO DO CORPORATIVISMO — (Doutrina do
Corporativismo Integral e Puro). Trad. de Azevedo Amaral.

Menotti del Picchia — KUMMUNKÁ — (Romance Brasileiro).

Humberto de Campos — CONTRASTES — 2a. edição.

Vinicius de Moraes — NOVOS POEMAS.

Enrique de Resende — RETRATO DE ALFONSUS DE GUIMARAENS.

Dr. Maurice de Fleury — A ANGÚSTIA HUMANA — 2a. edição.

Monte Arrais — O ESTADO NOVO E SUAS DIRETRIZES. 2a. edição.

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S/A

SERAFIM LEITE, S. I.

Historia da Companhia de
de Jesus no Brasil — 1.º 35\$000

D. H. LAWRENCE

O Amante de Lady Chatterley 12\$000

GUSTAVO BARROSO

Historia Secreta do Brasil —
3a. parte 12\$000

LUIZ EDMUNDO

O Rio de Janeiro do meu tem-
po — 3 grossos volumes
com mais de 1.200 paginas
com muitas gravuras . . . 70\$000

CORREIO UNIVERSAL

João Tymbira 3\$000

Livraria Civilização Brasileira

MATRIZ

FILIAL

Rua do Ouvidor, 94
RIO DE JANEIRO

Rua 15 de Novembro, 144
SÃO PAULO

NOTA — A Matriz atende pedido pelo "Serviço
de Reembolso Postal".

Theatro

MOLNAR

De ha muito desejava lêr uma das peças de Molnar, isso porque é o autor húngaro mais traduzido na Italia.

Faz dias, satisfiz esse meu desejo. *Dalila* é a peça. Publicou-a «Scenário», a magnifica revista italiana.

O titulo indica a fonte onde se inspirou o autor. A lenda de Sansão e Dalila é conhecida. Descoberto que provinha a extraordinaria força de Sansão da sua farta cabelleira, mandaram seus inimigos que Dalila o conquistasse e, adormecido elle, lhe cortasse os cabellos. Dalila cumpriu a ordem e Sansão, ao despertar, viu-se manietado, em poder de seus inimigos, que o conduziram ao templo. Chegado ao templo, Sansão, num esforço titanico, arrebitou as cordas, que o immobilizavam, abalou as columnas do templo, conseguindo fazer desabar o tecto, soterrando-se e aos seus inimigos.

Henri Bernstein inspirou-se nisto, em sua peça *Sansão*. O protagonista, trahido pela mulher, provoca o descalabro da Bolsa de titulos, arruinando-se e arruinando o rival. Por ahi se vê que Bernstein, uma vez fixado na lenda, não necessitou de grande trabalho para a invenção das suas personagens centraes: O marido enganado, a mulher que o enganou, o homem com quem se deu o adulterio.

Molnar inspirou-se em Dalila, que castrou a força de Sansão, cortando-lhe os cabellos. A força do homem moderno é o dinheiro, ou a politica, ou o prestigio do nome.

Molnar optou pelo dinheiro, que é mais facil de derrubada. Assim, pois, duas personagens estavam inventadas automaticamente. Mas na peça de Bernstein a situação surge quasi immediatamente, ao passo que, em Molnar, a situação não se offerece nitida. Por que se apoderará a mulher da força do homem. Por ambição? Por amor? Por vingança?

Si dahi pôdem nascer caracteres e enredos completamente diversos, certo é que um caracter se impunha logo: o de Dalila, a mulher que finge amor ao homem para obter o seu objectivo. Poderia ser a propria esposa ou a amante de Dalila. Molnar assim o imaginou, modificando, porém, o caracter de Dalila. Agiria, não por ambição ou por qualquer factor menos sympathico, mas sim por amor. Para que lhe fôsse imposta a acção, motivo lhe deveria assistir. E só o procedimento condemnavel do homem, perigo que a sua força lhe granjeava, autorisaria a acção de coerção dessa força. Mas que perigo o ameaçaria? O jogo?

Fôra do jogo, a lucta seria mais difficil e talvez mais interessante.

Molnar altera o caracter de sua Dalila que age bem intencionada, mas cria uma segunda Dalila mal intencionada.

Assim as tres potencias entram em choque. Sansão está entre duas Dalilas. Ambas empregam o engano para obter-lhe o dinheiro. Mas a esposa age para salvar-o da aventureira. Esta lhe queria o dinheiro. Aquella lh'o tira, para desmascarar a outra.

Em qual das 36 situações pôde ser incluída a dessa peça?

Francamente, sinto difficuldade em classificar uma peça em tal ou qual situação. Acho demasiadamente elastica a classificação de Polti. Ainda não consigo separar a situação central das secundarias. Polti classifica o *Mercador de Veneza* na 3.a situação: «A vingança perseguindo o crime», na mesma em que é classificado Sherlock Holmes.

De facto, a situação central do *Mercador de Veneza* é a vingança de Sherlock. Mas esta situação está conjugada com a de *Enigmas* e de *Amores estorvados*, ás quaes não se refere Polti.

Na peça de Molnar, ha *amores estorvados*, a 12.a — *Obter* e a 2.a *Salvador*.

Adoptando o criterio elastico de Polti, deveremos classificá-la na 28.ª. *Amores estorvados*, situação já muito explorada, do que resulta um primeiro acto pouco interessante. Já no segundo, quando a esposa começa a agir em defesa, adquire a peça mais interesse, definem-se os caracteres das personagens e a mechanica theatral é mais perfeita.

No terceiro acto decahe a peça, que vale pelo segundo acto. A narrativa é directa, embóra contenha algumas informações retrospectivas. O dramatico está ausente. O que predomina é o theatral, obtido pelo contraste de temperamentos, pelos paradoxos, pelo melodramatico e inversão das casas: retirada estrategica, que consiste em emprestar a outrem sentimentos que são nossos. Esclareço: a Dalila mal intencionada, sabendo que o homem já não tem dinheiro, quer escapar-se e allega que o homem já não pôde mais querel-a, porque, sem dinheiro, não a poderá ver, conforme sonhára, vestida ricamente. Terá que a vêr na cosinha, mal vestida, o que será para elle uma desillusão.

León Mirlas, estudando o humorismo no theatro, diz:

«...el humorismo de Molnar se distingue netamente del de Coward, no sólo por su mayor gravitación y densidad, sino también por su técnica, por su mecanismo escénico, basado con frecuencia, no sólo en la frase chispeante, en la paradoja, en la «boutade» ingeniosa, en la verdad profunda que se deja caer, como al pasar, con elegante señorío de guante blanco, sino tambien en que buena parte de sus efectos cómicos se generan con verdaderas paradojas escénicas, con curiosos «coup de théâtre» de ingeniosísima preparación, y cuyo recetario parece poseer solamente Molnar.»

Como se vê, León Mirlas revela entusiasmo pelo autor húngaro, entusiasmo que *Dalila*, peça posterior ao artigo, não justifica. Que o humorismo de Molnar se distingue do de Coward, vá! Mas Coward, em *Private Lives*, revela-se um constructor theatral muito superior a Molnar, senhor de um dialogo rapido, espontanea e de efficacia difficilmente egualavel.

Só Jacques Natanson, no primeiro acto de *Le Greluchon Délicat* e Alfred Savoir em algumas passagens de suas principaes peças, podem rivalizar-se com Coward, em Tres actos de *Private Lives*.

Sob o ponto de vista do humorismo, estou que o sr. León Mirlas, como a maioria dos autores que tentaram definir o «húmor», anda fóra de compasso. Estou que elle confunde o «comico» com

o «húmor». Cita Plauto autor nitidamente comico, entre humoristas, o que é de véras lamentavel. Aristophanes, o sarcastico Aristophanes, é tambem classificado entre os humoristas. Na opinião de toda essa gente que escreve sobre «húmor», ha um numero incontavel de bons humoristas. Mas acontece é que apresentam, conio exemplares de «húmor», paginas comicas ou espirituosas, ironicas ou sarcasticas.

Não temos a pretensão de estabelecer a harmonia onde prevalece a confusão. Mas, desejosos de fixar o pensamento, de não nos deixar arrastar pelo jogo de palavras «do que devia ser e não é» e «do que é e não devia ser», nem pela argumentação facil e prolixa, entendemos synthetisar assim:

Tragi-comico: é o riso em que vibra piedade.

Si um homem salta de um bond em movimento e cahe, nossa primeira impressão é de que se deu uma tragedia. Si esta não se verifica, os nervos descarregam a emoção no riso.

Comico: é o riso immediato, espontaneo.

Um namorado vae caminhando, a quebrar para a garota, tropeça e cahe. A garota ri logo.

No primeiro caso, o perigo, que reconhecemos no cahir de um bond em movimento, desperta a idéa da tragedia e consequente piedade.

No segundo caso, ninguém tem a idéa preconcebida de que um tombo na rua possa ser fatal.

Húmor: é o riso apparatuso que encobre o soluço.

No tragi-comico uma pessoa é o agente; outra o paciente. No humor o agente e paciente são, pelo geral, a mesma pessoa.

Ironia: é sorriso de quem não crê no que affirma.

Espirito: é o riso divertido, superficial.

Zombaria: é o riso que visa ridicularisar.

Sarcasmo: é o riso máu, vingativo.

Graça: é o sorriso de quem desperta emoções agradaveis.

Na graça ha pittoresco; não o ha no espirito.

Examinando *Dalila* sob o ponto de vista do «humor», concluiremos que o comico é que predomina.

Vejamos o thema da peça de Molnar: A scena passa-se n'uma hospedaria, situada na vizinhança de Budapest. Conseguiu Virag uma regular fortuna, o que lhe tem trazido aborrecimentos. Não o deixam em paz os vendedores de automovel, de casas, de radios. E' nervoso, irritadiço, em contraste com o temperamento calmo da esposa, que fôra educada na Inglaterra. Está Virag apaixonado pela sua empregada Helena, que é noiva de um rapaz pobre. Propõe Virag á Helena que ella desmanche o noivado e torne-se sua amante. Mas Helena é ambiciosa. Tenta Virag, mas não se lhe entrega. Si ainda não se casou com o noivo, é justamente porque tem horror á vida de casal pobre. Virag, excitado pelas negações de Helena, promete-lhe divorciar-se da mulher e casar-se com ella. Dar-lhe-ia vestidos, joias, automovel. Quando Virag propõe á Marianna o divorcio, Marianna concorda:

Apontamentos para um Estudo sobre a valorização economica do portuguez

O portuguez contemporaneo conta, entre os seus vicios fundamentaes, a doentia tendencia para, systematicamente, desconhecer ou desprezar as suas aptidões.

Ora, é incontestavel que o problema da arrumação profissional dos homens, no quadro mais largo da divisão do trabalho social, não é nem pode considerar-se um problema portuguez. Trata-se duma questão importantissima, posta cruamente em quasi todas as sociedades civilizadas, ligada á propria especie e, por isso, insusceptivel de localização geografica. Surgida no momento remoto em que se distinguem as funções individuaes, no seio de cada aggregado, ella tende a agravar-se e a complicar-se infinitamente á medida que o Progreso vae impondo uma decidida intensificação da divisão do trabalho. Temos assim que a especialização das actividades individuaes — phenomeno longinquo de origem indeterminavel — é que trouxe o problema e que o desenvolvimento posterior dessa tendencia social é que o revestiu da importancia e gravidade que elle offerece em nossos dias.

Mas isto refere-se naturalmente ao aspecto geral da questão. Em principio é incontestavel que o problema subsiste universalmente, não obstante o facto de se achar sujeito, em muitos pontos já, á acção solucionadora de institutos orientadores, criados e desenvolvidos por psychologos e pedagogos. Não ha duvida, porém, de que aqui ou acolá — como

em muitas outras questões — o mal pode ser maior ou menor, mais grave ou menos grave. E o que succede, precisamente, é elle attingir, entre nós, uma gravidade insolita, que excede profundamente a dos mais notaveis casos estrangeiros.

Os portuguezes, na sua grande maioria, são, profissionalmente, uns *falhados*. (Isto, independentemente da circumstancia, bem conhecida e sobejamente apregoadá, de dispormos duma notavel capacidade de adaptação a qualquer genero de trabalho). Nenhum criterio rigorosamente scientifico nos pode dar a percentagem exacta, mas a simples observação attenta do rendimento normal da nossa actividade collectiva e o computo escrupuloso de multiplos casos individuaes isolados mostram-nos que todo o pessimismo, aqui, é de acceitar e attender. O mal vem de muito longe e talvez se filie remotamente ao conjunto de perniciosos habitos adquiridos pela nossa gente nos tempos, tão decantados, da India e das Especiarias. Habitua-mos, como guerreiros e como nautas, a só extrahir riqueza da rapina e do saque. Cahidos em mercados fabulosos e inexplorados, jamais os subordinamos, economicamente, a nós; tinhamol-os, emquanto os dominavamos militarmente; no dia em que a nossa tropa era rechassada — o nosso commerciante era expulso. Porque? Porque, ambicioso e inhabil, explorador e violento, o falso marchante não sabia distinguir-se do sanguinario guerreiro, nem tornar-se imprescindivel para o indigena. O hollandez e o saxão viriam, por isso, mais tarde, herdar-nos os ricos feudos com menor dispendio de vidas e maior ganho de fazendas.

Depois as vicissitudes da politica interna e o proprio sentido da evolução historcia da Europa vieram impedir-nos de conservarmos e desenvolvermos as actividades tradicionaes. Tivemos de abandonar a Guerra e de ceder a outros o Mar.

Desse periodo ephemero de prosperidade e grandeza ficava-nos, porém, um imperio immenso, maravilhoso, inteiramente por explorar. Mas para o fazer precisavamos de estadistas — e só tinhamos cortezãos; de intelligencias cultas e progressivas — e só tinhamos prophetas; de trabalhadores esforçados e perseverantes — e só tinhamos bebedos de nostalgia e de saudosismo. Eramos um povo com poucos séculos de existencia e uma historia já magnifica — que subitamente se deixava afundar na rotina.

Perdidos os velhos habitos economicos não soubemos criar novos.

E o phenomeno social reflectiu-se claramente na mentalidade dos individuos: onde a collectividade não soube, não quiz ou não poudé ganhar uma personalidade, um typo, um character, os seus componentes ficaram tambem incaracteristicos, immersos em *massa*, como ella vulgares, falhos de espirito de iniciativa, sem audacia nem capacidade criadora.

Compreende-se:

Os povos, como os individuos, agem sob imposições externas que lhes deter-

minam a vocação e o genio. O ambiente — é assim o obreiro maximo das almas; é quem as modela e conforma; quem as cria e desenvolve. Não porque a attitude humana — seja puramente passiva; não, porque marchemos, apenas dobrados a uma fatalidade eterna — impondo-se de muito longe. Não! Na conducta dos homens, ha obediencia e rebeldia — reacção vigorosa transmutada em esforço continuo de adaptação ao meio ou de reforma deste.

Os povos, como os individuos, constroem, assim, lentamente, o seu systema de vida, de harmonia com as condições especiaes do seu meio relacionadas com as suas fundamentaes necessidades organicas.

Cada povo, como cada homem, é uma curiosidade desperta, attenta ás indicações ambientes, empenhado numa auto-renovação permanente.

Ora, um meio amorpho, sem vida, transformado em simples espelho reflector das idéas, movimentos, attitudes assumidas por estranhos, emfim, de existencia parasitaria e incerta, não pode imprimir ás almas sob sua influencia mais do que apathia e servilismo, inconsciencia e espirito de imitação.

Nós não soubemos nunca ser completamente sensiveis ás imposições ambientes.

Em determinado periodo mais vivo da nossa historica sentimo-nos attrahidos, pela fertilidade do nosso solo, para a Agricultura; pela vizinhança, cheia de seducções, do Mar, para o exercicio da Pesca; e para o desenvolvimento de uma interessante politica de expansão ultramarina e de exploração da recovagem.

Vimo-nos, então, mal embora, senhores de actividades economicas bem definidas, determinando algumas notaveis especializações individuaes. Eramos um povo com uma orientação, até certo ponto, caracteristica, com uma personalidade relativamente bem vincada, a contagiar de energia, audacia e vigor physico os seus componentes.

Mas o sentido era mau e estava condemnado a retumbante fracasso. Impunha-se-nos desenvolver determinadas actividades e substituir outras; largar, aqui, a espada para empunhar o arado, abandonar, além, a picareta para montar o balcão do intermediario; conservar, em summa, o rythmo do trabalho.

E isso que não fizemos nunca — essa readaptação ao *meio ambiente* adulterado, prejudicado, cada vez mais uniformizado pelas forças desencadeadas da Technica moderna — é que tem de fazer-se ainda. Por um lado para definirmos o destino supremo da Collectividade; por outro, para garantirmos mais amplas e seguras condições de vida aos componentes della.

NUNO RODRIGUES DOS SANTOS.

(Transcripto da «Seara Nova», de Lisboa, n.º 568.)

quer vel-o feliz e sabe que Helena o ama. Mentira, pois bem sabe que Helena só pretende o dinheiro de Virag. Concorde com o divorcio, mas como o marido quer ser cavalheiro, não quer vel-a partir com as mãos abanando, pede-lhe a maior parte da fortuna. Que valia o dinheiro, si, em troca, teria o amor de Helena? Virag acceita e entrega o dinheiro á Marianna, que o dá ao rapaz pobre, noivo de Helena. Consequencia, ao saber Helena que Virag está pobre, esquivase e passa ao noivo, a quem, aliás, ama.

O recurso predilecto de Molnar está no contraste de temperamentos dos interlocutores. Em *Dalila* já notámos isso, o que ficou confirmado pela fita *Amor de um estranho*, baseada em outra peça de Molnar.

Na peça *Dalila* o mesmo primeiro par: um noivo timido, sem grandes ambições; a noiva, Helena, ambiciosa, esperta e cynica. No segundo par, a mulher fleugmatica; o marido apaixonado e irascivel.

Esse methodo de *contrastes* temperamentos oppostos determina sempre, e sem esforço, o comico, pelo que o humor em Molnar não existiria, não fosse a calma que apparenta Marianna o riso burlão com que enfrenta a situação. Nisto talvez haja algo de humorismo. Mas certo é que, em Molnar, predominam o comico, a ironia, e mesmo o sarcasmo.

JOSE' MARIA SENNA.

STENDHAL

DO AMOR

Em Edição ARIEL

Preço: 15\$000

Espelho dos Livros

«A Liga das Nações» — Renato Almeida, Editora, S. A. A Noite — Rio, 1938:

Seja qual fôr o fim da Liga das Nações, cuja decadência é das mais melancolicas no momento em que de novo se assanham as forças barbaras e destruidoras da guerra, ella ficará como um facto de extraordinaria importancia na lenta evolução do Direito Internacional.

Não terá sido de todo vão o sonho generoso de Wilson, ao procurar impor a força do direito e as razões da justiça nas pendencias entre os povos. As guerras, a despeito do que affirmam os que lhe emprestam a fatalidade das leis biologicas, não hão de ser eternas. Póde-se admitir que a consciencia humana evoluirá no sentido de adoptar nas relações internacionaes os mesmos principios juridicos que regulam as individuaes.

A guerra é um crime e como tal deve ser collocada fóra da lei e punida. Na accidentada marcha humana para a civilização, ella surge como revivencia monstruosa do barbarismo e rapinagem primitiva. Destróe num momento a obra de seculos de trabalho e provações.

Mas dia a dia a repulsa ás ua furia destruidora é mais profunda na consciencia livre dos homens que se não deixam impregnar do patriotismo guerreiro. O mundo já evoluiu bastante, de maneira evidente, para reprimir as nações que vivem da guerra ou vêm nella a melhor forma de suicidio colectivo.

Exemplo disso é a Liga das Nações, em meio do seu triste malogro. Pouco importa que o instituto de Genebra desapareça um dia. Já terá ficado como marco historico de uma das mais altas aspirações humanas.

Opportuno e util, por isso, sob todos os aspectos, o livro que o sr. Renato Almeida acaba de publicar sobre a Liga das Nações.

Convidado pelo seu secretario geral, sr. Joseph Avenol, para assistir aos trabalhos da XVII Sessão ordinaria da Assembléa, e da 93.a reunião do Conselho, realizadas em setembro de 1936, como collaborador Temporario, poudo observar de perto o funcionamento do complexo mecanismo internacional. O resultado dessas observações e da enorme documentação que reuniu é o grande volume que acaba de publicar.

Trata-se de estudo minucioso do Instituto de Genebra, desde suas origens e organização, até aos nossos dias.

O sr. Renato Almeida expõe com clareza todos os assumptos, dando-nos uma impressão nitida e segura da Liga das Nações, dos seus multiplos órgãos, das finalidades de cada um e dos resultados obtidos até hoje. O livro, que obedece a um plano intelligente, propõe-se a sustentar a seguinte these: «A Liga das Nações, a despeito das imperfeições do Pacto e, sobretudo, da sua execução, ainda é o instrumento colectivo de que podem dispor os povos para assegurar a paz prevenindo a guerra, e para incentivar a cooperação entre as nações.»

O sr. Renato Almeida reconhece que essa tarefa é das mais difficeis, em par-

ticular no que diz respeito «á execução integral do Pacto, e na directiva a imprimir-lhe, em relação aos problemas fundamentais da garantia collectiva, da solução pacifica dos conflictos internacionaes, do desarmamento, da segurança e das sancções».

Observação justa é que faz a seguir sobre a autoridade moral da Liga, que em face das situações mais penosas não fragmentou nunca sua orientação doutrinaria. Varias vezes alguns Estados poderosos desobedeceram-lhe as decisões, tripudiaram sobre ellas, mas a condemnação ficou gravada na consciencia universal.

Sem duvida são enormes as falhas do instituto de Genebra, mas a idéa que elle corporifica representa uma alta e indestructivel aspiração humana. As successivas experiencias das guerras demonstram que ellas não resolvem os problemas que as determinam.

Cream, antes, sobre elles, outros mais graves e ameaçadores.

Não foi facilmente que os homens se submeteram aos principios juridicos que regem hoje sua vida privada dentro da sociedade. Ainda são frequentes as violações, que a lei pune e reprime, restaurando por meio da justiça a ordem e a disciplina sociaes. Obedecem a uma evolução mais lenta, mas nem por isso menos certa, as relações entre os Estados. Basta observar que o quadro do Direito Internacional Publico contemporaneo não é mais o mesmo de alguns annos passados. Fortalece-se dia a dia, a despeito de frequentes violações, o systema moral e doutrinario de sua estrutura.

O livro do sr. Renato Almeida, que traz honroso prefacio do sr. Afranio de Mello Franco, demonstra que a Liga das Nações, apesar dos insuccessos, tem sido o melhor instrumento de que já dispoz o mundo para attingir ao seu ideal de paz e de cooperação entre todos os povos.

Sustenta o sr. Renato de Almeida: «Depois da criação do Instituto de Genebra, podemos dizer que se abriu uma nova phase ao Direito Internacional, já pelo que significa por si mesma a Liga, já pelas instituições novas, pelos processos diferentes e pelas praticas até então inéditas, que deveria introduzir no scenario universal.»

Pena é, como accentua no prefacio o sr. Afranio de Mello Franco, que a

incorporação do Pacto da Liga ao Tratado de Versalhes, creasse desde logo voilento conflicto entre sua letra generosa e a violencia de tratados de paz impostos pela força, de vencedores para vencidos. Ao mesmo tempo que se acentuava ao mundo com o regimen do direito e da justiça nas relações entre os povos, a espada de Breno cahia pesadamente na outra concha da balança, ouvindo-se de novo o «vae-victis» dos triumphadores.

Dessa contradicção lamentavel, nasceram divergencias desastrosas e incompatibilidades insanaveis. Transformou-se, em regra, em instrumento das grandes potencias.

O resultado é que o mundo se encontra de novo, como em 1914, dentro da atmosphaera sinistra e pestilenta da guerra. O seu mecanismo foi posto em movimento, e tal como naquella época, para usar da expressão empregada por Emil Ludwig ao fazer-lhe o inventario, ameaça esmagar a mão de quem procurar detel-o.

Pouco importa. A faculdade mais impressionante do homem é o seu poder de renovação. No terreno social, realizam-se prodigios maiores do que no reino da natureza. Nelle nada se perde e tudo se crêa.

O livro do sr. Renato Almeida offerece-nos uma impressão de conjunto do aparelhamento da Liga das Nações que nos permite avaliar o enorme esforço que já e realizou para assegurar a paz, condemnar e banir as guerras. Esse esforço não se perderá.

O sr. Renato Almeida conclue o seu trabalho affirmando: «Não nos enfileiramos absolutamente entre os que julgam que a Liga das Nações é um organismo fallido, pela circumstancia de uma crise profunda lhe ter abalado a autoridade, nem que preconizam a transformação da sociedade de Genebra em mero órgão de cooperação entre os povos, mas sem caracter politico. Primeiro, porque as forças do idealismo não conseguem nunca vencer sem porfiados esforços e não raro os mais ingentes sacrificios. Segundo, porque uma experiencia extremamente curta, de dezoito annos apenas, não pode condemnar a existencia de um organismo tão complexo.»

Vamos além. Ainda que a Liga desapareça, no futuro partiremos de sua experiencia. Já será mais de metade do caminho.

JAYME DE BARROS.

(Transcripto do «Diario da Noite», do Rio.)

POEMA

Para Jorge de Lima.

*Eu não me interesso, nem pelo Amor,
Nem pela Gloria, nem pelo Trabalho,
Nem pelo Gozo.
Gyro eternamente em torno de um só eixo que sou EU.
Contemplo-me a todos os minutos e a todas as horas.
Um dia terei que me separar de mim porque a Morte é implacavel.
Horror!
Que será de meu cadaver?*

LYDIA DE ALENCASTRO GRAÇA

Historia de Gallinheiro

Ha muitos dias que se vinha planejando aquella festa em minha casa. Eu ouvia as conversas, via os preparativos, minha mãe falando com meu pae, dando ordens aos empregados, fazendo a lista das coisas a comprar; e aquella actividade me enervava, espicaçava ainda mais a impaciencia que me atormentava pela chegada do grande dia. Meu irmão, Aluizio, compartilhava do meu interesse, falando-me dos doces que vira chegar, cheirando de frescos, e que estavam ali, na despensa, trancados á chave. Entretanto, embora possa parecer incrível, não era principalmente pelo antegosto das iguarias que eu andava excitado, e sim pela liberdade em que me via por taes occasiões. Minha mãe, não tendo mãos a medir, afrouxava o arrôcho em que me trazia constantemente e eu ficava livre, soberanamente senhor da minha vontade e dos meus movimentos. E aproveitava essa liberdade para dar pasto á ambição que vivia enchendo meus sonhos diuturnos. Explico-me. Acontece que meu irmão, mais velho do que eu dois annos, ganhara, como presente de aniversario, um magnifico trem de ferro, igual, sem tirar nem pôr, áquelles em que viajavamos nas férias para Petropolis. Ora, esse trem, mais talvez por não me pertencer, foi o sonho alcandorado dos meus oito annos. Vivia com elle na cabeça, a machina, os carros, os trilhos, punha-o imaginariamente a trafegar, armava-o, desarmava-o, dormia com elle junto a mim, gyrando sem cessar em torno dos meus pensamentos. As difficuldades insuperaveis que encontrava para pôr-lhe as mãos em cima, ao invés de arrefecer-me o entusiasmo, só serviam para transformar um simples desejo de criança em verdadeira obsessão que não me largava nem por um instante. Além disso, meu pae se encarregava de avivar de vez em quando aquelle fogo, embora eu não tivesse feito nunca um pedido sequer em tal sentido. Com effeito, Aluizio era muito egoista. Em brinquedo seu, ninguém podia tocar sinão pelo espaço sufficiente para despertar a vontade de brincar por mais tempo ainda. E, como era primogenito e querido, meus paes passavam-lhe a mão pela cabeça, numa indulgencia perigosa que mais tarde lhes causou não poucos dissabores. Os egoismos de meu irmão, porém, não interessam ao caso. Aliás, elle devia passar também pelos mesmos transe por que eu passava, pois, apesar de ser o presidente da estrada-de-ferro-mirim, a sua parte nos lucros era igual á minha e á de Eleninha. De facto, o trem vivia recolhido ás officinas, isto é, o grande armario do quarto dos brinquedos, em concertos interminaveis após desastres ficticios, inventados por meu pai para melhor poder trancar-o de novo.

Lá um dia, chegava a noticia de que os reparos já estavam terminados. Subiamos então os tres, papae na frente com Aluizio, eu atraz, Eleninha fechando a marcha. Entravamos em silencio, papae dirigia-se para o armario, pigarreava um pouco, gozando a nossa impaciencia, e escancarava-o com solemnidade. Nós escpiavamos, nas pontas dos pés, olhos pregados na grande caixa de madeira e pa-

pelão pintado. Papae retirava-a, sem precipitações. E então, começavamos a brincar. Eu me adiantava, abria a caixa com soffreguidão e tirava os carros. Nesse momento saham não poucas brigas, pois Aluizio reclamava sempre um cuidado que a minha impaciencia não podia absolutamente comportar; acalmava-nos, porém, a ameaça de volta immediata ás officinas. Aluizio armava os trilhos, punha os carros na linha e engatava-os, enquanto Eleninha corria com o reservatorio d'agua á torneira mais proxima. Feitos os primeiros preparativos, sentavamos em torno e olhávamos: era a parte reservada a meu pae. Garrafa de kerozene na mão, — cuidado, menino, tira a mão dahi! — agachava-se junto á machina e enchia a pequena fornalha. Eleninha passava-lhe os phosphoros; elle nos olhava mais uma vez e accendia um. Quando a fumaça começava a sair pela chaminé, suspendiamos a respiração, á espera do arfar quasi imperceptivel que precedia o movimento daquella pequenina maravilha de mechanica. E então, quando a agua chiava na caldeira, chegava o momento em que eu odiava sinceramente meu irmão por ter nascido antes de mim, e ser elle, e não eu, o autor do movimento que se seguia. Para que o trem iniciasse a viagem em miniatura, era preciso accionar primeiramente uma alavanca minuscúla situada na parte posterior da locomotiva; e Aluizio, por nada deste mundo, cedia-me o direito de encostar-lhe a ponta do dedo. Era em vão que eu lhe offerecia mundos e fundos em troca do prazer, para mim bem maior, de empurrar a tal chavezinha, ser, ao menos por uma vez, o machinista. Nada; mantinha-se inflexivel, embora eu me esmerasse nas tentações. O trem era delle, elle é que tinha o direito de ser o machinista, mais ninguém. E eu roia as unhas, indignado e impotente. Aluizio, pois, baixava cuidadosamente a alavanca, a machina entrava a trepidar, imitando as irmãs atacadas de gigantismo, o vapor silvava com mais força, e tinham lugar as primeiras tentativas para a largada. A principio, eram movimentos timidos e bruscos, subitos arrancos para parar mais adiante, aos bufos, como si impotente e raivosa a machina por não poder ainda arrastar os vagões. Eu me impacientava, com vontade de ajudar, empurrar também. A disciplina, porém, era severa: só o machinista, isto é, Aluizio, podia mexer no trem depois de accesos os fogos. E tinha de esperar até que viesse mais força e o expresso se puzesse a circular galhardamente. Quatro pares de olhos seguiam suas evoluções pelos trilhos armados a capricho, — quatro, porque meu pae também o admirava, tão embevecido como nós mesmos. Era de dez voltas certinhas, lembro-me, o percurso total permittido pela provisão de combustivel; e, á medida que o numero de voltas ia diminuindo, augmentava paulatinamente o meu desejo de ver o trem correndo por mais tempo ainda. Para meu desespero, porém, naquella estrada andava tudo muito bem certo, na linha. Nem um minuto de atrazo, nem um palmo sequer de linha comido a mais. Eu ficava con-

tando as voltas — uma, duas, tres... e tentava enganar a mim mesmo, contando a menos. Mas não adiantava nada, tudo ali estava muito bem regulado, numa precisão maravilhosa para os entendidos mas desgraçadamente desoladora para mim. Chegada a oitava volta, começavam a enfraquecer os bufidos da locomotiva, a marcha ia se tornando pouco a pouco vagarosa, o trem dava mais uma volta, e, na decima, com pontualidade chronometrica, parava defronte a mim. A parada servia para marcar o desencadeamento das súplicas lancinantes para que papae nos concedesse mais uma viagem, mais uma voltinha só. Era inutil, pois elle vinha sempre com a mesma historia dos desastres imaginarios, engambelando-nos com isso para tornar a recusa menos pesada.

— A subida da serra cansou muito a machina. Vocês viram, quando fomos pra Petropolis; não se lembram como o trem custava a subir? Pois é. Depois daquillo tem que ir para a officina para concertar, sinão já sabe, é desastre na certa: rebenta a caldeira.

Parado, pois, o trem, ficavamos, desolados, á espera de que esfriasse a machina para então darmos inicio á segunda parte do ritual. Papae encostava a mão na caldeira, verificava a temperatura e dava o signal para a desmontagem. Eleninha dirigia-se de novo para a pia; Aluizio desarmava os trilhos em silencio, eu tornava a metter os carros na caixa, alisando-os carinhosamente pela ultima vez. Fechava-se o armario. E desciamos os tres, papae na frente seguido por Aluizio, eu e Eleninha na rectaguarda. Tinhamos «brincado» com o trem de meu irmão.

Depois do que acima ficou dito, melhor se compreenderá minha impaciencia pela chegada do dia da festa. Não seria aquella a primeira vez em que eu me aproveitava de tal oportunidade para acalmar minha arrazadora paixão. Chegado o momento em que, nos dias de festa, mais animada ia a recepção, concentrados os convidados na grande sala da frente, enfeitada a rigor, eu me escapulia sorratamente, coração aos pullos de ansiedade, e também pelo receio de ser apanhado em flagrante delicto por alguém. O perigo, porém, era hypothetico. Minha mãe, toda entregue ao prazer delicioso para ella dos seus deveres de festeira, attendia aos convidados; meu pae, pela varanda, na rodinha do costume, discutindo politica; Aluizio, nada seria capaz de arrancar-o á mesa de doces, ou ás immediações, onde ficava rondando quando conseguiam botar-o de lá para fóra.

— Cuidado com a indigestão! Depois, já sabe, vamos ter lavagem...

Mas elle pouco se incomodava com a ameaça aviltante, arrostando serenamente o perigo intestinal imaginario a troco das compensações que ali estavam, palpaveis, ao alcance das mãos e da bocca. Quanto a Eleninha, tinha muito que fazer, na roda viva em que era mettida, do collo das senhoras cheias de mimos para o meio da sala, a recitar poesias com a sua vozinha fina e

adocicada — não constituindo um perigo para as minhas actividades. Aliás, Eleninha sempre fôra minha aliada nas brigas que rebentavam diariamente em casa. Tudo me era propício. Quem teria cabeça para se lembrar do «menino terrível»? Como um ladrão, esgueirava-me furtivamente escada a cima, apertando na mão tremula a vela e a caixa de phosphoros retiradas do esconderijo, em cima da caixa dagua, onde eu as guardava para o grande momento que deveriam illuminar. O corredor, escurissimo, não deixava de metter-me medo; mas fazia das tripas coração e seguia sem accender a luz, pois o receio de me ver descoberto era bem maior que as medonhas lembranças de bruxas e duendes maleficos que me atormentavam durante o caminho que fazia para ir até o quarto dos brinquedos. Só então, e depois de fechada a porta, ousava riscar um phosphoro e accender a vela. Na escuridão do quarto, a chamma scintillava medrosamente, projectando no scenario das paredes sombras dansarinas, emquanto eu arrancava triumphalmente do armario a caixa dos meus amores. Cinco minutos depois, poderia alguém vir andando pelo corredor com pernas de pau sem o minimo receio de ser por mim presentido. No meio da perfeita circumferencia formada pelos trilhos, a vela cabeceava, em tentativas desesperadas para lançar um pouco de luz sobre a scena; no chão, de barriga para baixo, eu ultimava, junto á locomotiva maravilhosa, os ultimos preparativos, embriagado pela felicidade de sentil-a minha por alguns minutos. Era uma sensação completamente nova, e deliciosa, a que eu sentia quando, escondido como um criminoso, apossava-me do trem de Aluizio e fazia delle o que muito bem quizesse, sem dar satisfações nem pedir licença a ninguém.

— Agora o machinista sou eu!

E o trem rodava, em voltas interminaveis. Cada vez que parava, exaustivo, a resfolegar nos ultimos espasmos vaporosos, eu me apressava em lhe fornecer alimento sufficiente para novas correrias, pondo mais combustivel na fornalha, e acalmando os silvos de protesto da caldeira, não acostumada a taes aventuras, com a agua providentemente trazida numa garrafa. Esticado no assoalho, seguia com os olhos a pequena chamma corredora, acompanhava-a nas curvas perigosas, via-a voltar, aproximando-se mais e mais até passar bem junto a mim, illuminando-me momentaneamente o rosto para seguir de novo e de novo regressar. Momento delicioso... No silencio do quarto, o arfar da locomotiva improvisava-se em musica para os meus ouvidos. Eu fechava os olhos; fechava-os, e embarcava para terras desconhecidas, paizes distantes e nebulosos por onde se perdia a minha imaginação. Por minha vontade ficaria a noite inteira viajando; mas tambem não me esquecia de que acabariam dando por falta de mim lá em baixo si me demorasse muito. E então, as coisas não correriam tão bem para o meu lado como o fazia o trem de Aluizio pelos trilhos. Além disso, havia um certo momento em que a machina, cansada de satisfazer por tanto tempo o meu capricho, começava com estalidos symptomaticos e perigosos, na ameaça

de uma catastrophe imminente. Assim, premido por duas circumstancias igualmente poderosas, via-me obrigado a interromper o trafego, e, muito embora pesaroso, recolher o expresso ás officinas. E sempre tive a sorte de não ser apanhado na descida.

Era para isso, pois, que me serviam as festas de minha mãe. E tudo isso eu teria feito mais uma vez naquella noite festiva, que se preparava, si um acontecimento inesperado não viesse interromper subitamente os meus planos, lançando-me numa ventura tão completa como totalmente imprevisita. A felicidade de que falo veio logo atraz de um desastre que me succedeu nas vespas do dia dos annos de Eleninha. Não chegarei ao extremo de atirar toda a culpa da estrapada para cima das gallinhas que teriam a honra de satisfazer o delicado espirito gastronomico dos convidados de meus paes; isso já seria uma falsidade. Culpa propriamente as pobrezinhas não tiveram, a não ser a de attrahirem para a sua desgraça os olhos fura bolos da minha quasi funesta curiosidade. Esclareço. Apesar de quasi totalmente occupada pelo trem de Aluizio, com seus trilhos e estações, havia ainda na minha inquieta cabeça lugar para outras cogitações que, embora secundarias, não deixavam de me parecer tambem bastante interessantes e dignas da minha observação: nesse numero estavam incluídas as gallinhas. Ou antes, não eram bem as aves que me interessavam, pois eu as via ás duzias, todos os dias, confortavelmente installadas nos gallinheiros dos fundos do quintal. Sempre que se festejava um anniversario em minha casa, ou aproximava-se um dia de recepção, eu ouvia minha mãe dando ordens a Genoveva para que matasse algumas daquellas dignas aves; e me preparava para assistir ao degollamento, espectáculo que se me afigurava muito attrahente. Chegada a hora, entretanto, via-me litteralmente corrido das proximidades do cadafalso, sem a menor possibilidade de assistir á execução, nem mesmo de longe, pois mamãe nos botava para dentro, a mim e a meus irmãos, com promessas de castigo si puzessemos o nariz do lado de fóra.

— Isso não é coisa para criança vêr.

De uma feita, pedi a Aluizio para me suspender á janella do banheiro, mas elle se recusou, receioso de que fossemos surpreendidos. Na impossibilidade de apreciar com meus proprios olhos, deliberei suspender Eleninha para que visse e me contasse depois. A pobrezinha, — nunca me arrependerei sufficientemente — desceu horrorisada, falando esgazeadamente numa grande faca e no sangue que corria em catadupas. Aquella definição incerta não me satisfez em absoluto. Então, a coisa se fazia mesmo com uma faca, hein? Já tinha imaginado que devia ser assim mesmo. Mas, — pensava — com uma machadinha seria muito melhor, muito mais rápido. Uma pancada só-plaft!, e prompto. Entretanto, assim mesmo, á faca, queria ver aquillo de perto. Foi quando se aproximou o anniversario de Eleninha. Com a pratica adquirida nas anteriores arremettidas, preparei-me para burlar a vigilancia, por felicidade já um pouco frouxa. Estabeleci um plano de acção e, quando deram inicio aos preparativos para o massacre,

aproveitei um momento em que o terreno estava livre e lancei-me á mangueira, sob a qual tinham arrumado os instrumentos e vasilhas necessarios ao sacrificio. E lá em cima, commodamente recostado numa forquilha, esperei. Não tinha subido muito para não perder nenhum detalhe da operação; aliás, a mangueira, muito copada, occultava-me com perfeição aos olhares subalternos. Quando as duas empregadas, Genoveva e a gordissima Carolina, movimentaram-se bem por baixo de mim, pensei com satisfação no interesse que a narrativa da minha aventura despertaria em Aluizio; interesse e respeito pela minha coragem. Um minuto depois todo o meu ser estava nos olhos. Carolina tinha passado a mão em tres gallinhas, depois de apalpar conscienciosamente quasi todo o gallinheiro. Trouxe-as para baixo da minha torre e amarrou-as com barbante em volta do tronco da mangueira; uma uellas, porém, ficara segura em suas mãos, enquanto Genoveva examinava cuidadoso um facão de cosinha, Carolina occupava-se em pellar o pescoço da infeliz. Mais alguns movimentos, e a gallinha era esticada sobre o pedaço de madeira que servia de cepo, pescoço livre de pennas, pronta para a sangria. Genoveva aproximou-se, faca em punho; curvou-se, e, com o movimento, tapou-me a vista. Estiquei-me desesperadamente, cheio de raiva por me ver assim roubado no melhor da festa. Bruscamente, vi o sangue correndo. Houve um regougo afflictivo, um bater desesperado de azas misturados aos resmungos de Genoveva, e... Meus olhos se desviaram, contra a vontade persistente de vêr, do grupo que se retorcia a meus pés. Senti que me invadia um exquisito cansaço, uma lassidão extrema pelo corpo todo, como quando passava noites interminaveis sem dormir, peito chiando no tormento da asma. Entre duas nauseas, verifiquei, assustado, que a folhagem mudava de côr, já não era verde, era vermelha tambem, côr de sangue. Quiz fugir, não ver mais, descer, mesmo em risco de encontrar uma surra me esperando em terra. Quando olhei para baixo, porém, vi que vinha subindo de lá uma onda vermelha, envolvendo-me aos poucos, subindo, subindo... Meus dedos se abriram e despenquei, inconsciente.

A vida me voltou na sensação de um cheiro infernal a entrar-me pelo nariz a dentro. Era sangue, na certa, sangue de gallinha. Virei a cabeça, afastando as narinas do vidro que alguém me dava a cheirar, já de olhos abertos para o grupo espremido em torno da minha cama. Mamãe suspirou um graças a Deus!, e o Dr. Machado sorriu, vendo-me fugir ao revulsivo. A cabeça assustada de Aluizio apontou por detraz de mamãe, enquanto Eleninha chorava do outro lado, agarrada á minha mão. Na porta, embo-ladas, os olhos esbugalhados para mim, Genoveva e Carolina estertoravam. E foi um allivio geral quando me viram de olhos abertos, falando. Dr. Machado tranquillizava, «que não era nada, apenas um ligeiro deslocamento do braço. Uma syncope. E muito sensível, e depois, a senhora sabe, esses espectaculos violentos...»

Cinema

Branca de Neve e os Sete Anões (Snow-White and the Seven Dwarfs) — Walt Disney — RKO Radio Pictures. — Parece-me que foi a vasta reclame feita em torno do film que chamou a atenção do publico e dos criticos, a tal ponto, para elle.

Anteriormente já outros admiraveis desenhos animados haviam sido mostrados ás platéas do mundo inteiro, despertando um interesse consideravel, mas perfeitamente moderado. Já havíamos visto os *Tres Leitõesinhos*, *Popeye contra Simbad*, sem exaggeradas manifestações de entusiasmo.

O desenho animado nunca passára, como tive occasião de observar, de um «hors-d'œuvre», uma preparação para o film principal, sendo raramente encarado isoladamente.

Altman, na França, e nós aqui, em algumas chronicas, fomos dos primeiros e dedicar estudo mais attento ao desenho animado e a fazer sentir a sua alta significação.

Branca de Neve e os Sete Anões é uma serie de variações visuaes sobre o thema conhecido dos irmãos Grimm. A essencia, o motivo central da historia foram naturalmente respeitadas. Mas Disney, conhecedor das leis do cinema, procurou compôr uma outra historia que offerecesse melhores condições de apresentação visual.

Como já tive ensejo de assignalar, em parallelos anteriores, certas scenas neutras, de escasso interesse litterario, ganham relevo quando filmadas.

Os sustos, as paradas bruscas, os encontros, os pinchos dos anõesinhos são excellentes «gags», que passam despercebidos no texto escripto.

A passagem do pente envenenado foi suprimida. Alongaria a metragem da pellicula sem juntar-lhe nada de essencial.

Eu sentia o braço amarrado, apertado contra o peito pelas ataduras. Lembra-me confusamente das ultimas peripecias, a mangueira, Genoveva de faca na mão, o sangue correndo. Senti vergonha e raiva pela minha fraqueza. Então, eu tinha desmaiado, hein? A aventura que teria sido o meu orgulho, que attrairia sobre mim a admiração respeitosa de meus irmãos, terminar assim, vergonhosamente. E imaginava as chufas, os debiques futuros com que me perseguiriam. — Sai, maricas! Tem medo de sangue e ainda quer ser soldado...

Senti-me até os cabellos mergulhado para sempre na ignominia. Estava desmoralizado. E rói em silencio a minha desventura. Com a vinda do dia seguinte, porém, cheguei a dar graças ao céu por me haver empurrado da mangueira abaixo. — «E' castigo do céu» — tinham sentenciado. Castigo ou premio, por sua causa não precisei subir ao quarto dos brinquedos atraz do trem de Aluizio: o expresso desceu até meu quarto nos braços compadecidos de meu pae. A morte da gallinha, no entanto...

JORGE MILTON.

Mas as consultas ao espelho, profundamente impressionantes, foram elevadas á maxima expressividade. O preparo da maçã e a transformação da rainha em bruxa foram genialmente realizadas pela imagem e deram razão a Mac-Orlan para afirmar que o medo é o elemento essencial do phantastico.

Outra serie de sequencias magistraes é a travessia da floresta.

Disney soube integrar admiravelmente Branca de Neve na multidão das cousas creadas e concebidas incomparavelmente como uma corporificação do verbo. Branca é a materialização de um desejo, de um pensamento verbalmente expresso: «Tivesse eu uma filha branca como a neve, negra como o ebano deste peitoril e rubra como o sangue...». E o verbo se fez carne... E toda a innocencia do mundo está nas attitudes ingenuas daquelles animaes da floresta, que attestam em Disney em extranho poder de observação. A fuga da rainha má atravez de selvas e penhas, a tempestade e a cortina de diamantes da chuva, tão cheias de incomparavel belleza, ficarão para sempre na nossa memoria. E o final é uma perfeita maravilha.

Branca de Neve colloca Walt Disney na lista dos grandes artistas do nosso tempo.

Seu modo de criação sugere bem o geito de Rembrandt. Como este, diz um articulista da revista «Time», Disney interessa-se enormemente pelo lucro de suas fitas, porque estas lhe fornecem dinheiro para fazer films melhores.

Alem disso, Disney é uma força inconsciente, que não sabe explicar-se, que não tem uma theoria esthetica, que não sabe dizer porque faz assim e não de outra maneira.

Vejam o que elle respondeu a Aldous Huxley, que o interrogára sobre a sua obra:

«Hell, Doc, he said, knitting his eloquent brows, I don't know. We just try to make a good picture. And then the professors come along and tell us what we do.»

Por vezes elle nos transporta para a Renascença, para aquelles ateliers donde sahiram tantas cousas eternas.

Disney realiza suas obras por meio de um verdadeiro exercito de auxiliares.

Outra observação que me occorre fazer é a da sua profunda intuição da natureza do comico.

Como Chaplin elle sabe que só o humano é comico, que para fazer rir é preciso conhecer profundamente a natureza do homem.

Existia um «zoo» nos studios Disney e os animadores ahi estudavam os geitos dos animaes, ao prepararem as scenas. (Time).

Mas, ha alguns annos, foi reconhecido que os melhores effeitos para os cartões não devem ser obtidos de animaes agindo como animaes, mas de animaes agindo como gente (art. cit.).

Conviria conferir o que ficou dito acima com Bergson no seu ensaio admiravel:

«Il n'y a pas de comique en dehors de ce qui est proprement humain».

«On rira d'un animal, mais parce qu'on aura surpris chez lui une attitude d'homme ou une expression humaine.»

Por estes e outros motivos incluo *Branca de Neve* entre as mais felizes produções do anno e penso como o articulista de «Time», que esta:

«Combination of Hollywood, the Grimm Brothers, and the sad, searching fantasy of universal childhood is an authentic masterpiece, to be shown in theatres and beloved by new generations long after the current crop of Hollywood stars, writers and directors are sleeping where no Prince's kiss can wake them.»

Louca por Musica — com Deanna Durbin, Herbert Marshall e Gail Patric — Nova Universal. Assiste-se a esse film com o mesmo prazer que Benda deve ter experimentado no Smith College «à l'ombre des, jeunes filles en fleurs».

E' um hymno á alegria, á belleza, á felicidade que o espectáculo da juventude irradia.

Tudo se passa em sitios bonitos, em jardins bem cuidados, em parques magnificos, entre sorrisos, sonoras gargalhadas, musica.

A contemplação de seres tão ditosos, tão contentes, faz-nos esquecer de que o mundo atravessa momentos tão dificeis.

Louca por Musica é um balsamo para os nossos nervos cansados e dá-nos por momentos uma agradável sensação de rejuvenescimento.

Entre duas bandeiras — (Patrioten) — Karl Ritter — Ufa-Art-Films. — Um bom film de guerra, cheio de sequencias bem dirigidas. Photographia clara, nitida, que não desmente essa capacidade que os allemães têm de levar a analyse até o doloroso, o absurdo.

Mais um documentario para a compreensão da grande sandice collectiva.

Perdidos para o mundo (Trapped by G-Men) — Direcção Lewis D. Collins — Columbia Pictures. — O film policial é uma das especialidades da Columbia. Evidentemente não é possivel manter alto o nivel de uma produção de tal natureza.

«Perdidos para o Mundo» vê-se. Film sem grandes pretensões, sem propositos extraordinarios, sem querer ultrapassar o film policial standard.

Scenas naturaes bonitas, boa technica, a execução sempre tão symetrica de Jack Holt e a camera em plena liberdade dentro de uma natureza imponente, soberba.

Por fim o inevitavel triumpho do bem (G-Men, lei) sobre o mal (gangsters).

Quatro homens e uma prece (Four men and a prayer) — 20th. Century Fox — Direcção John Ford. — Film fraco que nem a excellente introdução consegue salvar.

Aventuras succedidas nos quatro cantos do globo e cada qual mais tola, mais idiota: hiate assaltado, ilha mysteriosa, revoluções na America do Sul, vendedores clandestinos de armas, varios assassinatos.

Um grupo de optimos figurantes na mais absurda das bobagens.

«Quatro homens e uma prece», titulo tão seductor, é um logro tremendo ao mais benevolente dos espectadores.

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA.

O NEGRINHO DO PASTOREIO

Naquelle tempo os campos ainda eram abertos, não havia entre elles nem divisas nem cercas; sómente nas volteadas se apanhava a gadaria chucra e os veados e as avestruzes corriam sem empelchinhos...

Era uma vez um estancieiro, que tinha uma ponta de surrões cheios de onças e meias doblas e mais muita prataria; porém era muito caula e muito mau, muito.

Não dava pousada a ninguem, não emprestava um cavallo a um andante; no inverno o fogo da sua casa não fazia brazas; as geadas e o minuano podiam entanguir gente, que a sua porta não se abria; no verão a sombra dos seus umbús só abrigava os cachorros; e ninguem de fóra bebia agua das suas cimbilas.

Mas tambem quando tinha serviço na estancia, ninguem vinha de vontade dar-lhe um ajutorio; e a campeirada folheira não gostava de conchavar-se com elle, porque o homem só dava para comer um churrasco de tourito magro, farinha grossa e herva caúna e nem um naco de fumo... e tudo, debaixo de tanta somiticaria e choradeira, que parecia que era o seu proprio couro que elle estava lonqueando...

Só para tres viventes elle olhava nos olhos: era para o filho, menino cargozo como uma mosca, para um baio cabos! negros, que era o seu parrelheiro de confiança, e para um escravo, pequeno ainda, muito bonitinho e preto como carvão e a quem todos chamavam sómente o — Negrinho.

A este não deram padrinho nem nome; por isso o Negrinho se dizia afilhado da Virgem, Senhora Nossa, que é a madrinha de quem não a tem.

Todas as madrugadas o Negrinho galopeava o parrelheiro baio; depois conduzia os avios do chimarrão e á tarde soffria os máus tratos do menino, que o judiava e se ria.

Um dia, depois de muitas negaças, o estancieiro atou carreira com um seu vizinho. Este queria que a parada fosse para os pobres; o outro que não, que não! que a parada devia ser do donho do cavallo que ganhasse. E trataram: o tiro era de trinta quadras, a parada, mil onças de ouro.

No dia aprazado, na cancha da carreira havia gente como em festa de santo grande.

Entre os dois parrelheiros a gaúchada não sabia se decidir, tão perfeito era e bem lançado cada um dos animais. Do baio era fama que quando corria, corria tanto, que o vento assobiava-lhe nas crinas; tanto, que só se ouvia o barulho, mas não se lhe viam as patas baterem no chão... E do mouro era voz que quanto mais cancha, mais agüente, e que desde a largada elle ia ser como um laço que se arrebeta...

As parcerias abriram as guaiacas, e ahí no mais já se apostavam apêros contra rebanhos e redomões contra lenços.

— Pelo baio! Luz e doble!...

— Pelo mouro! Doble e luz!...

Os corredores fizeram as suas partidas á vontade e depois as obrigadas; e quando foi na ultima, fizeram ambos a sua senha e se convidaram. E amagando o corpo, de rebenque no ar, largaram, os parrelheiros meneando cascos, que parecia uma tormenta...

— Empate! Empate! gritavam os aficionados ao longo da cancha por onde passava a parrelha veloz, compassada como n'uma colhéra.

— Valha-me a Virgem madrinha, Nossa Senhora! gemia o Negrinho. Si o sete leguas perde, o meu senhor me mata! Hip! hip! hip!...

E baixava o rebenque, cobrindo a marca do baio.

— Si o corta-vento ganhar é só para os pobres!... retrucava o outro corredor. Hip! hip!

E cerrava as esporas no mouro.

Mas os flétes corriam, compassados como numa colhéra. Quando foi na ultima quadra, o mouro vinha arrematado e o baio vinha aos tirões... mas sempre juntos, sempre emparelhados.

E ás duas braças da raia, quasi em cima do laço, o baio assentou de sopeção, poz-se em pé e fez uma cara-volta, de modo que deu ao mouro tempo mais que preciso para passar, ganhando de luz aberta! E o Negrinho, de em pêlo, agarrou-se como um ginetaço.

— Foi mau jogo! gritava o estancieiro.

— Mau jogo! secundavam os outros da sua parceria.

A gaúchada estava dividida no julgamento da carreira: mais de um torrena coçou o punho da adaga, mais de um desprezilhava a pistola, mais de um virou as esporas para o peito do pé... Mas o juiz, que era um velho do tempo da guerra de Sepé-Tiarayú, era um juiz macanudo, que já tinha visto muito mundo. Abanando a cabeça branca sentenciou, para todos ouvirem.

— Foi na lei! A carreira é de parada morta; perdeu o cavallo baio, ganhou o cavallo mouro. Quem perdeu, que pague. Eu perdi cem gareadas; quem as ganhou venha buscal-as. Foi na lei!

Não havia o que alegar. Despeitado e furioso o estancieiro pagou a parada, á vista de todos atirando as mil onças de ouro sobre o poncho do seu contrario, estendido no chão.

E foi um alegrão por aquelles pagos, porque logo o ganhador mandou distribuir tambeiros e leiteiras, covados de baeta e baguetes e deu o resto, de móta, ao pobrerio. Depois as carreiras seguiram com os changueiritos que havia.

O estancieiro retirou-se para a sua casa e veio pensando, pensando, calado, em todo o caminho. A cara delle vinha lisa, mas o coração vinha corcoveando como touro de banhado laçado a meia espalda... O trompaço das mil onças tinha-lhe arrebetado a alma.

E conforme apeiou-se, da mesma vareda mandou amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho.

Na madrugada sahiu com elle e quando chegou no alto da coxilha falou assim:

— Trinta quadras tinha a cancha da carreira que tu perdeste: trinta dias ficarás aqui pastoeirando a minha tropilha de trinta tordilhos negros... O baio fica de piquete na sogá e tu ficarás de estaca!

O Negrinho começou a chorar, emquanto os cavalos iam pastando.

Veiu o sol, veiu o vento, veiu a chuva, veiu a noite. O Negrinho, varado de fome e já sem força nas mãos, enleiou a sogá num pulso e deitou-se encostado a um cupim.

Vieram então as corujas e fizeram roda, voando, paradas no ar e todas olhavam-no com os olhos reluzentes, amarelos na escuridão. E uma piou e todas piaram, como rindo-se delle, paradas no ar, sem barulho de azas.

O Negrinho, tremia, de medo... porém de repente pensou na sua madrinha Nossa Senhora e soceçou e dormiu.

E dormiu. Era já tarde da noite, iam passando as estrelas; o Cruzeiro appareceu, subio e passou; passaram as Tres Marias; a estrela d'alva subiu... Então vieram os guarachains ladrões e farejaram o Negrinho e cortaram a guasca da sogá. O baio sentindo-se solto rufou a galope, e toda a tropilha com elle, escaramuçando no escuro e desguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho; os guarachains fugiram, dando berros de escarneo.

Os galos estavam cantando, mas nem o ceu nem as barras do dia se encher-gava: era a cerração que tapava tudo.

E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou.

O menino maléva foi lá e veio dizer ao pai que os cavalos não estavam. O estancieiro mandou outra vez amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho.

E quando já era noite fechada ordenou-lhe que fosse campear o perdido. Rengueando, chorando e gemendo, o Negrinho pensou na sua madrinha Nossa Senhora e foi ao oratorio da casa, tomou o coto de vela aceso enfrente da imagem e sahiu para o campo.

Por coxilhas e canhadas, na beira dos lagoões, nos paradeiros e nas restingas, por onde o Negrinho ia passando, a vela benta ia pingando cêra no chão: e de cada pingo nascia uma nova luz, e já eram tantas que clareavam tudo. O gado ficou deitado, os touros não escarvaram a terra e as mandas chucas não disparavam... Quando os galos estavam cantando, como na vespera, os cavallos relincharam todos juntos. O Negrinho montou no baio e tocou por deante a tropilha, até a coxilha que o seu senhor lhe marcára.

E assim o Negrinho achou o pastoreio. E se riu...

Gemendo, gemendo, o Negrinho deitou-se encostado ao cupim e no mesmo instante apagaram-se as luzes todas; e sonhando com a Virgem, sua madrinha, o Negrinho dormiu. E não appareceram nem as corujas agoureiras nem os guarachains ladrões; porém peor do que os bichos máus, ao clarear o dia veio o

menino, filho do estancieiro e enxotou os cavallos, que se dispersaram, disparando campo fóra, retouçando e desguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho e o menino maléva foi dizer ao seu pai que os cavallos não estavam lá...

E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou...

O estancieiro mandou outra vez amarar o Negrinho pelos pulsos, a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho... dar-lhe até elle não mais chorar nem bulir, com as carnes recortadas, o sangue vivo escorrendo do corpo... O Negrinho chamou pela Virgem sua madrinha e Senhora Nossa, deu um suspiro triste, que chorou no ar como uma musica, e pareceu que morreu...

E como já era de noite e para não gastar a enxada em fazer uma cova, o estancieiro mandou atirar o corpo do Negrinho na panela de um formigueiro, que era para as formigas devorarem-lhe a carne e o sangue e os ossos... E assanou bem as formigas; e quando ellas, raivosas, cobriram todo o corpo do Negrinho e começaram a trincal-o, é que então elle se foi embora, sem olhar para traz.

Nessa noite o estancieiro sonhou que elle era elle mesmo, mil vezes e que tinha mil filhos e mil negrinhos, mil cavallos baios e mil vezes mil onças de ouro... e que tudo isto cabia folgado dentro de um formigueiro pequeno...

Cahiu a serenada silenciosa e molhou os pastos, as azas dos passaros e as cascas das frutas.

Passou a noite de Deus e veio a manhã e o sol encoberto.

E tres dias houve cerração forte, e tres noites o estancieiro teve o mesmo sonho.

A peonada bateu o campo, porém ninguém achou a tropilha e nem rastro.

Então o senhor foi ao formigueiro, para ver o que restava do corpo do escravo.

Qual não foi o seu grande espanto, quando chegado perto, viu na boca do formigueiro o Negrinho de pé, com a pele lisa, perfeita, sacudindo de si as formigas que o cobriam ainda!... O Negrinho, de pé, e ali ao lado, o cavallo baio e ali junto, a tropilha dos trinta tordilhos... e fazendo-lhe frente, de guarda ao mesquinho, o estancieiro viu a madrinha dos que não a tem, viu a Virgem, Nossa Senhora, tão serena, pousada na terra, mas mostrando que estava no céu... Quando tal viu, o senhor cahiu de joelhos diante do escravo.

Ei o Negrinho, sarado, e risonho, pulando de em pêlo e sem redeas, no baio, chupou o beijo e tocou a tropilha a galope.

E assim o Negrinho pela ultima vez achou o pastoreio. E não chorou, e nem se riu.

Correu no vizindario a nova do fadario e da triste morte do Negrinho, devorado na panela do formigueiro.

Porém, logo, de perto e de longe, de todos os rumos do vento, começaram a vir noticias de um caso que parecia um milagre novo...

E era, que os posteiros e os andantes, os que dormiam sob as palhas dos ranchos e os que dormiam na cama das macéguas, os chasques que cortavam por atalhos e os tropeiros que vinham pelas estradas, mascates e carreteiros, todos davam noticia — da mesma hora — de ter visto passar, como levada em pastoreio, uma tropilha de tordilhos, tocada por um Negrinho, ginetando de em pêlo, em um cavallo baio!...

Então, muitos accenderam velas e rezaram o Padre-nosso pela alma do judiado. Dahi por deante, quando qualquer christão perdia uma cousa, o que fosse, pela noite velha o Negrinho campeava e achava, mas só entregava a quem accendesse uma vela, cuja luz elle levava para pagar a do altar da sua madrinha, a Virgem, Nossa Senhora, que o remiu e salvou e deu-lhe uma tropilha, que elle conduz e pastoreia, sem ninguém vêr.

Todos os annos, durante tres dias, o Negrinho desaparece: está metido em algum formigueiro grande, fazendo visita ás formigas, suas amigas; a sua tropilha esparrama-se; e um aqui, outro por lá, os seus cavallos retouçam nas manadas das estancias. Mas ao nascer do sol do terceiro dia, o baio relincha perto do seu ginete; o Negrinho monta-o e vai fazer a sua recolhida; é quando nas estancias acontece a disparada das cavalhadas e a gente olha, olha, e não vê ninguém, nem na ponta, nem na culatra.

Desde então e ainda hoje, conduzindo o seu pastoreio, o Negrinho, sarado e risonho, cruza os campos, corta os macegais, bandeia as restingas, desponta os banhados, vara os arroios, sobe as colilhas e desce ás canhadas.

O Negrinho anda sempre á procura dos objectos perdidos, pondo-os de geito a serem achados pelos seus donos, quando estes accendem um coto de vela, cuja luz elle leva para o altar da Virgem Senhora Nossa, madrinha dos que não a tem.

Quem perder suas prendas no campo, guarde esperança: junto de algum moirão ou sob os ramos das arvores, accenda uma vela para o Negrinho do pastoreio e vá lhe dizendo — Foi por ahi que eu perdi... Foi por ahi que eu perdi... Foi por ahi que eu perdi!...

Si elle não achar... ninguém mais

J. SIMÕES LOPES NETO.

(Das Lendas do Sul).

FRANK H. TYLER

PROFESSOR DE INGLEZ



Av. Paulo de Frontin, 358

— Trata-se depois das 20 hs. —

Discos

GRAVAÇÕES POPULARES

Odeon — 11634 — «Couradas em Madrid» — marcha de João de Barro e Alberto Ribeiro e «Pastorinhas» — marcha de Noel Rosa e João de Barro. Foram muito bem arranjadas por Radamés Gnattali o que constitue uma boa tentativa a ser cultivada. Acreditamos porém que, quanto ás Pastorinhas, não houve melhoria absolutamente. Perdeu aquele sabor de naturalidade, de coisa viva e passou a ser uma coisa um pouco pretenciosa, um pouco «feita em gabinete». Foram executados pela orchestra Odeon, com coro, sob a direcção de S. Bountmann.

Odeon — 11640 — «Deixe jalar» — samba de Nelson Petersen. Cantado por Carmem Miranda. Samba fraco, bom desempenho da cantora. «Quem condena a batucada» — samba do mesmo autor, cantado por Aurora Miranda. Samba fraco, interpretação regular.

Odeon — 11641 — «Blom blom», marcha de Alberto Ribeiro e Satiro de Mello e «Não olhes pra traz», samba de Alberto Ribeiro. Fracos.

Odeon — 11635 — «Samba triste», samba-canção de J. Cascata e Lionel de Azevedo e «Revivendo», valsa da mesma parceria. Muito ruins. Interpretação de Gastão Formenti, pessima.

Odeon — 11638 — «Peixe do mar» e «Já que desse um cheiro» — emboladas de Manuel Araujo cantadas pelo autor. Sem importancia.

Odeon — 11636 — «Rutilante estrela», valsa e «Já tens um novo amante», valsa — ambas de Paraguassú, cantadas pelo autor. Ruins de todo o geito.

Odeon — 11644 — «Nossa terra», marcha de Saint-Clair Sena e «Não sorria assim pra mim», samba de Saint-Clair Sena e Antonio Almeida. Fraquissimos. Cantados por Neide Martins, que merecia coisa muito melhor.

Odeon — 283169 — «Thé one, I love», fox; e «Melody Farm», fox; ambos de Br. Kaper, W. Jurman, e Gus Kahn, do film «Diabinho de Saias». De muito interesse. Desempenho de Will Osborne e sua orchestra.

Odeon — 283167 — «Always and always», fox de E. Ward, Bob Wright e Chet Forrest, do filme «Manequim». Eis um fox de grande delicadeza cuja melodia, embora facil, é muito bem trabalhada. Desempenho excellente de Bob Crosby e sua orchestra.

Odeon — 2369 — «Valsa da Philharmonica» de E. Di Lazzaro. Esta interessantissima e conhecida melodia merece ser ouvida nessa gravação a cargo de Massobrio, Caldarella e seu conjunto caracteristico.

M. R.

— Trabalho fundamental no genero é o que sr. Renato Almeida vem de consagrar a um dos grandes intitutos do mundo de hoje: A Liga das Nações. Constituição, estrutura e funcionamento do tribunal de Genebra são irrealizavelmente explicados nessas paginas.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Getulio Vargas — A NOVA POLITICA DO BRASIL — 5 volumes — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
 Cyro dos Anjos — O AMANUENSE BELMIRO — Romance — 2a. edição — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
 Mario Sette — OS AZEVEDOS DO POÇO — Romance pernambucano — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
 Jayme de Barros — SETE ANNOS DE POLITICA EXTERIOR DO BRASIL — Edição do Departamento Nacional de Propaganda — Rio de Janeiro.
 Jonathas Serrano — ESTA VIDA QUE PASSA... — Livraria F. Briguier Editora — Rio de Janeiro.
 Julio Bello — MEMORIAS DE UM SENHOR DE ENGENHO — Volume 11 da Collecção «Documentos Brasileiros» — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
 Renato Almeida — A LIGA DAS NAÇÕES — Constituição, Estrutura e Funcionamento — Editora S. A. «A Noite» — Rio de Janeiro.
 Vinicius de Moraes — NOVOS POEMAS — Collecção «Documentos Vivos» — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
 Jorge de Lima — A TUNICA INCONSUBTIL — Cooperativa Cultura Guanabara Ltda. — Rio de Janeiro.
 Emilio de Mäya — O DRAMA DO PETROLEO — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
 Afranio Peixoto — CLIMA E SAÚDE — Collecção «Brasiliana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
 Aurelio Porto — FARRAPIADA — Poemas do Rio Grande Heroico — Rio de Janeiro.
 Hugo Gouthier de Oliveira Gondim — LE BRÉSIL ET LES ÉCHANGES AVEC L'UNION BELGO-LUXEMBOURGEOISE — Bruges.
 José Lavrador — HEROES DE NOVENTA E TRES — Episodios da lucta sulina no inicio da Republica — Officinas Alba — Rio de Janeiro.
 Manoilescu — O SECULO DO CORPORATIVISMO (Doutrina do Corporativismo integral e puro) — Traducção de Azevedo Amaral — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.

O VIAJANTE

Elle caminhava sosinho pela estrada, sem cumprimentar pessoa alguma, numa indiferença infinita. Andava, só andava. Nada mais. Um dia, percebeu que sua vida assim não tinha significação. Era absolutamente inutil.

Então, resolveu fazer o bem. Estudou, fez-se sabio, e começou a dar conselhos aos que encontrava no caminho. Os outros riam e continuavam errando. Trabalhou, fez-se rico, e começou a distribuir esmolas. Apesar disso, os mendigos não diminuam de numero, a miseria continuava por toda parte. Fez-se santo, e pregou ás massas o nome de Deus. Os homens promettiam regenerar-se, mas continuavam a peccar. Por mais que elle fizesse o bem, o mal sempre existia do mesmo geito no mundo. Elle comprehendeu que assim sua vida nada realizava. Era absolutamente inutil.

Então, resolveu fazer o mal. Começou a dizer mentiras aos que passavam na estrada. Os espertos não se fiavam nelle e continuavam o caminho. Os tolos cahiam no logro, depois protestavam em altos gritos. Mas, apesar do exemplo, havia sempre tolos cahindo na armadilha. Depois passou a assaltar os homens

ricos que encontrava. Elles continuavam sempre apparecendo, dispostos a ser despojados da bolsa. Depois, pôz-se a matar todos que passavam ao alcance. Nem por isso deixou de passar gente pelo caminho. Assim foi commettendo infinitos crimes. O mundo continuava no mesmo. Tambem assim sua vida era inutil.

Então, reconhecendo a inutilidade permanente da vida, elle parou no meio da estrada. Sentou-se, á espera da morte. Mas, meditando um instante, levantou-se. Pôz-se a caminhar em passos desesperados e exaustos, comprehendendo a inutilidade de sua morte...

CARVALHAL RIBAS.

NESTE NUMERO

O BOLETIM DE ARIEL ingressa, com a publicação deste numero, em seu oitavo anno de vida. Essa jornada que fica para traz já é bastante longa, não tanto pela expressão (numérica, mas, e principalmente, pela série de obstaculos que uma revista da natureza do BOLETIM deve encarar e transpôr, na sua missão de divulgar todos os assumptos da cultura litteraria, artistica e scientifica. Deixamos aqui o nosso agradecimento sincero a todos os que, collaboradores, leitores e annunciantes, vêm prestigiando a nossa tarefa intellectual e animando a nossa caminhada com as mais carinhosas demonstrações de sympathia e de amizade. Juntamos ao presente numero, como de costume, o Indice remissivo de autores, artigos, assumptos e principaes allusões, a exemplo do que fizemos em annos anteriores, Indice esse que facilitará aos leitores que colleccionam o BOLETIM DE ARIEL uma consulta rapida e directa ás paginas que publicámos em nosso septimo anno de existencia.

O sr. Lindolfo Color terminou ha pouco o volume em critica de Lisboa, transcrevemos neste numero do BOLETIM que estuda, á luz de documentos novos, *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos*. Desse volume de exposição e de analyse historicas, que a Livraria José Olympio Editora lançará em sua collecção de «Documentos Brasileiros», extrahimos, graças á gentileza do autor, algumas paginas que estampamos neste numero do BOLETIM DE ARIEL.

Da *Seara Nova*, o magnifico semanario de doutrina e o poema «Embarcar», de João Falco, bem como o interessante artigo de critica social em que Nuno Rodrigues dos Santos reune «Apontamentos para um estudo sobre a valorização economica do portuguez».

Acaba de apparecer:

REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL

Em todas as livrarias ♦♦ PREÇO: 4\$000

Pedidos á Civilização Brasileira S. A.
RIO DE JANEIRO

LUIZ EDMUNDO, o illustre autor de "O Rio de Janeiro

no tempo dos Vice-Reis", lança o seu novo livro:

"O Rio de Janeiro do Meu Tempo"

● Este livro é o depoimento de um historiador de raça, "que evoca os ultimos dias do seculo que passou e os primeiros do que está passando". Repositorio valiosissimo, por constituir quasi um "livro de memorias" vivido pelo autor, que o enriqueceu com as illustrações originaes de Marques Junior, Henrique Cavalleiro, Armando Pacheco, Raul Calixto, Gil, J. Carlos, Rocha, Daniel Julião Machado, Lobão e outros e as photographias de Marc Ferrez, Luiz :::::::::: Bueno, W. Crown e Augusto Malta. ::::::::::



PREÇO DA OBRA COMPLETA

(3 grossos volumes, 1.232 paginas, 460 desenhos feitos por 18 caricaturistas, 214 photographias) :

Brochura	70\$000 os 3 volumes
Encadernação Simples	100\$000 os 3 volumes
Encadernação de Luxo.....	120\$000 os 3 volumes

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E NA

Livraria Civilização Brasileira

Matriz : RUA DO OUVIDOR, 94 — Rio de Janeiro

Filial : RUA 15 DE NOVEMBRO, 144 — São Paulo

E

LIVRARIA DO EDIFICIO ALHAMBRA

(ABERTA ATÉ AS 23 HORAS)

IMPORTANTE : No Rio entregamos á domicilio, pedidos pelos telefones : 22-6773 e 42-0390. No Interior atendemos pelo "SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL" que significa pagar quando o correio entregar.

ACABA DE APPARECER:

HISTORIA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL (1.º volume) do Padre Serafim Leite S. J.

«Um livro é uma acção. Pode ser grande acção, que outras recorde e a outras incite. Terá o livro, na historia humana, valor muito mais alto do que aquelle que geralmente se lhe attribue, de ser a historia e de fazer a historia, a vida da humanidade. Nada, pois, mais augusto.

Estes pensamentos, que têm emphase e dignidade, nos vêm, precisamente, da contemplação de um grande livro, desses que uma civilização não terá nunca demasiados para exhibir, ou de que se ufanar.

E' um livro, grande livro, até no aspecto magestoso, mas cujo conteúdo ideologico é ainda maior, porque é um livro de historia, de historia de nossa Patria, que relata o Brasil no berço, o Brasil infante, como o iria criar Portugal, servido pela Companhia de Jesus, criando a civilização latina e christã, em terras de Santa Cruz.

Acaba de se publicar a «Historia da Companhia de Jesus no Brasil», do Padre Dr. Serafim Leite, S. J. E' o primeiro volume, e outros virão. E' um monumento erguido, tanto aos jesuitas, nossos primeiros mestres, como ao alumno dilecto delles, o Brasil.

Disse Capistrano de Abreu, o nosso maior historiador, que a historia do Brasil não poderia ser escripta antes da historia da Companhia de Jesus no Brasil. Sabia porque. Os documentos, poucos e esparsos, de tão preciosos davam idéa do que seria o manancial dos archivos sellados da Companhia. Havia cartas de jesuitas publicadas em traducção em varios livros estrangeiros, e recoltas nacionaes se ensaiaram. Havia precioso codice tirado á casa de São Roque e dada por Pombal ao Conselheiro Lara e Ordonhes, que o dera a D. João VI, para a Bibliotheca Nacional. Capistrano e Veiga Cabral puzeram-se a publicar documentos jesuiticos. Ajudou-os Teixeira de Mello. Mas ficaram em meio. A Academia Brasileira, no serviço publico de que se poderá sempre vangloriar, emprehendeu reunir o acervo nas suas publicações. Sahiram as «Cartas de Nobrega», annotadas pelo Sr. Rodolpho Garcia; sahiram as «Cartas Avulsas», de vinte e tantos missionarios, annotadas pelo Sr. Afranio Peixoto; sahiram as Cartas de Anchieta, annotadas pelo Sr. Alcantara Machado. Mas não era bastante.

Foi quando a Companhia de Jesus resolveu abrir os seus archivos á Historia do Brasil e confiou a um dos seus o formidavel encargo de pesquisar esses archivos e escrever esta historia. O escolhido foi o Dr. Serafim Leite, que já conhecia nossa Patria e tinha tirocinio de escriptos historicos e sociologicos, que o recomendavam. Depois de annos, em Roma, no Gesù, e pela Europa, onde havia documentos jesuiticos, tirou copias photographicas de tudo, a decifrar, a ler, a comprehender, a elucidar. Um trabalho heroico e abnegado.

Antes, porém, da primeira linha veio ao Brasil para ter o contacto directo com a terra e a gente, a côr local, a alma dispersa do Brasil, recolhida num coração de apostolo, que andou por toda a parte entre nós, embevecido e orgulhoso, repetindo a palavra inicial de Nobrega ao chegar em 1549 á Bahia: *esta terra é nossa empresa*. Era um Brasil inexistente, terra erma, mato-grosso, que tal esperança tornava sagrada... E outro jesuita, no século XX, acha immenso paiz, cheio de grandes possibilidades, e com as lagrimas nos olhos e o amor no coração, que reza embevecido a mesma oração orgulhosa de Nobrega: *esta terra foi a nossa empresa*...

Tornou o Dr. Serafim Leite a sua casa de Lisboa e poz-se a escrever a «Historia da Companhia de Jesus

no Brasil». As aparas, a sobra da obra, trechos de mármore ou troços de bronze, foram levados da officina para as sociedades sabias, para revistas technicas, para as columnas do «Jornal do Commercio», para um concurso publico. Foi o Brasil vendo que tinha razão Capistrano: não se pode, não se poderia, antes da historia delles, os Jesuitas no Brasil, escrever a nossa historia. São Paulo viu a historia da fundação de Piratininga mal contada, com lacunas e erros, rectificada. João Ramalho, longe de ser um inimigo dos padres, foi delles auxiliar, com sua prole e seus parentes indios. Santo André da Borda do Campo, Maniçoba, Geribitiba, as aldeias dispersas, ao genio do Jesuita, por economia e para defesa, é que se reúnem em torno da colina sagrada, que escolhera o Padre Nobrega e ali, no dia da Conversão do Apostolo das Gentes, é que se inaugura São Paulo, do qual será defensor Tebiriçá, o sogro de João Ramalho, que, este, lhe será o capitão-mór em 1562, primeiro patriarcha, pioneiro dos paulistas, braço direito dos padres na entrada do sertão.

Cartas ineditas vêm a lume, datas se corrigem, sucessos se sabem e a historia certa do Brasil emerge do pelago de nossa insciencia, como uma ilha resplandecente de coral que brotasse do abysmo para a gloria da luz.

Os entendidos tinham porém a curiosidade insoffrida e contavam os mezes por annos, na impaciencia da obra. E eis que ella nos chega e eis que é como a esperavamos. Grande, na sua factura material. Ha muito dos prélos da Europa e da America não sae livro mais nobre e mais magestoso. Grande na sua compleição espiritual; o nosso Capistrano de Abreu teria lagrimas de emoção nos olhos: — outro jesuita, como o primeiro, Nobrega, lhe relata os feitos, seus e dos seus, num livro mestre, digno desse apostolado jesuita no Brasil «obra sem exemplo na historia»...

De todas as immensas obras jesuitas no mundo, o Brasil é a maior. A obra na Europa foi formidavel, de educação da mocidade; o chanceller Francis Bacon insuspeitamente dissera, já no século XVII, «nada se podia fazer de melhor». Mas veio a tormenta liberal do século XVIII, e lá se foi. O Japão, de S. Francisco Xavier? Ou a China? Ou o Paraguay? Tudo tornou ao que era, melhorado certamente, mas sem memoria dos apostolos que approximaram da civilização esses povos, differentes ou barbaros.

O Brasil é que foi a grande obra jesuitica, a obra que vingou, a «nossa empresa» de Nobrega, a «obra sem exemplo na historia», de Capistrano. E' essa obra que começa a relatar um grande jesuita, pelos outros grandes jesuitas que a fizeram, num grande livro que é uma obra prima, de devoção e patriotismo. O livro do Dr. Serafim Leite, «Historia da Companhia de Jesus no Brasil», este grande primeiro volume, é a certidão de baptismo desse nosso Brasil, não só á fé, como á civilização.

Quizeramos que alguém, publicamente qualificado para isso, representando o Brasil, — o Governo, pelo Ministerio da Educação; as sociedades sabias; a imprensa; os brasileiros cultos — conhecendo a grande acção que é tal livro, manifestasse á Companhia de Jesus, uma vez mais, a nossa gratidão, a gratidão nacional, agora já consciente, pelo grande documento deste livro. O Dr. Serafim Leite, S. J. bem merece, por elle, a benção e o applauso do Brasil.

(Transcripto do «Jornal do Commercio».)

Preço do 1.º volume brochado: 35\$000

Distribuidora: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A. — Rua do Ouvidor, 94

IMPORTANTE: No Rio entregamos á domicilio, pedidos pelos telephones: 22-6773 e 42-0930. No Interior attendemos pelo «SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL» que signitica pagar quando o correio entregar.

MONTEIRO LOBATO

Amigo Leo Vaz:

Se V. gostou tanto da "HISTORIA DA FILOSOFIA", de Will Durant, vai babar-se agora com THE MANSIONS OF PHILOSOPHY, que traduzi como "FILOSOFIA DA VIDA", porque - quem entenderia, aqui, o titulo literal, AS MAN-SÕES DA FILOSOFIA ? E para a escolha do novo titulo baseei-me no proprio Durant, que começa o prefacio dizendo: "This book is an attempt at a consistent philosophy of life. " ("Consistent !... Ingleses e americanos fazem grande uso desta palavra, para nós cada vez mais sem sentido ...)

Mas que livro, Jeremias ! Que repositorio da coisa mais escassa entre nós: sabedoria, bom senso ! E sabedoria moderna, isto é, rica de todas as finuras do espirito moderno - a ironia alegre, o aticismo entre grego e gaulês, as sutis indiretas á politicagem e á "bigotry". Um perfeito diabo, este Will Durant, um amenissimo Voltaire bem merecedor do tremendo sucesso de suas obras. Com a primeira, já posta em todas as linguas decentes e com tiragem, na America, pegando o milhão, ganhou ele mais que entre nós um genio do comercio que passa a vida a falsificar banha. E de tal modo seduziu o mundo, que a filosofia entrou em moda, é o "dernier cri" de hoje - ela, a coitada que, já toda teias de aranha, vivia esquecida no quarto de badulaques do pensamento humano.

E tão cotada ficou que os editores não tem mãos a medir no reeditar velhos filosofos, Kant, Spinoza, os gregos - todos ! Nas bibliotecas americanas a consulta de obras filosoficas subiude 200% - e o mesmo se daria aqui... se tivéssemos bibliotecas.

E quanta razão ha para isso ! Vejo-o por mim. Já li este livro, sabe quantas vezes ? Seis ! A primeira, no original - e foi a revelação. Outra, ao traduzi-lo. Outra, ao corrigir minha tradução. Outra, ao rever as provas tipograficas. Outra, ao rever a primeira edição para a fatura da segunda. Outra, ao rever as provas da segunda. Seis - e não basta. Lerei dez, vinte. Quero ficar morando em Will Durant como na mais deliciosa das mansões !

E que millionario de ideias proprias ele é ! Faz a critica dos totalitarismos opressores do pensamento com estas palavras: "A liberdade de cultivar ideias falsas é o unico meio que temos de, ocasionalmente, conseguirmos uma verdadeira. " Não é puro Voltaire ? E dá medida do seu aperfeiçoamento moral com estas: "Sempre que lutei, vi as resistencias redobram-se - mas sempre que ameí venci". Não é puro Cristo ?

Sáí da concha, ó caramujo, e espoja teu espirito neste tapete persa da superioridade mental - e deixa-te nele ficar. Quem entra em Will Durant e não fica, está fichado. Porque "though understanding no jpy is alien to us" - e o realmente bom "is to sit at the feet of Plato in the City of God". É ou não é, ó caramujo ?

Monteiro Lobato

Collecção "BRASILIANA"

Ultimas publicações na grande bibliotheca de cultura
editada pela COMPANHIA EDITORA NACIONAL

O DOMINIO HOLLANDEZ NO BRASIL — *Hermann Wätjen* — Vol. 123.

O panorama do Brasil hollandez foi realizado pelo grande professor de Historia da Universidade de Heidelberg, Hermann Wätjen, que o publicou em 1921, na Allemanha. Estava, assim, vedada ao nosso publico, que conhece pouco o idioma allemão, a obra mestra, a obra mais completa e robusta sobre um dos capitulos mais movimentados e significativos da nossa historia. Ficariamos ainda por muito tempo no desconhecimento de tal livro, se não fora a iniciativa da Cia. Editora Nacional de editar na «Brasiliana» a tradução do famoso livro, e assim entregal-o ao nosso publico.

«O Dominio Colonial Hollandez no Brasil» é um livro de copiosa e erudita informação historica, que o autor bebeu na Hollanda, em Portugal, e aqui no Brasil, onde esteve apenas entregue ao trabalho de rebuscar em nossos archivos todos os documentos esclarecedores da ação de Nassáu e dos hollandezes no Brasil. E' um livro completo, realizado com aquella segura erudição allemã, estudando desde a origem da navegação para as Indias, no inicio do seculo 17, até a formação, o apogeu e a ruina do Brasil Hollandez, de 1644 a 1654. O governo do Conde Mauricio de Nassau, de 1637 a 1644, ocupa o Capitulo 3.º da obra, um dos mais interessantes, como tambem aquelles relativos á organização e administração da colonia, á egreja no Brasil Hollandez, ás relações entre a população branca e a gente de côr, porisso que a obra focaliza todos os aspectos sociaes daquella rapida e fecunda ação Hollandeza em Pernambuco.

A tradução deste livro foi pelo Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti, directamente do original allemão, para a «Brasiliana».

Broch. 15\$000

A CORTE DE PORTUGAL NO BRASIL — *Luiz Norton* — Vol. 124.

Livro interessante, a um tempo erudito e agradável, esse que o Dr. Luis Norton escreveu e que acabamos de editar na «Brasiliana».

Aqui o ilustre historiador e diplomata portuguez estuda o ambiente, a côr, a feição humana e social da côrte portugueza no Brasil. E' um passeio áquelle tempo, uma volta aos primeiros dias do Brasil, aquelles que se desenrolaram entre estes dois eixos que serviram ao dr. Luis Norton como limites ao estudo feito em seu livro: a Transferencia da corte de D. João VI para o Brasil e a abdicação de Pedro I.

Como vêm «A Côrte de Portugal no Brasil» fixa pela primeira, em conjunto, o tempo de D. João VI e de seu aventureiro filho, o fundador do nosso Imperio, unindo assim, no mesmo trabalho de pesquisa historica e de bom gosto literario, duas epocas que se completam e harmonizam. A transferencia da côrte, o casamento do principe Dom Pedro, e as famosas negociações feitas pelo Marialva, o casamento de Dona Leopoldina, a cidade naquelle tempo, seus costumes, suas artes, suas ciencias e suas letras, Dona Leopoldina e a Independência, a coroação, a morte da Imperatriz, a abdicação.

Broch. 15\$000

VIAGEM PELAS PROVINCIAS DE RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS — *Auguste de Saint-Hilaire* — Vol. 126.

O trabalho realizado pelo famoso naturalista francez Saint-Hilaire, durante os seis annos em que viveu no Brasil, percorrendo, em estudos, todo o nosso territorio, vem sendo revelado através da tradução dos seus varios volumes, relativos aos diversos estados que palmilhou.

Agora a nossa «Brasiliana» publica a «Viagem pelas provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes», e é desnecessario exaltar o valôr raro deste livro. E' o roteiro de um viajante, o caderno de anotações de um naturalista, o diario de um homem intelligente viajando por um paiz novo e de fascinação illimitada.

Cada vol. broch. 12\$000

POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL — *Oliveira Vianna* — 4.ª edição, Vol. 10.

A grande obra de Oliveira Vianna, em que elle estuda a formação das populações ruraes do sul do Brasil, ligando-as pela mesma significação politica, observando-as de maneira aguda e poderosa, entra em sua 4.ª edição.

E' a consagração do publico, atravez de sucessivas edições, a uma obra que já merecera a consagração de todas as correntes do pensamento brasileiro, e da qual dissera Ingenieros constituir um verdadeiro monumento «que honra ala cultura de todo el continente».

Para a perfeita comprehensão d'opassado, a investigação scientifica arma, hoje, os estudiosos, com um completo systema de methodos e de instrumentos que permitem, quando bem utilizados, resultados de perfeito rigorismo e certa exatidão. Oliveira Vianna soube, melhor que ninguem, utilizar essas armas de reconstrução do nosso passado social: a força da sua obra, da qual este livro é um dos momentos mais altos, atesta-o de maneira insofismavel.

Broch. 12\$000.

EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO — *Oliveira Vianna* — 3.ª edição, Vol. 10.

Os trabalhos de pesquisa social de Oliveira Vianna, desdobram-se, neste livro, de maneira panoramica. Aqui ele estuda, como o indica o proprio titulo, a evolução do povo brasileiro. Mas evolução total, em todos os sentidos: evolução social, evolução ethnica, evolução politica. Livro cujo primeiro apparecimento data de alguns annos, foi elle objecto de vivas controversias que só fizeram, com o passar do tempo, pelo desmentido que o tempo lhe trouxe, formar para o grande livro do illustre sociologo brasileiro um verdadeiro plano de contraste, onde a sua verdade scientifica e o seu conteúdo cultural se projetam de maneira vivissima.

Aqui se estuda desde as questões geraes de sociologia, principalmente em face das modernas modificações operadas no corpo dessa ciencia, até a significação ethnica, social e politica da nossa vida social.

Trata-se da reedição de um livro de valor excepcional para a cultura brasileira, livro de profunda significação neste momento da nossa historia.

Broch. 12\$000.

EDIÇÕES DA
São Paulo

COMPANHIA

EDITORIA

NACIONAL

—

Rio de Janeiro

—

Recife

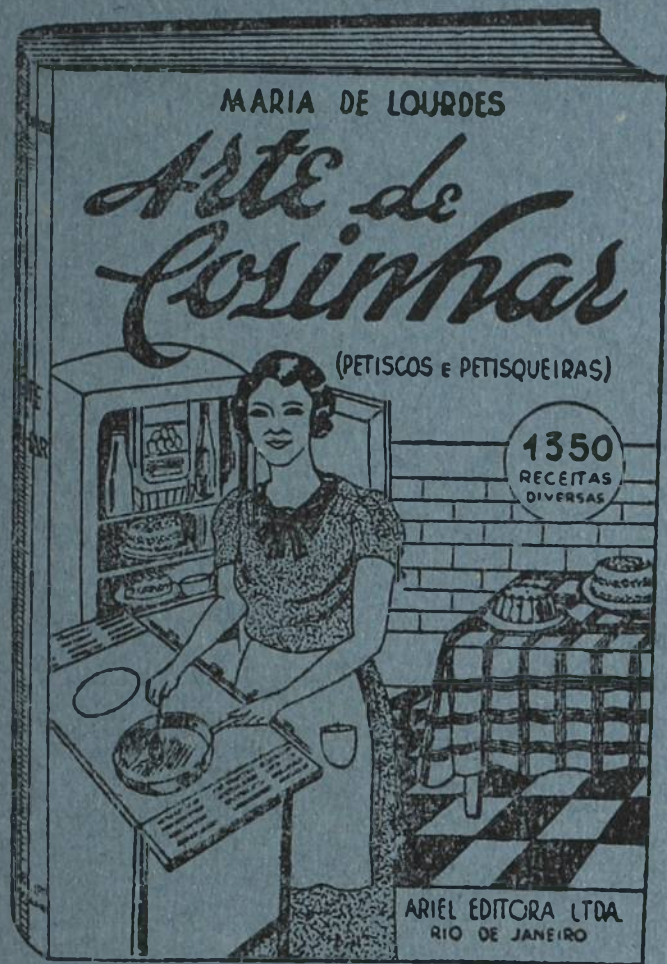
—

Bahia

—

Porto Alegre

O mais completo Livro de Cosinha



EXMAS. SNRAS.

Ampliae os vossos conhecimentos adquirindo este precioso livro.

Diferente de todos os outros, pela sua forma pratica em descrever os conteúdos das receitas, e a sua manipulação.

Mil trezentas e cincoenta

:: :: receitas diversas :: ::

CLARAS

SIMPLES

EFFICIENTES

Cem diversas receitas para Dieteticos e especiaes pratos nortistas

A arte de cosinhar complexa nas suas variadas formas, foi estudada por D. Maria de Lourdes Costa, professora, diplomada em arte culinaria, que desejando contribuir para engrandecer os conhecimentos das Snras. donas de casa neste «metier», apresenta o livro de cosinha de sua autoria contendo 1354 receitas diversas, experimentadas, para a manipulação do seguinte:

Hors d'oeuvres	Ovos	Bolos
Canapés	Legumes	Tortas
Sandwiches	Massas	Pudings
Mólhos	Licores	Molhos para pudings
Sopas		Cremes
	Refrescos	Molhos para cremes
Peixes	Sundays	
Mariscos	Sorvetes	Docinhos diversos
Crustaceos	Aperitivos	Brôas
	Cocktails	Pães
	Punches	Pãezinhos
	Toddys	Bolachas
Carnes	Egg-Noggs	Rosquinhas
Caças	Fizzes	Etc. Etc. Etc.
Aves		

ARTE DE CONFEITAR

Sobre este importante trabalho encontra-se no livro A ARTE DE COSINHAR, além das necessarias explicações, diversos desenhos das machinas e ferros para este fim, e suas applicações.

Sobre este util ensinamento que quasi todas as professoras de arte culinaria fazem «grande segredo profissional», D. Maria de Lourdes Costa, descreve em seu livro A ARTE DE COSINHAR, o mais perfeito METHODO DE CONFEITAR, podendo qualquer pessoa em sua casa, fazer doces, biscoitos, etc., saborosos e lindos, iguaes aos das confeitarias de primeira ordem.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

Volume cartonado 14\$000

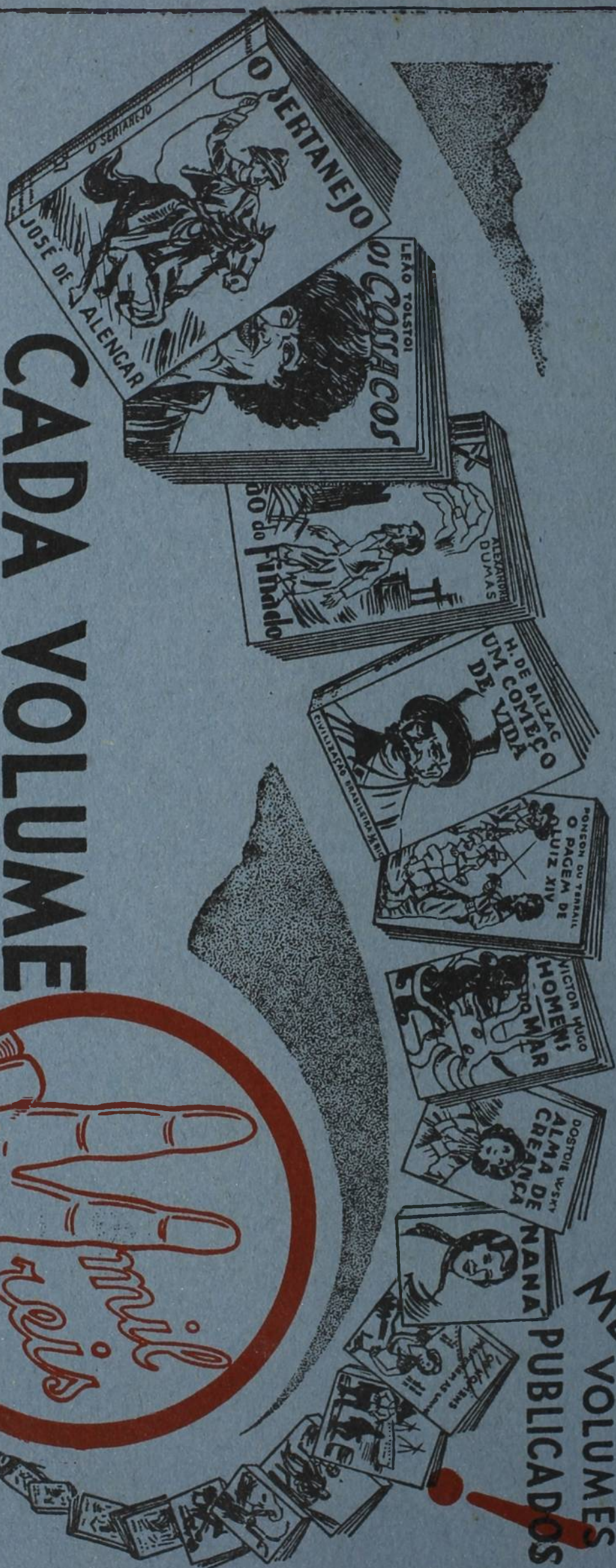
PEDIDOS A'

CIVILIZAÇÃO BRAZILEIRA S/A

Rua do Ouvidor n.º 94 — Rio de Janeiro

COLEÇÃO "SIP"

MEIO MILHÃO DE VOLUMES PUBLICADOS



CADA VOLUME

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162 - RIO